



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

PAULA CRISTINA BARROS LOPES

**GERAÇÃO I – *HABITUS* VIRTUAIS E SOCIABILIDADES EM ESCOLAS
PÚBLICAS E PRIVADAS DE FORTALEZA**

FORTALEZA

2021

PAULA CRISTINA BARROS LOPES

GERAÇÃO I – *HABITUS* VIRTUAIS E SOCIABILIDADES EM ESCOLAS PÚBLICAS E
PRIVADAS DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito de conclusão à obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Cultura, Política e Conflitos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L855g Lopes, Paula Cristina Barros.
 Geração I : habitus virtuais e sociabilidades em escolas públicas e privadas de Fortaleza / Paula Cristina Barros Lopes. – 2021.
 142 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2021.
 Orientação: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho.
1. Geração I. 2. Habitus virtuais. 3. Sociabilidades. 4. Redes sociais. 5. Internet. I. Título.

CDD 301

PAULA CRISTINA BARROS LOPES

GERAÇÃO I – *HABITUS* VIRTUAIS E SOCIABILIDADES EM ESCOLAS PÚBLICAS E
PRIVADAS DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito de conclusão à obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de concentração: Cultura, Política e Conflitos Sociais.

Aprovada em: 29/01/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Danyelle Nilin Gonçalves
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Domingos Sávio Abreu
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Maria de Assunção Lima de Paulo
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dedico esse trabalho de pesquisa, especialmente, ao Espírito Santo, que me acompanhou incondicionalmente em todas as etapas, mas, sobretudo, nas maiores dificuldades, desde as relacionadas mais diretamente ao trabalho, até as contingências da vida.

Dedico também a minha família, que me apoiou integralmente, e me ensinou que sempre é possível se superar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a todas as escolas, que tornaram possível a realização deste trabalho de pesquisa.

Agradeço, especialmente, a todos os coordenadores e diretores das escolas, que igualmente permitiram a execução de todas as etapas e condições desta pesquisa.

Agradeço a todos os jovens, que participaram da pesquisa.

Agradeço a todos, que, de algum modo, me ajudaram a construir esse trabalho.

Agradeço à Prof^a. Dr^a. Mariana Mont'Alverne Barreto Lima e Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva, pelas contribuições feitas durante a banca de qualificação.

Agradeço, particularmente, ao Professor e Orientador Irapuan Peixoto Lima Filho, pelas orientações e sugestões, mas, principalmente, pela paciência.

Agradeço a CAPES pelo financiamento da pesquisa por meio da bolsa de estudo.

Agradeço a todos os Professores e Professoras do Programa de Pós-Graduação em Sociologia que além de propiciar ricas discussões nas aulas, acrescentaram valiosas contribuições ao *modus operandi* da pesquisa.

“Quanto mais me aprofundo na ciência, mais me aproximo de Deus.” (Albert Einstein)

RESUMO

Com o advento popular e instantâneo das Redes Sociais, a Geração I de *Internet* (também conhecida como Z e pós-*millennial*) – que compreende as pessoas nascidas após a década de 1990, isto é, a geração que nasceu e cresceu junto com a publicização da *Internet* – passou a consumir conhecimento e informação, bem como se comunicar e se relacionar a partir da tecnologia digital. Além disso, os jovens que nasceram especialmente após os anos 2000, ou seja, concomitante à popularização da *Internet* e da tecnologia digital móvel, cresceram na rede e em rede, ou melhor dizendo no ciberespaço, tendo a disposição em tempo real: informação, comunicação, formação e lazer mediados pelos chamados celulares inteligentes “*Smartphones*”, o que, por conseguinte, nos levou a considerar que construíram novas formas de se relacionar no meio digital, quer dizer, criaram tanto *habitus* virtuais quanto sociabilidades, que foram incorporados, cotidianamente, dentro do ambiente virtual. Assim, pretendeu-se pesquisar de que modo poderíamos compreender a influência desse fenômeno, que nasceu da união do social com a tecnologia digital, nos *habitus* virtuais e nas sociabilidades desses jovens que estavam vivenciando suas experiências pessoais e relacionais, dentro do ciberespaço; ou ainda, investigar se existiam similaridades e diferenças nesses *habitus* virtuais e nessas sociabilidades experienciadas, dentro das redes sociais, entre jovens de escolas e classes sociais diferentes, a partir de um estudo comparativo que foi realizado entre dois formatos de Escola Pública (Escola Estadual de Ensino Profissionalizante e Escola de Ensino Fundamental e Médio) e um formato de Escola Particular (Escola Particular de Classe Média Alta). Para tanto, a metodologia englobou um modelo de análise misto, com técnicas qualitativas (questionário e grupo focal), e ferramentas quantitativas (cálculo amostral e um *software* que possibilite análises comparativas). Portanto, os resultados da pesquisa apontaram que, os jovens da Geração I, independente do formato de escola, incorporaram tanto os *habitus* virtuais quanto as sociabilidades vivenciadas dentro da *Internet* e das redes sociais ao cotidiano, sobretudo, na última década.

Palavras-chave: *Internet*. Redes Sociais. Geração I. *Habitus* Virtuais. Sociabilidades.

ABSTRACT

With the popular and instantaneous advent of Social Networks, Generation I from Internet (also known as Z and post-millennial) – which comprises people born after the 1990s, the generation that was born and grew up with advertising of the Internet – started to consume knowledge and information, as well as to communicate and relate using digital technology. Moreover, young people who were born especially after the 2000s, concomitant to the popularization of the Internet and mobile digital technology, grew up on the network and in the network, or better said in cyberspace, having the provision in real time: information, communication, training and leisure mediated by the so-called smart phones “Smartphones”, which, therefore, led us to consider that they built new ways of relating in the digital environment, they created both virtual *habitus* and sociability, which were incorporated, daily, within the virtual environment. Thus, it was intended to research how we could understand the influence of this phenomenon, which was born from the union of the social with digital technology, in the virtual *habitus* and in the sociability of these young people who were experiencing their personal and relational experiences, within cyberspace; or yet investigate if there were similarities and differences in these virtual *habitus* and in these experienced sociability, within social networks, between young people from different schools and social classes, from a comparative study that was carried out between two formats of Public School (State’s School of Professionalizing Education and Elementary and Secondary Schools) and a Private School format (Private School of Upper Middle Class). So, the methodology included a mixed analysis model, with qualitative techniques (questionnaire and focus group), and quantitative tools (sample calculation and software that allows comparative analysis). Therefore, the results of the research showed that, Generation I’s young people, regardless of the school format, incorporated both the virtual *habitus* and the sociability experienced within the Internet and social networks into their daily lives, especially in the last decade.

Keywords: Internet. Social Media. Generation I. Virtual *habitus*. Sociability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Ranking</i> de Aplicativos de Mensagens por país – janeiro, 2018	28
Figura 2 – <i>Ranking</i> de Aplicativos de Mensagens por país – janeiro, 2019	29
Figura 3 – Mídia Social: audiência dos jovens por plataforma – julho, 2019	30
Figura 4 – Mapa de distribuição geográfica das escolas no mapa da cidade de Fortaleza	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem de Penetração da <i>Internet</i> no Mundo por Regiões Geográficas – março, 2019	25
Gráfico 2 – Renda Mensal Familiar	73
Gráfico 3 – Meio mais utilizado para acessar a <i>Internet</i>	77
Gráfico 4 – Tempo Médio gasto na <i>Internet</i>	77
Gráfico 5 – Uso das Redes Sociais	79
Gráfico 6 – Rede Social que mais gosta de usar	80
Gráfico 7 – Aplicativo de Mensagem mais usado	81
Gráfico 8 – Assuntos que acompanha na <i>Internet</i>	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População residente, por sexo e grupos de idade	33
Tabela 2 – População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade	72
Tabela 3 – Exemplo de tabela de contingência	96
Tabela 4 – Pesquisam na <i>Internet</i> para fazer trabalhos escolares vs o tipo de escola	101
Tabela 5 – Hipótese 1	102
Tabela 6 – Lê livros ou revistas <i>online</i> vs tipo de escola	102
Tabela 7 – Hipótese 2	102
Tabela 8 – Conversa por chamada de voz ou vídeo vs tipo de escola	103
Tabela 9 – Hipótese 3	103
Tabela 10 – Faz cursos <i>on-line</i> vs tipo de escola	103
Tabela 11 – Hipótese 4	104
Tabela 12 – Posta na <i>Internet</i> foto ou vídeo em que aparece vs tipo de escola	104
Tabela 13 – Hipótese 5	104
Tabela 14 – Proporção de estudantes que leem livros ou revistas <i>on-line</i> por tipo de escola	105
Tabela 15 – Proporção de estudantes que fazem cursos <i>on-line</i> por tipo de escola	106
Tabela 16 – Proporção de estudantes que postam na <i>Internet</i> foto ou vídeo em que aparecem por tipo de escola	106
Tabela 17 – Lê livros ou revistas <i>online</i> vs tipo de escola	107
Tabela 18 – Faz cursos <i>on-line</i> vs tipo de escola	108
Tabela 19 – Posta na <i>internet</i> foto ou vídeo em que aparece vs tipo de escola	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

App	<i>Application</i>
ASSs	Amostragem aleatória simples sem reposição
Colégio São Luiz AD	Sede Aldeota
Colégio São Luiz WS	Sede Washington Soares
CPF	Cadastro de Pessoa Física
DVD	<i>Digital Versatile Disc</i>
EEEP José de Alencar	Escola Estadual de Ensino Profissional Professor José de Alencar
EEFM Dragão do Mar	Escola de Ensino Fundamental e Médio Pública Dragão do Mar
ENEM	Exame Nacional de Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
Geração I	Geração <i>Internet</i>
GPS	<i>Global Positioning System</i>
HTML	<i>Hypertext Markup Language</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IWS	<i>Internet World Stats</i>
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PIBID/UFC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/UFC
Quanti-Quali	Quantitativo(a) – Qualitativo(a)
Sal-min	Salário-mínimo
TV	Televisão
UFC	Universidade Federal do Ceará
UIT	União Internacional de Telecomunicações
Unifor	Universidade de Fortaleza
Wi-fi	<i>Wireless Fidelity</i>
WWW	<i>World Wide Web</i>
XML	<i>Extensible Markup Language</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Objetivos da Pesquisa	13
1.2	Composição dos Capítulos	14
1.3	Os Indivíduos e o Ciberespaço	15
1.4	Redes Sociais	27
1.5	A Geração I – <i>Internet</i>	33
2	AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS	46
2.1	O Caminho Teórico para Entender os <i>Habitus</i> Virtuais e as Sociabilidades da Geração I	47
2.2	A Trajetória Empírica para Entender os <i>Habitus</i> Virtuais e as Sociabilidades da Geração I	49
3	“TÔ DIRETO ONLINE”: UMA ANÁLISE DOS <i>HABITUS</i> VIRTUAIS E DAS SOCIABILIDADES DOS JOVENS DA GERAÇÃO I – <i>INTERNET</i>	57
3.1	Observando os Jovens na Escola	58
3.2	O Cotidiano dos Jovens na <i>Internet</i> e Redes Sociais	68
3.3	Os <i>Habitus</i> Virtuais e as Sociabilidades da Geração I	78
4	GERAÇÃO I: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS	91
4.1	<i>Habitus</i> Virtuais e Sociabilidades dos Jovens: Similaridades e Diferenças	91
4.2	Similaridades e Diferenças: Testando Hipóteses no Sistema R	100
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	119
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DAS ESCOLAS PARTICIPANTES DA PESQUISA	124
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS GRUPOS FOCAIS FORMADOS POR ESTUDANTES DAS ESCOLAS PARTICIPANTES DA PESQUISA	132
	ANEXO A – TABELAS DOS TAMANHOS AMOSTRAIS DE CADA ESCOLA/SÉRIE	133
	ANEXO B – RESUMO TEÓRICO DAS FERRAMENTAS ESTATÍSTICAS E MÉTODOS UTILIZADOS	138

1 INTRODUÇÃO

1.1 Objetivos da Pesquisa

Este trabalho teve por objetivo maior buscar entender os *habitus* virtuais e as sociabilidades, que foram criados e vivenciados, pela Geração I – *Internet*, isto é, os jovens que nasceram após os anos 1990, dentro do ciberespaço, e, em especial, das redes sociais; mas, sobretudo, como essas práticas e ações estavam integradas ao cotidiano, desses jovens.

Assim, fez-se necessário compreender - de modo específico – quais os usos que esses jovens da Geração I faziam da *Internet* e das redes sociais¹; explorar as sociabilidades que surgiram a partir do uso dessas redes de relacionamentos; examinar de que maneira essas sociabilidades constituídas dentro das redes sociais (*WhatsApp; Facebook, Instagram, Twitter, etc.*) se incorporam ao cotidiano desses jovens; analisar ainda como essas conexões das mídias sociais transformam-se em *habitus* virtuais materializados no dia a dia desses jovens; e, por fim, mas tão ou mais relevante, depreender prováveis afinidades e contrastes desses *habitus* virtuais e sociabilidades, a partir de uma vivência social comparativa entre jovens de escola pública e privada.

Para tanto, foi definida uma metodologia que possibilitasse a combinação de variados métodos. Assim, a metodologia escolhida englobou o formato Quanti/Quali², abrangendo desde observações *in loco*³ durante o intervalo do recreio, aplicação de questionários, realização de grupos focais, até a utilização de um *software* de análise quantitativa (*sistema R*⁴). Além das referências bibliográficas.

A pesquisa de campo foi realizada junto aos alunos do Ensino Médio de duas escolas públicas (modalidade regular e profissional) e uma escola particular de classe média alta (em duas sedes). Vale ressaltar ainda que, a escolha das escolas foi feita de uma forma que contemplasse variadas regiões da cidade: periférica, central e nobre, posto que o estudo teve também como propósito realizar análises comparativas dos *habitus* virtuais e das sociabilidades, desses jovens, dentro de formatos de escola diferentes, localizados em diferentes bairros de Fortaleza.

¹ *Messenger*-1999, *Orkut*-2004, *Facebook*-2004, *Youtube*-2005, *Twitter*-2006, *WhatsApp*-2009 e *Instagram*-2010.

² Utilização de métodos quantitativos e qualitativos.

³ Observações *in loco*: Optou-se por trabalhar com essa expressão, e não observação participante, por se tratar de um curto intervalo de tempo – de 20 a 40 minutos, a depender da escola - de observação, a cada visita.

⁴ *Software* de análise quantitativa disponibilizado gratuitamente. Versão Core Team 2020. *Software* livre que permite, além de, análises quantitativas, classificar o texto, criar categorias de dados textuais, comparar a frequência das categorias, fazer cruzamentos de categorias e observar a frequência em conjunto dessas categorias.

1.2 Composição dos Capítulos

Este trabalho compôs-se de cinco capítulos. O primeiro capítulo além de introduzir a temática, abordou os objetivos da pesquisa, e anunciou, de maneira breve, as principais categorias que foram trabalhadas ao longo do trabalho: *Internet*, redes sociais, Geração I, *habitus* virtuais e sociabilidades.

Já o segundo capítulo apresentou a metodologia usada na pesquisa. A escolha metodológica foi organizada de modo a contemplar um formato misto - do tipo Quanti-Quali. Esse formato compôs-se do uso concomitante de métodos quantitativos e qualitativos: no caso da parte quantitativa foram feitos cálculos estatísticos para determinar as amostras de cada escola, e foi utilizado um *software*⁵ de análise de banco de dados com linguagem relacional – sistema R; já no caso da parte qualitativa: foram realizadas aplicações de questionários (com quantitativo definido baseado no cálculo amostral) e grupos focais em cada escola. Por fim, foram incorporadas discussões teóricas que serviram de base analítica para os achados empíricos; além de outras referências bibliográficas complementares.

O terceiro capítulo além de apresentar uma análise descritiva das informações gerais (observações *in loco* e questionários) dos jovens de cada escola; introduziu uma análise dos *habitus* virtuais e das sociabilidades desenvolvidos por esses jovens, em seus cotidianos dentro da *Internet* e das redes sociais, a partir de uma experiência de pesquisa nos contextos escolares público e privado.

O quarto capítulo compôs-se de uma análise comparativa - entre os dados dos questionários e dos grupos focais das três escolas - dos *habitus* virtuais e das sociabilidades - incorporados por esses jovens, dentro da *Internet* e das redes sociais; bem como testes de hipóteses, também de cunho comparativo analítico, utilizando o sistema R. Esse sistema permitiu que fossem criadas variáveis, para cada hipótese, para comparar as realidades escolares pública e privada, e estabelecer relações de interdependência, correlação e independência, entre essas realidades. Este capítulo objetivou, principalmente, revelar possíveis semelhanças e contrastes entre os *habitus* virtuais e as sociabilidades, desses jovens da Geração I, em contextos escolares diferentes.

O quinto, e último, capítulo apresentou uma síntese da análise dos objetivos da pesquisa, bem como as considerações finais sobre os *habitus* virtuais e as sociabilidades

⁵ Sistema R.

desenvolvidos pelos jovens da Geração I, na *Internet* e nas redes sociais, dentro dos ambientes escolares público e privado.

1.3 Os Indivíduos e o Ciberespaço

A pesquisa *TIC Domicílios Brasil 2017*⁶ - a maior pesquisa realizada em território nacional para mensurar tanto o acesso quanto o uso da *Internet* pela população brasileira - publicada em agosto de 2018, indicou que 67% dos domicílios brasileiros, isto é, aproximadamente 46,5 milhões de domicílios, no país, possuíam acesso a *Net*. Considerando a classe de renda, os resultados da pesquisa mostraram que desse percentual total de domicílios brasileiros: 99% pertenciam a classe A, 94% a classe B, 76% a classe C e 40% a classe DE. Ainda com relação a esse percentual total: 70% estavam localizados em áreas urbanas e 44% em áreas rurais. A pesquisa também apontou que havia 126,9 milhões (cerca de 70%) de usuários de *Internet*, no país; sendo que destes: 92% pertenciam a classe A, 91% a classe B, 76% a classe C e 48% a classe DE; 74% moravam em áreas urbanas e 49% em áreas rurais. E, por último a *TIC Domicílios Brasil* revelou que 97% dos brasileiros pesquisados costumavam acessar a *Internet* pelo celular.

Os dados estatísticos apresentados acima, a priori, não só publicizaram a situação do acesso e uso da *Internet* no Brasil, em 2017, como também apontaram que a tecnologia digital⁷ vinha se expandindo, cada vez mais, na vida cotidiana das pessoas de um modo geral, ou, mais especificamente, vinha se fazendo presente na relação diária dos brasileiros com a *Internet*, e toda sua diversidade. Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo central investigar os *habitus* virtuais e as sociabilidades gestados e incorporados pela Geração I – *Internet*, melhor dizendo, os jovens que nasceram e cresceram concomitante a publicização da *Internet* (mais precisamente após os anos 1990), e das redes sociais; mas, sobretudo, compreender como essas práticas e ações foram sucessivamente integradas ao cotidiano, desses jovens.

Para se chegar a tal objetivo foi feita uma pesquisa de 12 meses, em três modalidades de escolas: pública regular, pública profissional e privada, com 515 jovens do

⁶ Pesquisa sobre o acesso e uso da *Internet*, por acesso domiciliar, no Brasil - TIC Domicílios Brasil 2018.

⁷ Há muito tempo, a tecnologia surgiu a partir da necessidade e criatividade humana. Nesse sentido, a tecnologia comumente já faz parte do nosso dia a dia, desde as ferramentas de pedra ou a descoberta do fogo, passando pela invenção do lápis, eletrodomésticos, eletroeletrônicos, meios de transportes, telefones, computadores, celulares, dentre outros. Sendo que, as tecnologias digitais são consideradas descobertas mais recentes, e abrangem desde o *hardware* (computadores e derivados) até o *software* (programas e similares).

Ensino Médio. Nesse sentido, a metodologia escolhida compreendeu um modelo misto, com métodos quantitativos (Amostra populacional de 515 jovens, bem como criação e análise de hipóteses por meio do *Sistema R*) e qualitativos (aplicação de 515 questionários, assim como a realização de 3 grupos focais, com 6 jovens, em cada escola), além das referências teóricas.

A seguir serão apresentadas situações emblemáticas, que além de evidenciar os dados da pesquisa *TIC Domicílios Brasil 2017*, representam bem - seja na ficção, seja na realidade do dia a dia, ou ainda na ficção que já se tornou realidade no dia a dia – a maneira pela qual a *Internet* se embrenhou nas atividades mais corriqueiras de interação, socialização, comunicação, formação e comercialização da população brasileira, especialmente, dentro das redes sociais.

Situação 1. Logo no início de 2016, a série *Black Mirror*⁸ da *Netflix*⁹ fazia sucesso em rodas de conversa entre amigos, nas escolas, nas Universidades e até mesmo em locais de trabalho. Na ocasião, a série chamou atenção - do público cativo de séries exibidas nos canais de *streaming*¹⁰ - porque explorava amplamente os excessos de uso da tecnologia digital pela sociedade moderna, levando os expectadores a fazerem uma reflexão sobre os impactos provocados por este uso, não somente na vida privada dos indivíduos, mas igualmente na coletividade e nas relações interpessoais. E, conseqüentemente, na forma como a humanidade passou a se comportar no ciberespaço e nas redes sociais. Em resumo, tratava-se de uma crítica ácida a realidade virtual diária da maioria das pessoas, ao redor do mundo.

Ocorre que, em outubro daquele ano, foi ao ar um episódio que, para além de ser ficção, poderia se dizer que já representava fielmente a realidade, e expunha de modo claro as questões polêmicas acerca da relação entre os indivíduos e o ambiente virtual das redes sociais. O título do episódio em si, “Queda Livre”, apontava para os excessos e perigos dessa relação entre as pessoas e os aplicativos que permitem se conectar e estabelecer relações com outros indivíduos.

No episódio em questão, Lacie - a protagonista da história - fazia parte de uma rede social que classificava os indivíduos segundo sua popularidade, na qual o número ‘0’ representava o menor índice (nenhuma popularidade), e o número ‘5’ o mais alto índice de popularidade (muito semelhante ao *Instagram*). Assim, as avaliações da rede de contatos de cada indivíduo possibilitavam um acúmulo de pontos, que podiam ser transformados em

⁸ Série de ficção científica, criada por Charlie Brooker, que explorava, de forma satírica, as conseqüências imprevisíveis das novas tecnologias na vida social moderna. Esta série foi inicialmente lançada no Reino Unido, em dezembro de 2011; e posteriormente comprada e divulgada mundialmente, pela Netflix, em setembro de 2015.

⁹ Empresa americana provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming*. Fundada em 1997.

¹⁰ Forma de distribuição digital paga de filmes e séries, dos mais variados gêneros.

benefícios como: um emprego ou trabalho em uma grande empresa; o aluguel ou a compra de um apartamento em um bairro “nobre”, ou, até mesmo, o patrocínio de marcas de produtos ou serviços exclusivos, que eram consumidos especialmente para demonstrar (ou ostentar) um determinado *status* ou estilo de vida desejável, por uma boa parte da rede de contatos do perfil.

Hoje em dia, esse episódio meramente ficcional - de 2016 - já se tornou realidade no *Instagram*, uma rede social que tem por finalidade essencial estimular e incentivar a exposição de pessoas, marcas e produtos - por meio de fotos e vídeos, com textos relativamente curtos sobre as mais variadas situações do cotidiano. Além disso, essa rede social promove implícita ou explicitamente uma competição – entre os usuários - por uma quantidade expressiva de *likes*, que nada mais significa do que um tipo de aprovação ou validação que os contatos “dão” ao *Instagrammer*¹¹. O que esse aplicativo de relacionamento também leva em consideração é o estilo de vida ou *status* de quem usa, para fomentar e incrementar diversos tipos de negócios, seja a venda de produtos ou serviços, seja a venda de conceitos ou ideias. Em suma, os perfis, criados pelos usuários dessa plataforma de redes sociais, são a imagem que se quer dar ao mundo, que se gostaria de ser, quer dizer, o melhor rosto da vida diária de cada pessoa.

Assim como em “Queda Livre”, os perfis - criados dentro da rede social *Instagram* – possuem seguidores¹², e a depender do número de seguidores e da quantidade de curtidas nas fotos; podem vir a tornar-se um “*digital influencer*”, isto é, alguém que tem o poder de influenciar pessoas a consumirem produtos, serviços, conceitos e ideias, baseados em um determinado estilo de vida. Em síntese, ao se tornar um influenciador digital, a pessoa se transforma em uma espécie de garoto(a) propaganda de marcas de produtos ou serviços, com contrato comercial, quer dizer, com direitos e obrigações comerciais. Por fim, a rede social *Instagram* está fundamentada em aprovações e desaprovações de expressões estéticas e comportamentais dos perfis, da mesma maneira que naquela obra de ficção os indivíduos eram classificados segundo seus estilos de vida, e conseqüentemente de acordo com seus índices de popularidade.

Nesse sentido, cabem as questões que aqui não serão respondidas, mas ficam como ponto de partida para reflexões sobre como o uso dessas ferramentas tecnológicas e digitais afetam o comportamento individual e coletivo no dia a dia; ou o que acontece se se levar a sério tudo o que se vê nas redes sociais? Ou ainda, o que ocorre quando as pessoas decidem categorizar os outros, com base em suas popularidades numa rede social?

¹¹ Na tradução livre do Inglês, alguém que usa a rede social *Instagram*.

¹² São todos os contatos da rede social, desde os amigos e conhecidos, até os desconhecidos.

Assim sendo, com base nos dados e informações apresentadas anteriormente, nas duas últimas décadas, pode-se depreender que uma boa parte das pessoas, em todo o país, incorporaram um *habitus* virtual – conceito a ser trabalhado posteriormente – ou melhor dizendo, absorveram a cultura da *Internet* e das redes sociais, e a experiência individual - dentro desses ambientes - passou a moldar o corpo e a mente desses indivíduos; e, por conseguinte, suas ações e relações sociais. Daí o porquê de Twenge (2018) ter denominado os jovens que nasceram depois de 1995 de Geração I, com a letra I representando a *Internet*.

Nessa perspectiva, este trabalho buscou compreender, especificamente, quais os usos que os jovens da Geração I faziam da *Internet* e das redes sociais; investigar também as sociabilidades que surgiram a partir do uso dessas redes de relacionamentos; analisar de que modo essas sociabilidades constituídas dentro das redes sociais (*WhatsApp*; *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, etc.) se incorporam ao cotidiano desses jovens; examinar, ainda, como essas relações criadas a partir das mídias sociais transformaram-se em *habitus* virtuais corporificados no dia a dia desses jovens; e por fim, inferir possíveis semelhanças e diferenças desses *habitus* virtuais e sociabilidades, a partir de uma experiência social comparativa entre jovens de escola pública e privada.

A *Pnad Contínua TIC*¹³ de 2018 (IBGE) – divulgada em abril de 20¹⁴ - apontou que algo em torno de 79,1% dos domicílios do país possuíam acesso à *Internet*, ou seja, um aumento de 12,1 % de domicílios, em relação ao ano de 2017 (PNAD..., 2020). A pesquisa também indicou que em 99,2 %, quase 100 %, desses domicílios, as pessoas usaram mais o celular para acessar a grande rede, que outros dispositivos. Além disso, 79,3 % dos pesquisados informaram que o celular era próprio, sendo que desse total: 82,9 % residiam em áreas urbanas e 57,3 % em áreas rurais. Já com relação as interações realizadas, pelos usuários, na *Net*, os resultados da *Pnad Contínua TIC* revelaram que 88,1% fizeram chamada de voz e 86,1% assistiram a vídeos. Além de que, o acesso por meio da banda larga móvel (3G ou 4G) se manteve na liderança com 80,2%, apesar do percentual de usuários da conexão fixa - 75,9% - ter se aproximado significativamente dessa liderança.

E muito embora, a pesquisa tenha mostrado que mais de 83% dos domicílios urbanos possuíam acesso a *Net*; a realidade da conectividade no campo se mostrou diferente, já que nem chegava na metade dos domicílios rurais, onde cerca de 49,2 % desses domicílios estavam conectados à rede. Além disso, outro dado importante chamou a atenção para a desigualdade no acesso à *Internet*, no país, o rendimento real médio per capita dos domicílios

¹³ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação.

¹⁴ Dados referentes aos três últimos meses de 2018.

em que havia conexão foi quase o dobro da renda real média per capita dos domicílios em que não havia nenhum tipo de acessibilidade a rede. Vale ressaltar ainda que, essa diferença considerável de renda média per capita foi observada em todas as regiões do país.

Ratificando a *Pnad Contínua TIC* de 2018, a pesquisa mais recente *TIC Domicílios Brasil 2019*¹⁵, divulgada em maio de 2020, apontou que 3 em cada 4 brasileiros tinham acesso à *Internet*, e que isso representava algo em torno de 134 milhões de brasileiros (um incremento de 7,1% em relação ao ano de 2017), ou seja, 74% da população acessando a rede; ainda que com diferenças de renda, gênero, raça e regiões. Do mesmo modo, a pesquisa *TIC Kids online Brasil 2019*¹⁶ informou ainda que, para a faixa etária de 15 a 17 anos, 91% dos usuários entrevistados afirmaram usar redes sociais, 40% relataram que faziam chamadas de vídeo, e 92% disseram que enviaram mensagens – vale salientar que, esses foram os maiores percentuais dentre as demais faixas de idade. Ainda sobre essa pesquisa, e considerando agora todas as faixas etárias (crianças e adolescentes de 9 a 17 anos), os dados apontaram que 68% dos entrevistados usavam redes sociais, 59% baixavam músicas e filmes, 76% pesquisavam na *Internet* para fazer trabalhos escolares, e que cerca de 83% assistiam a vídeos, programas, filmes ou séries.

Diante desses números, pode-se inferir que a cultura da *Internet* e das redes sociais, em pouco mais de uma década, se tornou parte do dia a dia também das crianças e adolescentes, como mostrou a pesquisa *TIC Kids online Brasil 2019* - não somente no país; mas mundo afora, como apontou pesquisa semelhante realizada na Europa. Essa massa da população brasileira, que tinha - há apenas duas décadas atrás - entre as suas atividades diárias: assistir televisão aberta, escutar música em rádio ou CD¹⁷, frequentar cinemas, fazer compras no centro comercial ou em *Shopping Center*, passear, ler em livros físicos, praticar esportes em geral, trabalhar, estudar, visitar familiares e amigos, dentre outras atividades; foi literalmente seduzida tanto pela *Internet* quanto pelas redes sociais, e suas infinitas possibilidades; que vão desde adquirir conhecimento, informação, formação, até se divertir, se conectar e se relacionar com outras pessoas.

Charlie Brooker (*NETFLIX...*, 2015), quando criou a série *Black Mirror*, decidiu abordar essencialmente as mudanças nos modos de vida da última década, que fizeram com que as pessoas deixassem de sair e experimentar atividades nos mais diversos lugares físicos, para

¹⁵ Pesquisa sobre o acesso e uso da *Internet*, por acesso domiciliar, no Brasil - TIC Domicílios Brasil 2019.

¹⁶ Pesquisa sobre o uso da *Internet*, por crianças e adolescentes, no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2019.

¹⁷ *Compact disc*.

ficarem plugados em seus *smartphones*¹⁸, navegando pelo ciberespaço, a procura de experiências virtuais de conhecimento, entretenimento, interação e conexão. Corroborando com Brooker, Byung-Chul Han (2018, p. 10) reitera: “Arrastamo-nos atrás da mídia digital, que, aquém da decisão consciente, transforma decisivamente nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida em conjunto”.

No começo, segundo Tapscott (2010, p. 29), a *Internet* utilizava uma linguagem de programação chamada HTML, um programa que permitia somente a divulgação de conteúdo (imutável). Posteriormente, a *Internet*, quando da sua publicização, foi adaptada para a linguagem XML, e oportunizou a participação das pessoas, isto é: “[...] toda vez que você usa seja produzindo conteúdo, compartilhando informações, ou ainda criando grupos e comunidades, você está transformando a *Internet*” (TAPSCOTT, 2010, p. 29).

Sendo importante frisar, que é precisamente esse potencial de transformar e mobilizar pessoas e ideias (corpos e mentes), que faz com que a rede exerça uma espécie de fascínio capaz de criar modos de pensar, se comportar, se relacionar, agir e reagir no ciberespaço. Resumidamente, a potencialidade de interação da rede foi construindo - ao longo do tempo - um *habitus* virtual, ou, em outras palavras, um *modus operandi* inconsciente e espontâneo de pensar e agir, que foi sendo absorvido pelos usuários, nas mais variadas plataformas da *Internet*, e especialmente nas redes sociais.

Assim como Byung-Chul Han (2018), Recuero, em 2011, já chamava atenção aos impactos gerados pelas redes digitais de comunicação sobre as relações sociais contemporâneas, argumentando que essas novas tecnologias digitais foram protagonistas das grandes transformações ocorridas, ao longo dos últimos anos, na vida social como um todo. Em contrapartida, Recuero (2011) também buscou contestar a ideia simplista, e de certo modo determinista, que afirmava que a sociedade estava sendo definida pela ciência tecnológica; declarando que, como resultado primeiro dessa ideia, estabeleceu-se uma dicotomia: de um lado, os otimistas que reivindicavam fervorosamente as benesses da rede mundial de comunicação “*Internet*”, defendendo que essa interação digital invalidava o negativo, e principalmente as diferenças, uma vez que compreendia um ambiente plural e democrático; e, do outro lado, os pessimistas que desnaturalizavam essas ideias pró-tecnologias argumentando que as interações e relações construídas no seio digital seriam desprovidas de sentimentos reais, verdadeiros, duradouros; sendo mera ficção, isto é, enaltecendo o menor da humanidade.

¹⁸ Esse aparelho não é meramente um objeto em si, mas uma representação simbólica da forma como os jovens da Geração I passaram a si relacionar entre si e com o mundo. Nesse sentido, foi tratado ao longo do texto com a devida ênfase.

Situação 2. Atualmente, nas situações do cotidiano, tornou-se comum a presença da tecnologia digital nas mais diversas atividades diárias das pessoas. Assim, tem sido corriqueiro estar em uma parada de ônibus e perceber os pedestres mexendo no celular, ou entrar em um ônibus e ver alguns dos passageiros com o celular na mão: assistindo um vídeo, respondendo mensagens, ou escutando um áudio. Ou ir a um restaurante e observar que alguns, dos que ali estão, conversam entre si, enquanto aguardam as comidas e bebidas, e checam seus celulares, ao mesmo tempo. O mesmo ocorre em uma festa familiar, as pessoas dançam, comem, brindam, conversam, bebem e dão uma olhadinha no celular, entre uma atividade e outra. Ou ainda, presenciar em uma fila de supermercado ou farmácia igual dinâmica: fones no ouvido, olhares no visor do celular, ou dedos que teclam rapidamente. Ou no saguão de espera dos aeroportos, os passageiros – entre uma escala e outra – checam mensagens, se atualizam das notícias do momento, trocam mensagens de áudio, fazem ligações, tiram *selfs*, batem fotos das comidas e bebidas. Ou, ainda, aqueles que gostam de fazer desde pagamentos a compra de comida (tarefas do dia a dia), por meio dos inúmeros aplicativos gratuitos, que as empresas disponibilizam para os clientes. Ou, em uma praça de alimentação de um *shopping* notar os jovens em grupo conversando e, ao mesmo tempo, checando seus *smartphones*. Ou ainda, ir ao centro da cidade, e reparar as pessoas caminhando com os fones de ouvido, ou parando para verificar alguma informação ou mensagem no celular, ou mesmo a localização de algum lugar.

Situação 3. Desde março de 2020, o mundo vem vivenciando uma mudança estrutural radical da vida em sociedade. Naquele mês foi declarado, pela OMS¹⁹, que a Covid-19²⁰ tratava-se de uma pandemia²¹ - em virtude da gravidade e rapidez com que a doença se propagou geograficamente, ao redor do mundo, e, justamente, por isso impôs controles sociais rígidos a todos, tais como: quarentena, isolamento social ou *lockdown* e distanciamento físico, além de medidas higiênicas, como o uso de máscaras e asseio das mãos, sempre que possível. Conseqüentemente, nesse novo contexto - totalmente inesperado - uma boa parte da população ficou abruptamente impossibilitada de interagir presencial e pessoalmente²², por conseguinte os contatos por meio digital (computador, *tablet* ou celular) se tornaram a única solução viável adotada, pelas pessoas em geral, para manter os vínculos e as relações sociais. Mas não somente isso, as aulas, após um período de interrupção, foram igualmente adaptadas ao meio virtual; e

¹⁹ Organização Mundial da Saúde.

²⁰ Doença provocada pelo novo corona vírus (Sars-Cov-2).

²¹ Epidemia com elevado índice de contaminação.

²² Segundo o jornal Diário do Nordeste, a média de isolamento em Fortaleza, durante o mês de maio, foi de 50,7%, ou melhor dizendo aproximadamente metade dos cearenses permaneceram em casa, ao longo do mês (COM LOCKDOWN..., 2020).

as empresas - da mesma forma - se prepararam em tempo recorde para implantar o *home office*, em todas as funções possíveis. Em resumo, o fluxo de navegação na *Web*, que já era expressivo, antes da situação pandêmica, aumentou exponencialmente, e, conseqüentemente, esse aumento reverberou com igual força no uso das redes sociais, sobretudo pela intensa comunicação e interação que essas redes de relacionamentos propiciaram as pessoas nesse longo período, em que se estabeleceu ora isolamento social, ora *lockdown*, coibindo até mesmo visitas a familiares e amigos próximos.

Mas, então: o que essas três situações, aparentemente distintas, apresentadas anteriormente têm em comum?

Recapitulando, a primeira situação tratou do episódio “Queda Livre” - da série *Black Mirror* – que abordou a problemática relação entre mídia social e os indivíduos. Vale ressaltar que, embora esse episódio seja uma obra de ficção, já se trata de uma realidade similar no aplicativo de fotos, vídeos e mensagens – *Instagram*. A segunda situação retratou, nas mais variadas circunstâncias do dia a dia, o modo como a tecnologia digital se difundiu na rotina da maioria da população brasileira e mundial. E, por último, a terceira situação chamou atenção para a explosão de conectividade durante a pandemia, devido ao alerta mundial para a Covid-19 - uma epidemia com grande potencial de contaminação, que impôs a todos os países afetados, direta e indiretamente, medidas de restrição a mobilidade e convivência, para evitar a disseminação do vírus, potencializando o uso da *Internet*, como principal meio de comunicação e interação com familiares, amigos, conhecidos e desconhecidos.

A priori, o que se pôde perceber foi que, o evento principal, que uniu essas três situações, foi basicamente a tecnologia digital interligando as experiências virtuais, individuais e coletivas, vivenciadas cotidianamente no ciberespaço, ou, em outras palavras, o aumento expressivo diário de contatos, formas de se relacionar e de se comunicar virtualmente da maioria das pessoas, no país e ao redor do mundo.

Da mesma maneira, se pôde observar, ainda, que as três situações em questão e os dados estatísticos permearam todas as faixas etárias da população mundial. Todavia, as pesquisas já citadas, previamente, mostraram que há um grupo etário específico chamado Geração I, que vivenciou e vivencia o cotidiano da *Internet* e das redes sociais, desde a infância, cujo período coincidiu com a massificação da *WWW*, e, provavelmente, por esse motivo sejam bem mais ativos, que outras faixas etárias. Segundo Tapscott (2010), a Geração I²³ – *Internet*

²³ Essa expressão foi adotada para delimitar um grupo de jovens que nasceu e cresceu junto com a *Internet*. O termo foi cunhado por Jean M. Twenge (2018), professora de psicologia da Universidade San Diego – Califórnia,

são aqueles nascidos após os anos 1990, que já convivem com a tecnologia desde o seu nascimento, e, justamente, por isso foram naturalmente absorvendo esse novo aparato de comunicação simultaneamente a todas as outras atividades rotineiras: escola, esportes, brincadeiras, passeios, amizades etc. Acerca desses jovens, o autor pontua: “Eles são iniciadores, colaboradores, organizadores, leitores, escritores, autenticadores e até mesmo estrategistas ativos [...] Perguntam, discutem, argumentam, jogam, compram, criticam, investigam, ridicularizam, fantasiam, procuram e informam” (TAPSCOTT, 2010, p. 33).

Diante de tal cenário, buscar entender a chamada Geração I, parece ser uma questão central para efetivamente interpretar essa explosão das mídias digitais, uma vez que, esse grupo etário compõe-se daqueles que representam, não somente, uma transição entre gerações (a geração dos *Millennials* - anterior a difusão dos *smartphones* e a geração *Alpha* – a primeira a ser considerada 100% digital); mas simbolizam, particularmente, uma geração que incorporou, ao longo dos últimos 15 anos, o uso diário desses aparatos tecnológicos digitais em suas atividades e interações sociais, ou melhor dizendo, esses jovens fundaram uma nova maneira de se comunicar e se socializar dentro do ciberespaço, e - em especial - dentro das redes sociais. Em síntese, essa geração fez a transição entre o analógico e o digital, na medida em que instituiu tanto *habitus* virtuais como sociabilidades, dentro do ambiente virtual, inaugurando e popularizando a cultura da *Internet* e das mídias sociais.

Apesar de, em 2017, um estudo da Fundação de Tim Berners-Lee ter informado que o avanço da *Internet*, no mundo, teve uma queda de 19% para 6%. E que, da mesma forma, em outubro de 2018, uma reportagem do site *SempreUpdate* (MARTINS, 2018) ter anunciado que a ascensão da *Internet*, no mundo, vinha desacelerando, visto que se entre as décadas de 1990 e 2000 a *Internet* explodiu por causa da substituição da conexão discada para a tecnologia de banda larga - muito mais potente, e pela mudança do modelo analógico para o digital; logo após, esse período, embrenhar-se em grupos ou áreas de difícil acesso tornou-se um desafio gigantesco. Ainda assim, essas limitações não foram suficientes para conter a disseminação da *Internet*, ao redor do mundo (principalmente, desde março, em razão da pandemia do Covid-19), como mostraram as informações a seguir.

Em dezembro de 2018, de acordo com o site *GI* a estimativa era de que 51,2% da população mundial estivesse usando a *Internet*. Isto é, no final de 2018 cerca de 3,9 bilhões de pessoas usavam a *Internet*, número que já representava mais da metade da população mundial. E, ainda, de acordo com a mesma reportagem, o relatório da UIT (União Internacional de

como sendo a expressão que melhor representa essa geração que inaugurou o uso da *Internet* e do *iPhone*, dentro da tecnologia digital móvel.

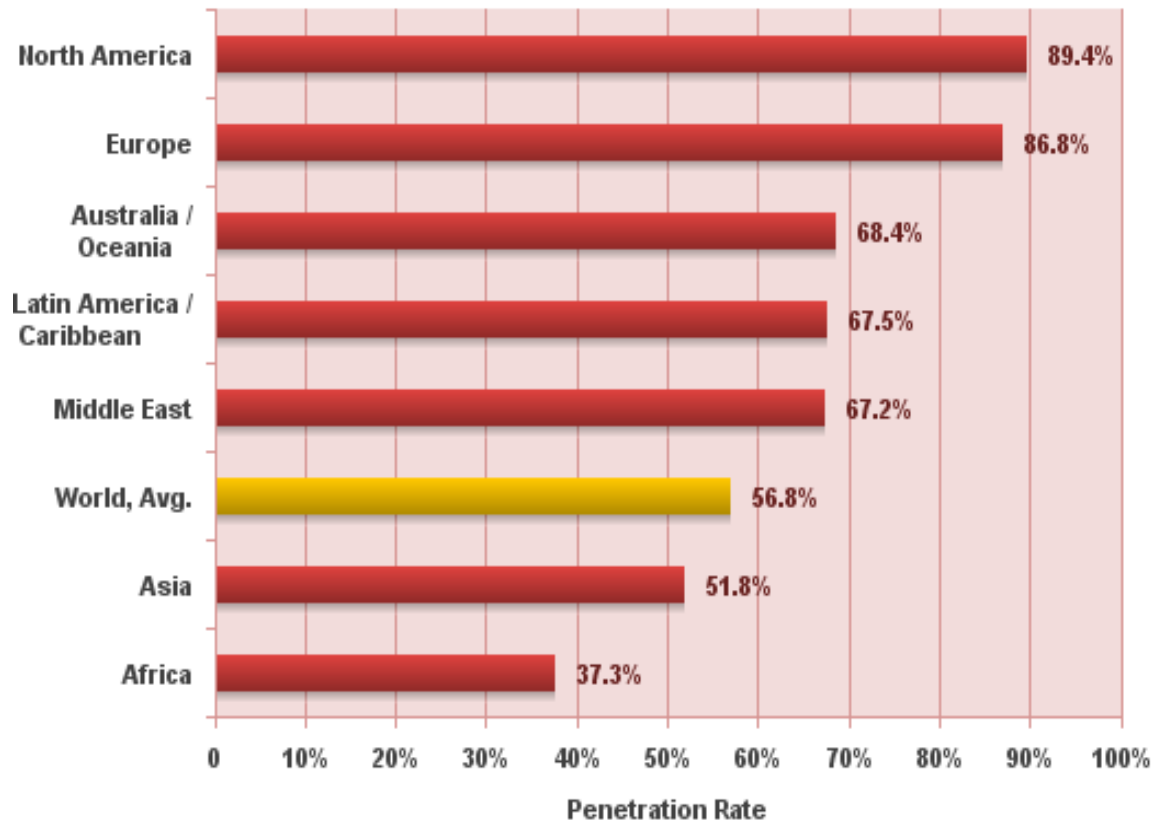
Telecomunicações) informou que, até aquele momento, havia ocorrido um crescimento significativo de acessibilidade nos países considerados em desenvolvimento, onde cerca de 43,5% da população já usava a *Internet* contra apenas 7,7% em 2005. Além disso, a UIT relatou que a maior parte da população (cerca de 96%) habitava em regiões com redes de acesso para celulares, e, deste contingente, 90% poderiam usar tecnologia 3G ou banda larga para acessar a *Internet* (MAIS DA METADE..., 2018).

Ratificando os dados acima, o gráfico a seguir mostra dados mais recentes do *IWS* (*Internet World Stats*)²⁴ que revelaram que, em março de 2019, o número de usuários da *Internet* ultrapassou 56% da população mundial, chegando a 4,3 bilhões de usuários. O gráfico igualmente indicou que as regiões consideradas em desenvolvimento: América Latina e Caribe (67,5%), Médio Oriente (67,2%) e Ásia (51,8%) tiveram mais de 50% das suas populações acessando a grande rede. Todavia, a figura também mostrou que, no continente africano, pouco mais de 37% da população tinha acesso a *WWW*, demonstrando que, ainda, há muito a se fazer para que o acesso à *Internet* seja possível a todos, em todos os continentes.

²⁴ É um *site* internacional que apresenta usuários atualizados da *Internet*, estatísticas de população, estatísticas de mídia social e dados de pesquisas de mercado na *Internet*, para mais de 243 países e regiões do mundo.

Gráfico 1 – Porcentagem de Penetração da *Internet* no Mundo por Regiões Geográficas – março, 2019²⁵

Internet World Penetration Rates by Geographic Regions - March, 2019 - Updated



Source: Internet World Stats - www.internetworldstats.com/stats.htm
 Penetration Rates are based on a world population of 7,716,223,209
 and 4,383,810,342 estimated Internet users in March 31, 2019.
 Copyright © 2019, Miniwatts Marketing Group

Fonte: *Internet World Stats* (2019).

Há pouco tempo, em abril de 2020, a *Statista*²⁶ fez uma pesquisa para saber quantas pessoas - no mundo - estavam conectadas à *Internet*, durante aquele mês, e descobriu que aproximadamente 4,57 bilhões de usuários estiveram ativos todos os dias de abril, representando cerca de 59% da população mundial. Vale ressaltar que, esses foram dados coletados em de tempos de Pandemia. A pesquisa apontou igualmente que desse total, cerca de 91% (4,2 bilhões) dos usuários acessaram a rede por meio dos eletrônicos portáteis - celulares ou *tablets*. E por fim, a pesquisa revelou que - durante a quarentena - próximo de 83% (3.81

²⁵ O gráfico tem por base a população mundial de 7.716.223.209, e a estimativa de 4.383.810.342 de usuários de *Internet*, em 31 de março de 2019 (tradução livre da própria autora).

²⁶ Plataforma internacional de estatísticas.

bilhões) dos usuários utilizaram as redes sociais diariamente, e que 82% (3.76 bilhões) destes acessos, às mídias sociais, foram realizados por meio do celular.

No Brasil, a pesquisa *TIC Domicílios Brasil 2019*, como foi dito anteriormente, revelou que apesar de mais de 74% da população brasileira já fazer uso da *Internet*; outros 36%, ou melhor dizendo, 47 milhões de pessoas estavam excluídas da grande rede. E embora, os resultados da pesquisa tenham apontado que, em 2019, o percentual de acessibilidade das áreas rurais tenha superado a metade dos domicílios com 53% das moradias no campo que tinham acesso à *Net*; essa superação estava distante dos 77% de domicílios em áreas urbanas com conexão à rede.

A pesquisa apontou, ainda, que existiam também diferenças relacionadas a renda, gênero, raça e regiões. Como por exemplo, com relação a renda ainda que tenha ocorrido um crescimento de 27% de usuários da classe DE, entre os anos de 2015 e 2019, perfazendo o total de 57% de usuários conectados; outros 26 milhões de usuários da classe DE estavam dentro do grupo de excluídos digitais. No país, esse grupo de excluídos compreendia 35 milhões (23%) de usuários em áreas urbanas, e 12 milhões (47%) em áreas rurais - considerando todas as classes sociais; ou seja, um total de 47 milhões de brasileiros sem acesso à *Internet*. Além disso, mesmo o celular sendo o principal aparelho para acessar a *Net*, confirmado por 99% dos usuários; foram observadas diferenças tanto com relação a classe de renda, quanto com relação a raça, posto que dessa totalidade de usuários, 58% responderam que usavam exclusivamente o celular para se conectar, e desse percentual a classe DE alcançou a maior adesão com cerca de 85% de usuários acessando a *Net* somente pelo celular. Ainda sobre a exclusividade do uso do celular relacionado a raça, a população preta ficou em primeiro lugar com 65% de usuários, seguida da parda com 61%, e, por último a branca com 51% de usuários.

Em se tratando de conexão domiciliar, a pesquisa demonstrou que a *Net* estava presente em 71% dos domicílios brasileiros, ainda que 20 milhões de domicílios não tivessem acesso a grande rede; realidade essa que atingiu mais significativamente os domicílios da região Nordeste (35%), e famílias com renda de até 1 salário-mínimo (45%). A despeito de, ter tido um aumento importante no número de domicílios das classes C e DE.

Finalmente, com relação as atividades de comunicação: 92% de usuários revelaram enviar mensagens instantâneas costumeiramente a seus contatos, 76% disseram que faziam uso das redes sociais, e 73% responderam que habitualmente realizavam chamadas de voz e vídeo.

Nessa perspectiva, e com base nas informações de acesso mundial e no país demonstradas, na cronologia e no gráfico apresentado anteriormente, pôde-se inferir que mais da metade da população no mundo, e mais de 70% da população brasileira fazem uso da *Internet*

e das redes sociais cotidianamente, quer dizer, esse contingente da população foi, ao longo dos últimos 15 anos, incorporando o acesso à *Net* as dinâmicas do dia a dia, em atividades como: se informar, estudar, trabalhar, assistir vídeos, filmes e jornais, se comunicar, se relacionar, criar conteúdo (vídeo, texto, foto, arte, etc.), fazer negócios, usar geolocalização, usar aplicativos (transporte, banco, comida, compras em geral). Para além disso, na pandemia, a vida, em sua maior parte, passou a ser mediada pela tecnologia digital, como mostram as informações publicadas durante esse período: aumento significativo do trabalho *home-office*; aulas nos formatos: híbridos ou totalmente *on-line*, sendo este último formato o mais aplicado nas escolas e universidades, em geral; e lazer em formato virtual: filmes, peças de teatro, *lives* musicais, jogos, leitura, visitas virtuais a museus, dentre outros.

Por conseguinte, e dada a importância que o ciberespaço e toda a sua diversidade vem tendo no atual cenário social, político e econômico, no Brasil, e no mundo; mas, sobretudo, pela ampla participação e atuação que a Geração I vem demonstrando ter na *Internet* e nas mídias sociais, esse trabalho teve por objetivo central investigar o que estamos chamando de *habitus* virtuais - tema que será tratado no trabalho - e as sociabilidades, isto é, os modos de pensar, agir e reagir, de se comunicar, e de se relacionar, no mundo digital. Além disso, examinar como esses *habitus* virtuais e essas sociabilidades foram sendo incorporados ao dia a dia desses jovens - nativos digitais.

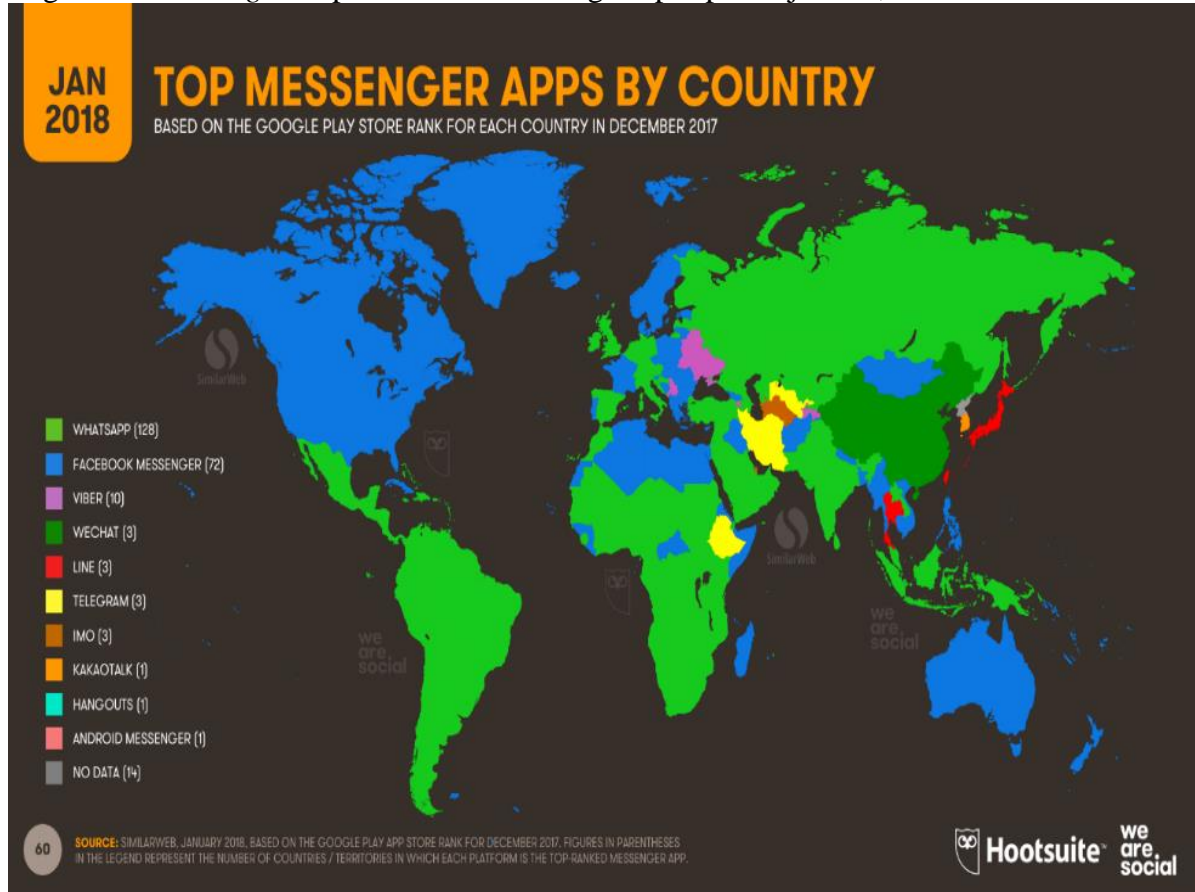
1.4 Redes Sociais

Para Recuero (2011) os *sites* de redes sociais são consequências do apoderamento dos instrumentos de comunicação mediados pelos indivíduos nos computadores, ou, explicando melhor, são espaços no mundo virtual usados para que os sujeitos se expressem das mais variadas formas: textos, músicas, vídeos, fotos, áudios, dentre outros.

Assim sendo, para entender a relevância das redes sociais como um espaço fundamentalmente ocupado pela sociedade como um todo, mas, principalmente, pela Geração I, faz-se necessário apresentar o cenário de crescimento dessas mídias sociais, em anos recentes, como 2018 e 2019, ao redor do mundo e no país. Em janeiro de 2018, as líderes mundiais eram o *WhatsApp* - em primeiríssimo lugar, e, na segunda posição, o *Facebook*, estando, ambos, presentes respectivamente em 128 países (1º) e 72 países (2º). A figura abaixo também mostrou uma certa preferência “localizada geograficamente” dos usuários por alguma rede social, como por exemplo: a rede social *WhatsApp* se concentrou fundamentalmente na América Central e

Latina, África (exceto o Norte), parte da Europa e Ásia; já a rede social *Facebook* dominou a América do Norte, Norte da África, parte da Europa e Oceania.

Figura 1 – *Ranking* de Aplicativos de Mensagens por país – janeiro, 2018



Fonte: Hootsuite (2018).

Em janeiro de 2019, como mostra a figura abaixo, o cenário era praticamente o mesmo de janeiro de 2018, confirmando a permanência das líderes *WhatsApp* e *Facebook*²⁷ - em primeiro e segundo lugar, no *ranking* mundial. No caso, o *WhatsApp* só perdeu a liderança em alguns países dos EUA, da Austrália e em grande parte da Ásia.

²⁷ As duas redes sociais foram criadas nos EUA, e, ambas, são propriedades da empresa *Facebook Inc.*

Figura 2 – Ranking de Aplicativos de Mensagens por país – janeiro, 2019

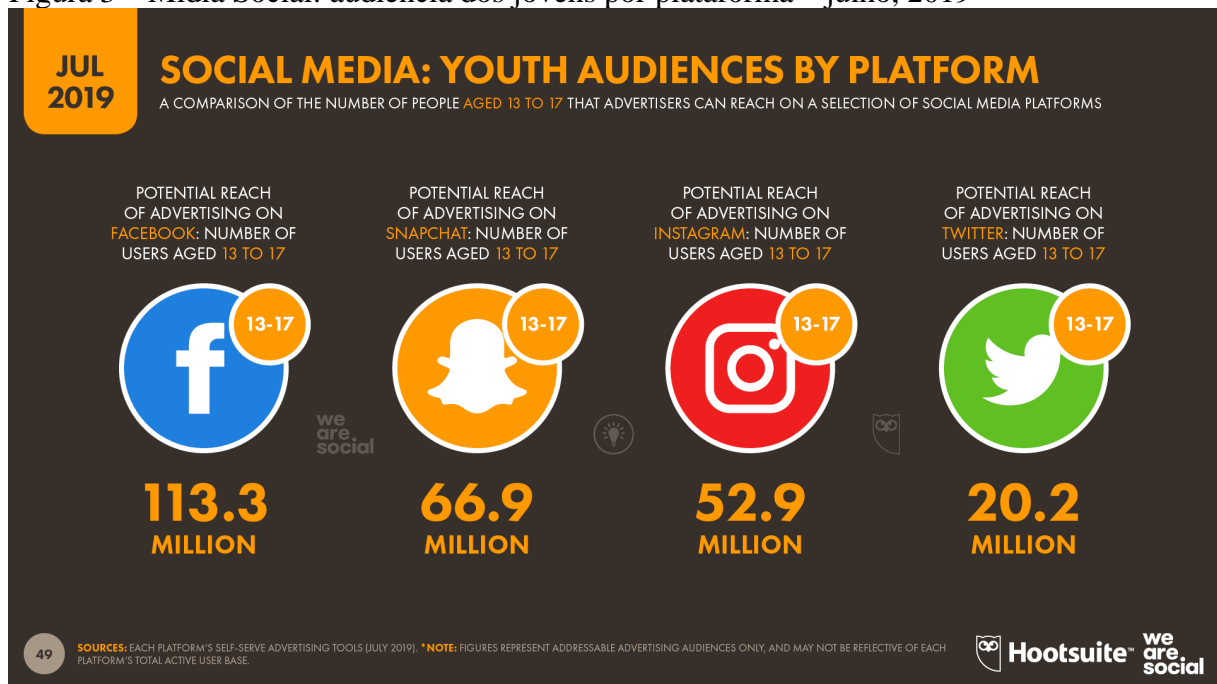


Fonte: Hootsuite (2019).

Segundo reportagem do *site Tecmundo* (YUGE, 2019), em 2019, quase metade do planeta estava nas redes sociais, ou seja, cerca de 3,5 bilhões de usuários. Portanto, as redes sociais seguiam avançando, nos mais variados dispositivos, mundo afora. Além do mais, o relatório da *Global Digital Stashot* de 2019, elaborado pelas empresas *Hootsuite* e *We Are Social*, estimou que aquele número representava cerca de 46% da população, de todo o planeta; e que há 2 anos atrás esse número era de 3 bilhões, ou seja, nesse período, o crescimento de usuários foi de 500 milhões.

O relatório afirmou, também, que a maior parte daqueles bilhões (3,5) de usuários acessava as plataformas por meio dos dispositivos móveis. Além disso, esse relatório chamou a atenção, principalmente, para um tipo específico de público, que estava presente nas redes sociais: jovens de 13 a 17 anos; e acrescentou, ainda, que ao contrário do que muitos pensavam, a presença deles no *Facebook* era maciça - com aproximadamente 113,3 milhões de usuários, seguidos de 66,9 milhões no *Snapchat*, 52,9 milhões no *Instagram*, e 20,2 milhões no *Twitter*. Como mostra a figura a seguir:

Figura 3 – Mídia Social: audiência dos jovens por plataforma – julho, 2019



Fonte: Hootsuite (2019).

No Brasil, segundo relatório *Digital in 2019*, elaborado pela organização *We Are Social*, havia 140 milhões de usuários de redes sociais, que costumavam gastar em média 3h e meia nas mídias sociais por dia, e 9h e meia na *Net* por dia. E de acordo com o *Social Media Trends 2019 (Rock Content)*, pela primeira vez o *Facebook* perdeu a liderança no ranking de mais usadas no país. A liderança foi ocupada pelo *Instagram* com 92,5% de usuários, em segundo lugar o *Facebook* com 92,1%, e em terceiro lugar o *YouTube* com 73,2%²⁸.

Os estudos sobre a temática das redes sociais contemplam, sobretudo, as mudanças que foram gestadas pelas tecnologias digitais, no final do século passado, e que fundaram o contexto atual da vida social contemporânea. Assim, desde os anos 1990, diversas reflexões foram feitas sobre os temas sociedade em rede e comunidades virtuais, problematizando a relação entre esses ambientes virtuais e as mudanças provocadas na maneira como nos relacionamos uns com os outros, dentro desses ambientes.

Nesse sentido, Castells (1999) buscou desvendar o contexto efervescente social e econômico que decorreu dessa atualíssima era informacional. Alicerçado em pesquisas realizadas nos quatro continentes (Europa, América Latina, Estados Unidos e Ásia) buscou criar uma teoria que abarcasse as implicações essenciais das novas tecnologias da informação no mundo moderno. Assim, afirmou que o fenômeno da globalização fundou o trânsito

²⁸ O *Social Media Trends 2019 (Rock Content)* não considera o *WhatsApp* uma rede social, por isso não fez parte da pesquisa.

ininterrupto de capital, informação, e, sobretudo, de comunicação e cultura; alertando para a dependência que esses fluxos contínuos de informação impunham, favorecendo, demasiadamente, quem os controlava.

Sobre isso, Castells (1999) praticamente anunciou os acontecimentos futuros, ainda mais se se relembra a audiência ocorrida recentemente - em 29 de julho de 2020 - no congresso americano, entre os congressistas e quatro das maiores empresas de tecnologias do mundo (*Google, Facebook, Apple e Amazon*) para discutir a expressiva influência que essas empresas exerciam sobre o mercado americano e mundial.²⁹

Além do mais, Castells (1999) se desafiou a descobrir os preceitos que favoreceram o entendimento das mais variadas categorias da experiência humana: como os sistemas culturais, políticos, econômicos e tecnológicos que atuavam mutualmente para moldar, em determinada época histórica, um modelo particular de estrutura da sociedade. O autor atentou, ainda, especialmente para a importância dessas mudanças instituídas no seio social, em consequência imediata das modificações econômicas e, em especial, da tecnologia digital, que acarretaram significativas transformações nas relações entre os indivíduos, e destes com a sociedade.

Ratificando os prognósticos que Castells (1999) havia feito há apenas duas décadas, a pesquisa do *IBOPE Conecta (APPS DE REDES..., 2018)*³⁰, de 2018, indicou que as redes sociais ocupavam o topo dos *apps* mais usados no país, com algo em torno de 75% de internautas brasileiros utilizando esses aplicativos, nos celulares; em segundo lugar estavam os *apps* de banco com 47% de usuários; em terceiro os *apps* de entretenimento (filmes, séries e programas de TV) com 41% de usuários; em quarto os *apps* de jogos com 38% de usuários; e em quinto, e último, lugar os de notícias com 36% de usuários. Além do mais, a pesquisa também mencionou que 9 entre 10 brasileiros internautas já receberam *fake news*, sendo que a maior parte dessas notícias falsas foram divulgadas no *Facebook* (80%) e no *WhatsApp* (75%). Por último, ainda na mesma pesquisa foi perguntado aos pesquisados: por quanto tempo conseguiram ficar sem usar o *smartphone*? 52% dos internautas responderam que não conseguiram ficar, um dia inteiro, sem o uso do aparelho; enquanto 18% afirmaram conseguir ficar, apenas um dia, sem usar o celular; e 15% dos entrevistados disseram que não conseguiram ficar sem celular, em momento algum.

²⁹ Segundo o Jornal Correio do Povo de Porto Alegre - em 30/07/2020 - o motivo da convocação, pelo congresso americano, dos CEOs Mark Zuckerberg (*Facebook*), Sundar Pichai (*Google*), Tim Cook (*Apple*) e Jeff Bezos (*Amazon*) para a audiência, foi prestar esclarecimentos sobre violações de leis da concorrência.

³⁰ Pesquisa realizada em junho de 2018, com 2000 internautas das classes A, B, C e D, de todas as regiões do Brasil.

Do mesmo modo, a pesquisa *TIC Kids Online Brasil*, de 2018, confirmou aquelas projeções feitas, por Castells (1999), quando informou que próximo de 73% dos pesquisados afirmaram ter usado rede social no Nordeste; e, desse percentual, 78% declararam ter enviado mensagens instantâneas, 24% ter feito chamada de vídeo, e 50% revelaram ter postado uma foto ou vídeo em que aparece. Sendo importante salientar que, dentre todos os intervalos de idades, a faixa de 15 a 17 anos apresentou as maiores porcentagens, indicando que 92%, do total da amostra nacional, relataram ter utilizado as redes sociais, nos últimos três meses que antecederam a pesquisa.

Esses resultados de ambas as pesquisas - *IBOPE Conecta* e *TIC Kids Online Brasil* - corroboraram para evidenciar a presença das mídias sociais na rotina de uma boa parte dos brasileiros, mas, principalmente, na rotina dos jovens de 15 a 17 anos, dos quais mais de 90% da amostra nacional relataram fazer uso das mídias sociais.

A Geração I, conforme os dados do IBGE - em 26 de novembro de 2019 - correspondia a 31.365 milhões de jovens, cerca de 15,10% da população brasileira, isto é, quase 1 em cada 6 brasileiros fazia parte dessa geração; taxa, mais que, suficiente para assegurar a importância de compreender como esse grupo etário incorporou prontamente o ambiente virtual, e se relaciona com a *Internet* e as mídias sociais. Sobretudo, porque também nessas pesquisas, bem como nas demais mencionadas anteriormente, se pôde observar que essa faixa etária - de 15 a 17 anos - apresentou os maiores percentuais de participação e interação no ciberespaço.

Ademais, a tabela abaixo do IBGE, referente à população residente no país, dividida por sexo e grupos de idade (atualizada em 26/11/2019), detalhou ainda mais esse grupo, apresentando a população em percentual da faixa etária de 14 a 17 anos em relação, não somente, a população total do país, mas também do estado do Ceará, e da cidade de Fortaleza. Assim, com base nos anos de nascimento de 2003 a 2006, tínhamos - em novembro de 2019 - cerca 146 mil jovens, de 14 a 17 anos, representando 5,5% do total da população, na cidade de Fortaleza; e no país são aproximadamente 12.795 milhões, 6,2% da população total. Somente, essa faixa etária de 14 a 17 anos representava mais de 40% do total de jovens no país, ficando os outros 60% distribuídos entre as faixas de 10 a 13 anos, e de 18 a 19 anos.

Tabela 1 – População residente, por sexo e grupos de idade

Variável - Distribuição percentual da população por sexo segundo grupos de idade (%)		
Ano – 2018		
Sexo – Total		
Brasil, Unidade da Federação e Município	Grupo de idade	
Brasil	Total	100
	14 a 17 anos	6,2
Ceará	Total	100
	14 a 17 anos	6,4
Fortaleza (CE)	Total	100
	14 a 17 anos	5,5

Fonte: IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua anual (2018).

Entretanto, Byung-Chul Han (2018, p. 125) fez um alerta sobre as mídias sociais, ao afirmar que: “Hoje, nos expomos no Facebook, e com isso nos transformamos em mercadoria”, o filósofo sul-coreano chamou a atenção, principalmente, para as questões problemáticas que as “redes sociais” criaram enquanto categoria semelhante à produção, que em sua gênese, não dizia respeito, necessariamente, aos modos de fabricar, mas tornar perceptível, visivo. O autor explicou que a etimologia da palavra produção, em francês, “se produire” seria mostrar-se, e, ainda, que no cotidiano “produzir-se” seria fazer-se interessante ou valoroso, e seguiu argumentando que era, exatamente, isso que se fazia hoje, em grande medida, nas redes sociais: *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* etc. Assim, o autor acabou por inferir que, dentro do ciberespaço, o *modus operandi* dos agentes, ou melhor, dos “perfis”, nessas plataformas sociais, era gerar conteúdo, seja informação seja imagem, e dar celeridade as comunicações, com o intuito de tornar-se visível, mostrar-se, fazer-se interessante ou valoroso, apresentando-se como mercadoria.

1.5 A Geração I – *Internet*

“O acesso aos *iPhones* e, quase junto com a mamadeira, ou no lugar de outros brinquedos, determina uma série de hábitos jamais vistos entre jovens.” (PONDÉ, 2018, p.10).

A curiosidade por esse objeto de pesquisa antecede à graduação. Mais precisamente, por volta de 2011 ou 2012, quando comecei a perceber o avanço expressivo da *Internet* e das redes sociais, na sociedade como um todo. A partir desse interesse, e na primeira

oportunidade que tive, isto é, mais ou menos no 2º semestre da graduação, fiz um trabalho sobre o uso dos *smartphones* enquanto fenômeno social. Como consequência, fui absorvida pela concomitante atualidade, centralidade e relevância do tema: segundo matéria do site *Época*, de setembro de 2019, o Brasil era o 2º colocado em um *Ranking* de países que passam mais tempos em redes sociais (BRASIL É..., 2019).

Ainda na mesma matéria, uma informação, sobre o tempo de uso dessas mídias sociais *versus* idade, chamava a atenção. Assim, o aumento do tempo gasto nessas plataformas foi alavancado, preferencialmente, por uma faixa etária específica – de 16 a 24 anos – com 175 minutos, quase 3 horas em média por dia, gasto em redes sociais, no mundo. Apontando que, quanto mais jovem era a população do país, maior era o tempo de uso das redes sociais, nesse país; daí o porquê de os países emergentes liderarem o *ranking* de "tempo gasto *online*". Os usuários “jovens” apareceram entre os mais engajados em geral, em comparação com outras faixas etárias. A reportagem informou, também, que havia uma tendência significativa de que esses jovens seriam, no futuro breve, cada vez mais engajados.

Assim sendo, pode-se afirmar a importância inegável que as redes sociais adquiriram, atualmente, na vida de qualquer indivíduo, mas, especialmente, na vida daqueles que pertencem à Geração I. Consequentemente, ambos os temas, redes sociais e Geração I, assumiram uma posição central nas pesquisas sobre a sociedade contemporânea, e foi, justamente, por conta dessa centralidade, que adveio um interesse maior em aprofundar os estudos sobre esse fenômeno, que antes de ser digital, já era, fundamentalmente social, uma vez que as tecnologias digitais foram criadas, pelo homem, para conectar pessoas, países, continentes; ou, em outras palavras, um fenômeno que derivou da necessidade de interação humana, independente das distâncias. Podendo, inclusive, esse estudo aprofundado apontar os proveitos, desafios e problemáticas dos *habitus* virtuais e sociabilidades gestados, por essa geração, na *Internet* e nas redes sociais; ou, até mesmo, indicar cenários reveladores, que possivelmente reverberarão nos próximos fenômenos socio geracionais.

Para Twenge (2018), a Geração I engloba aqueles nascidos a partir de 1995, que possuíam perfis no *Instagram* antes de ingressar no Ensino Médio, eram adolescentes quando o *iPhone* foi lançado em 2007, e cursavam o Ensino Médio quando o *iPad* foi apresentado ao mercado, em 2010. Recorda, a autora, que o “i” no início dos nomes desses aparelhos remete a *Internet* que, inclusive, começou a ser comercializada no ano de 1995. Twenge (2018) acrescentou, ainda, que se essa geração recebesse um título que tivesse relação com algo, o *iPhone* seria a melhor referência, visto que baseado em pesquisas de mercado em 2015: dois em cada três adolescentes nos Estados Unidos tinham um aparelho daquele, indicando uma

quase completa saturação do mercado, para um determinado produto. Daí portanto, a autora afirmar que o “I” além de significar *Internet*, servia para designar uma geração que nasceu e cresceu imersa na eclosão da tecnologia digital e suas derivações.

Assim, por conta daquele interesse na ascensão da *Internet* e das redes sociais, na sociedade, decidi que o objeto de estudo, do trabalho de conclusão do curso de graduação, seria a compreensão desse fenômeno, que nasceu da tecnologia digital adaptada, pela Geração I, às mais variadas práticas e ações, no meio virtual; dito de outro modo, um fenômeno que deu origem, sobretudo, as novas dinâmicas de se comunicar e se relacionar, dentro do ciberespaço. E para além do interesse, nessa temática, persistia o fato de que, atualmente, tanto havia muito mais o que pesquisar quanto mais pesquisadores estavam se aventurando nesse objeto de pesquisa. Tornando, assim, apropriada a opção de dar continuidade nessa área de estudo. Nesse sentido, o projeto de mestrado foi construído, de modo a ampliar a pesquisa anterior, incluindo além da modalidade de escola pública profissionalizante, outras duas modalidades de escolas: a pública regular e a privada, cujo intuito seria um estudo comparativo, que permitisse perceber as nuances (equivalências e alteridades) daqueles *habitus* virtuais e sociabilidades construídas pela Geração I, no ambiente virtual, dentro de contextos escolares diferentes.

Dito isso, a presente pesquisa pretendeu colaborar para o entendimento desse fenômeno, que alcança a todos, mas que a Geração I, em específico, vivência com maior intensidade, por assim dizer, e que muito provavelmente será motivador de muitos outros fenômenos sociais, nas gerações subsequentes. De mais a mais, a pesquisa objetivou contribuir com estudos comparativos desse fenômeno, entre realidades ditas pelo senso comum “tão diversas”: a da escola pública e privada. Nesse sentido, pretendeu-se analisar mais profundamente se haviam e quais eram esses aspectos que, ao mesmo tempo, diferenciavam e tinham conformidade, dentro do grupo desses novos *habitus* virtuais e sociabilidades, experienciados pelos jovens da Geração I, em contextos escolares diversos.

A sociedade como um todo vem, ao longo das duas últimas décadas, se adaptando a essas novas tecnologias e as mudanças, que esse novo formato de se comunicar ou se relacionar imprimiu no mundo. As instituições privadas e públicas, em seus mais variados modelos, estão igualmente tentando aprender, e se adequar as novas demandas do ciberespaço. Ainda em 2007, a própria política foi capitaneada pelas mídias sociais, quando na campanha de Barak Obama, então candidato à presidência da república dos EUA, a *Internet* foi usada para convocar os jovens a participação na condição de cidadão da festa democrática.

Além disso, em 2020, o contexto pandêmico fez com que, o mundo todo, se adaptasse, em poucos mais de 3 meses, ao ambiente virtual. Embora, essa mesma situação

pandêmica tenha também revelado abertamente as desigualdades socioeconômicas, e especialmente as relacionadas ao acesso à Internet, no país.

Partindo do pressuposto, que esse fenômeno cibernético “rede social” invadiu indiscutivelmente, ao longo da última década, todos os aspectos da vida social, o presente trabalho teve como questão central realizar um estudo que abordasse as sociabilidades e os *habitus* virtuais³¹ da geração, que passa cada vez mais tempo no ciberespaço; em outras palavras, aqueles jovens que, em tese, sabem de tudo em tempo real, encontram-se, aprendem, se informam, paqueram, jogam, namoram, ganham dinheiro, comunicam-se, compram, fofocam, brigam, iniciam e terminam amizades e relacionamentos na *Internet*, isto , a Geração I.

Todavia, apesar de Tapscott (2010) iniciar sua discussão pela problemática ideia de que a Geração I seria fundamentalmente formada por indivíduos grudados nas telas dos *smartphones*, com déficit de concentração e desprovida de habilidades sociais. Ao contrário disso, o autor afirmou que essa geração desenvolveu novas formas de pensar, de se comunicar, e, por conseguinte, de se relacionar. Vale ressaltar que, sua pesquisa se fundamentou em entrevistas, com aproximadamente 10 mil jovens no mundo todo, entre os anos de 2006 e 2008. Assim, segundo o autor, a Geração I compreende aqueles que nasceram e cresceram no ciberespaço, isto é, no ambiente das mídias sociais, e reforça: “As crianças de hoje estão tão imersas em *bits* que acham que isso faz parte da paisagem natural” (TAPSCOTT, 2010, p. 10).

A pesquisa englobou, além de variadas ferramentas metodológicas, uma análise comparativa, como já foi mencionada anteriormente, que contemplou realidades escolares³² socioculturais e econômicas consideradas antagônicas e similares; antagônicas porque pretendeu-se comparar os *habitus* virtuais e as sociabilidades desenvolvidas pelos jovens no ciberespaço, a partir da inserção em ambientes escolares com recorte de classe social econômica: o escolar público (modalidades regular e profissional) e privado (escola classe média alta); e similares porquê de algum modo esses jovens pertencem a uma geração em específico - a Geração I “*Internet*” - que, em geral, partilha gostos e características em comum, por vivenciar um mesmo contexto histórico, social, político; e, atualmente, de imersão na tecnologia digital; ainda que com realidades econômicas diferentes. Consequentemente, a partir desse estudo, além de apreender as possíveis repercussões que essa transformação impôs ao cotidiano destes jovens, pretendeu-se ensaiar prováveis correlações entre semelhanças e desigualdades encontradas nesses novos formatos de *habitus* virtuais e sociabilidades

³¹ Categoria conceitual a ser trabalhada com base na Teoria do *Habitus*, de Pierre Bourdieu.

produzidos, dentro do ciberespaço, a partir desses contextos escolares (público e privado) considerados distintos.

Esse estudo comparativo teve por principal propósito verificar se existiam diferenças e correspondências - e quais eram - entre essas sociabilidades e *habitus* virtuais vivenciados na *Internet*, pelos jovens da escola pública e privada, uma vez que, historicamente esses ambientes são considerados tanto estruturalmente (infraestrutura do espaço escolar, equipamentos didáticos, acervo bibliográfico etc.) quanto educacionalmente (material didático, conteúdos, aulas práticas, dentre outros) diversos. Assim, de acordo com as informações do portal *GI* (ROCHA; IHARA, 2018), os índices de aprendizagem da Prova Brasil³³ – aplicada para 5,4 milhões de estudantes – revelaram desigualdades no aprendizado dos alunos: por rede de ensino, por localização da escola e por perfil do aluno.

Por exemplo, no 3º ano do Ensino Médio: na prova de Português a diferença entre as pontuações dos alunos das escolas públicas (259,45) e privadas (314,75) foi de 55,3 pontos, já na prova de Matemática a discrepância foi ainda maior 70,09 (Públicas – 259,39 e Privadas – 329,48); além disso, em Português a diferença entre a pontuação média dos alunos que residiam nas regiões mais ricas do país e os que moravam nas áreas mais precárias foi de 43 pontos, e em Matemática a diferença entre o desempenho médio dos alunos dessas regiões foi maior – 52 pontos – com os de baixa renda pontuando 255 e os mais ricos com 307 pontos. Por último, o estado que obteve maior desigualdade, entre as escolas públicas e privadas, foi o Piauí; enquanto a capital - Distrito Federal - apontou uma maior diferença entre os mais pobres e os mais ricos.

Para além disso, os alunos de escolas públicas e privadas possuem condições diferentes de acesso à cultura, ao lazer e aos meios de comunicação; e esse acesso diferenciado tem como resultado imediatos desempenhos desiguais entre esses alunos. Exemplificando, se um aluno tem somente a televisão como meio de acesso à cultura e ao lazer, enquanto outro tem a oportunidade de frequentar *shopping*, cinema, livraria, teatro, museu, e viajar para outros lugares, é bem provável que este último tenha muito mais capacidade de assimilar os demais conteúdos trabalhados em sala de aula, e, justamente, por isso tenha um desempenho melhor nas aulas.

Convém ressaltar ainda que, a escolha da escola como espaço de pesquisa deveu-se, especialmente, por entender que o cotidiano da escola não se refere, somente, ao aprendizado das disciplinas, mas igualmente as experiências de socialização e convivência com outros

³³ Prova aplicada pela Sistema de Avaliação da Educação Brasileira (Saeb) do Ministério da Educação (MEC), em toda a rede de ensino fundamental e médio do país.

indivíduos, sejam estes: professores, gestores, outros funcionários da escola ou colegas. Mais não somente isso, pelos jovens serem menores de idade, e não responderem civilmente por seus atos, sendo necessária uma autorização dos pais para participação de qualquer atividade; presumi que o local mais adequado para realizar a pesquisa seria o ambiente escolar, visto que nesse ambiente teria tanto a anuência por parte da escola, e, conseqüentemente, a autorização dos pais, quanto a segurança de estar em um local, devidamente, monitorado e prevenido de maiores casualidades. Além disso, uma das escolhas metodológicas - cálculo amostral - também pressupunha uma quantidade fixa de jovens, para que se pudesse determinar a amostra de cada escola.

Portanto, para que se pudesse compreender as interferências dessa mudança *ciber* social na vida destes garotos e garotas, em contextos escolares diferentes, fez-se necessário investigar, não somente, que tipo de uso faziam da *Internet* e das redes sociais, mas também investigar as sociabilidades e os *habitus* virtuais que surgiram, a partir desse uso das redes de relacionamentos (*WhatsApp; Facebook, Instagram, Twitter, etc.*), e igualmente analisar de que modo essas sociabilidades e *habitus* virtuais se materializaram no cotidiano desses jovens, para, finalmente, buscar inferir possíveis equivalências e diferenças desses *habitus virtuais* e sociabilidades, a partir de uma vivência social comparativa, entre jovens de escola pública e privada.

De fato, Tapscott (2010) foi mais além ao afirmar que essa geração, através do uso e das práticas que faz das mídias sociais, seria a responsável por, não somente, desenvolver, mas, principalmente, influenciar a cultura nas próximas décadas, e ratifica: “Elas são uma força de transformação social” (TAPSCOTT, 2010, p. 10).

Diante disso, a Geração I - *Internet* passou a ser assim reconhecida, amplamente, como nativos digitais, ou, melhor dizendo, como aqueles indivíduos que nasceram no país *Internet*, e que vivem conectados diariamente a tudo e a todos. Essa geração tem sua gênese fundamentada nas complexas interseções das transformações do mundo digital com o meio ambiente, com o contexto social e com tudo que acontece em todos os momentos, em outras palavras, instantaneamente. As principais características dessa geração são de uma juventude que conheceu a *Internet* desde a infância, posto que nasceram e cresceram junto com a rede mundial de comunicação (*World Wide Web*), como reiteram Amaral, Recuero e Montardo (2009) que em 2009 os jovens que chegavam a Universidade, tinham entre 5 e 6 anos de idade em 1994, quando Tim Berners-Lee inaugurava a *web* (inovação que se transformaria na *Internet*), sendo desse modo socializados formal e informalmente a partir da e na “rede”. Igualmente corroboram com aqueles autores Eisenstein e Estefenon (2008, p. 51):

[...] a *Internet* [...] criou novos conceitos que foram incorporados ao cotidiano das pessoas. De todos os grupos de usuários da rede mundial de computadores, são os jovens que lidam mais confortavelmente com as ferramentas e novidades desse novo meio de comunicação. Com o ímpeto típico da idade, desvendam, absorvem e compartilham os labirintos da rede.

Todavia, faz-se necessário mencionar que, embora haja alguma relutância de certos autores em delimitar gerações, por demonstrarem que isto simplifica e superficializa a discussão, Pais (1990) defendeu que, a priori, esta determinação serve, sobretudo para nortear o debate, sendo, portanto, apropriada a definição.

A categoria conceitual geração, começou a ser discutida sociologicamente no século XIX pelos autores Comte (1998) e Dilthey (1989), com abordagens teóricas consideradas distintas. Comte (1998) desenvolveu uma teoria positivista, enquanto Dilthey (1989) optou por criar uma teoria histórico-romântica. Ambos os autores, foram os principais responsáveis por lançar os pressupostos que fundariam as reflexões nascidas no século XX. Assim sendo, Mannheim (1952) dando continuidade a esse tema, se apropriou daqueles fundamentos propostos por Comte e Dilthey, para conceber a sua formulação sociológica sobre geração, e, conseqüentemente, desenvolver a sua teoria das gerações (FEIXA; LECCARDI, 2010).

A abordagem positivista de Comte (1998) foi concebida dentro de uma visão mecanicista e exterior do tempo, em outras palavras, seus estudos estavam voltados para a identificação de um tempo preciso, criteriosamente medido com base em uma sequência linear, isto é, uma análise quantitativa. Comte (1998) se fundamentou nos princípios de progresso e sucessão de gerações, para afirmar que a periodicidade de cada geração podia ser calculada pela média do tempo necessário para que uma geração substituísse a outra, na vida pública. O autor se referiu ao espaço de tempo correspondente a duração média de uma vida individual produtiva, que segundo os seus cálculos abarcariam cerca de 30 anos. Para esse autor, progresso seria o produto das associações estáveis das mudanças provocadas pela nova geração e a constância estabelecida pelas gerações mais velhas (FEIXA; LECCARDI, 2010).

A abordagem historicista de Dilthey (1989), refutou decisivamente a teoria calculista e mensurável de tempo, ressaltando que essa teoria não dava conta da periodicidade das transformações históricas, nem tampouco das transições geracionais. O autor reivindicou uma análise qualitativa das relações constituídas entre os indivíduos de cada geração. Dilthey (1989) argumentou que as gerações deveriam ser interpretadas a partir das experiências e relações compartilhadas por um grupo de pessoas, em um determinado contexto histórico,

social e político. Em resumo, para esse autor, tanto os eventos históricos individuais quanto o contexto histórico (transformações sociopolíticas) definiriam quem pertenceria a uma dada geração, já que seriam baseados na existência histórica humana (FEIXA; LECCARDI, 2010).

A abordagem sociológica de Mannheim (1952) sobre as gerações representou uma mudança epistemológica e metodológica importante na concepção sociológica do termo, visto que além de se contrapor a abordagem positivista de Comte (1998), contestou também a abordagem histórico-romântica de Dilthey (1989), e propôs uma superação dessas teorias opostas, argumentando que o estudo das gerações não se restringia ao macro nem ao micro, ou ainda, não estavam limitadas ao objetivismo x subjetivismo. A teoria das gerações desse autor se fundamentou no processo histórico-social. Mannheim (1952) propôs que as gerações poderiam ser explicadas por meio das mudanças sociais, das ações e formas de pensar de uma época. Para esse autor, essas mudanças decorriam basicamente do embate entre os processos históricos e os subjetivos. Para Mannheim (1952) não seria necessariamente a data de nascimento que delimitaria uma geração, mas as relações dos indivíduos com o meio social: faixa etária, gênero e outros (FEIXA; LECCARDI, 2010).

De acordo com Twenge (2018), na época do pós-guerra, a principal demanda era identificar os desejos, inspirações e aspirações daqueles jovens, que tinham a missão de reconstruir o país, e, por que não, grande parte do mundo, fazendo assim surgir a expressão *baby boomers*. E a autora segue complementando que, quando menciona o termo geração, não está se referindo exclusivamente a datas, mas, sobretudo, a um conjunto de atributos materiais, sociais, culturais, econômicos e políticos que condicionam os aspectos comportamentais de um grupo de jovens que viveram ou vivem em determinada época, e, por sua vez, partilharam e partilham experiências coletivas, corroborando com a teoria das gerações de Mannheim (1952)

Assim sendo, esse conceito de “geração” que começou a ser estudado no século XIX, pela sociologia, foi ao longo do século XX, sobretudo, depois da teoria das gerações de Mannheim (1952) adquirindo um *status* relevante, enquanto categoria de análise, dito de outro modo, enquanto ferramenta conceitual que possibilitou analisar os jovens de cada época, de acordo com suas vivências e experiências sociais, no mundo moderno e contemporâneo. Por conseguinte, os traços de comportamento de cada geração estão imbricados, de modo direto, nos atributos materiais e simbólicos que integram o universo de sentidos, práticas, expectativas e afetos desses jovens.

Nesse momento, faz-se necessário apresentar uma breve cronologia das gerações, para uma melhor compreensão tanto dos marcos que existem entre as gerações como das principais características e diferenças de cada geração. Vale salientar ainda que, essa

classificação e divisão das gerações, mesmo tendo sido adaptada a análises feitas por alguns países capitalistas, não se aplicam com o mesmo rigor aos países emergentes da América Latina, África ou Ásia.

*Baby boomers*³⁴ foi a primeira geração a receber essa nomenclatura (em tradução literal “*Boom* de filhos”) por terem nascidos entre 1946 e 1964, e por ser essa uma época de considerável aumento da natalidade, devido ao contexto mais otimista pelo fim da Segunda Guerra Mundial. Foram ainda considerados investidores da vida, corajosos, e conscientes de uma missão no mundo: trabalhar para melhorar as condições objetivas e materiais de vida; em suma, constituir uma família: casar-se, ter filhos, comprar uma casa própria, um carro, ter um emprego estável e bons momentos de lazer.

Possuíam valores como confiança e experiência pessoal, e foram fortemente influenciados pela TV, já que nasceram junto com a invenção dos televisores, que posteriormente passou a transmitir as grandes mudanças políticas, econômicas e culturais pelas quais o mundo passava, naquela época. A TV foi, para essa geração, um importante veículo de comunicação de ideias e, conseqüentemente, de conscientização, que mobilizou os jovens a lutar pelos seus direitos. A trajetória profissional dos *baby boomers*, na maioria das vezes, se restringia a uma única empresa, visto que, trabalhavam por 20 ou 30 anos numa mesma função e empresa, apenas pela estabilidade. Assim, a estabilidade e a segurança material foram, por assim dizer, consideradas pilares para essa geração, dado que, devido as agruras da guerra, tinham a intenção de transformar o mundo ao seu redor em um lugar com maior segurança e bem-estar, semelhante a um lar confiável e doméstico. Isto posto, foram considerados idealistas, revolucionários e adeptos do consumo ideológico.

A seguir, a Geração X - nascidos entre 1965 e 1980 - cresceu em um mundo menos seguro do que o dos *baby boomers*, atingido pela Guerra do Vietnã, e pela crise econômica causada pelo esgotamento do *Welfare State*, bem como pelo julgamento contundente do modo de vida ocidental, baseado na sociedade de consumo. Esse novo cenário de incertezas reduziu a taxa de natalidade, daí o motivo dessa geração iniciar um processo de recusa a ter filhos. Além disso, essa geração foi a primeira a experimentar os avanços tecnológicos, e, por isso, estavam mais interessados em novidades que a geração anterior, quer dizer, dos seus pais. Assim, a trajetória profissional, dessa geração, envolveu construção de carreira, ascensão hierárquica, mudança de profissão para alcançar a plena realização e empreendedorismo. À vista disso, foram considerados materialistas, competitivos e adeptos do consumo de marcas.

³⁴ Expressão cunhada pela sociologia.

Logo após, vêm os *millenials* ou Geração Y- nascidos entre 1981 e 1994 - dando continuidade ao processo de negação da natalidade (semelhante a geração anterior - X), apesar de o mundo ter mudado um pouco, sendo possível, naquela época, um moderado ciclo de paz e enriquecimento. Foram os primeiros a absorver, enquanto jovens, o mundo digital, ou, melhor dizendo, as tecnologias disruptivas da informação e comunicação, como parte de suas formações já na vida adulta. E por terem chegado à vida adulta após os anos 2000, são mais preocupados com as questões de classe e gênero, bem como mais atentos aos problemas ambientais e sociais, que as gerações anteriores. Participam de trabalhos voluntários, e se engajam em causas que acreditam. Como são mais atuantes socialmente falando, procuram estar sempre bem mais informados sobre o que acontece no mundo, buscando soluções mais idealistas para os problemas. A Geração Y tem capacidade multitarefa e são dinâmicos, em virtude disso, buscam crescimento profissional rápido. Por outro lado, valorizam mais a experiência do que a aquisição material, ou melhor, a construção de um patrimônio. Assim sendo, são considerados globais, questionadores e adeptos do consumo de experiências.

Finalmente, chegamos na Geração I, que foi a categoria central de análise eleita, para essa pesquisa.

Por conseguinte, o fato é que, atualmente, esses termos que nomeiam as gerações alcançaram a sociedade como um todo, isto é, as famílias, as escolas, as universidades, o mercado de trabalho, a cultura, o consumo, enfim: o futuro das sociedades contemporâneas vai sendo construído por cada geração. Entretanto, faz-se importante salientar que, não foi interesse deste trabalho, realizar uma discussão extenuante sobre o termo “geração”. Dito isso, o objetivo maior da pesquisa foi estudar quais os usos que esses jovens faziam da *Internet* e das redes sociais, e como esses usos foram sendo incorporados as ações e práticas do cotidiano.

Nesse sentido, optou-se por trabalhar com a Geração I, por entender que esse recorte geracional facilitaria melhor a compreensão dessa transformação social, cultural, política, econômica e digital; posto que esses jovens – em sua maior parte – vivenciaram essa transformação desde o nascimento, incorporando a cultura da *Internet* e seus derivações as suas dinâmicas da vida cotidiana. Como pontuam Amaral, Recuero e Montardo (2009): na sociedade da ubiquidade³⁵, os indivíduos estão cada vez mais aprendendo a se aprimorar, indistintamente, no mundo real, e no mundo virtual.

Com efeito, essa geração que busca assuntos no *Google*, usa a tecnologia de GPS, tira fotos, ver vídeos e troca mensagens pelo celular, tudo ao mesmo tempo, faz isso da forma

³⁵Sociedade da informação e do conhecimento.

mais natural possível, ou seja, esse conjunto de práticas, que foram sendo incorporadas, por essa geração, a ponto de se tornarem muito espontâneas, são, aqui, nominadas de *habitus* virtuais e sociabilidades. Em resumo, ao longo da última década, mais precisamente, esses *habitus* virtuais e sociabilidades foram sendo absorvidos, e, conseqüentemente, materializados no cotidiano desses jovens.

Essa incorporação se realizou, especialmente, nas redes sociais, visto que uma boa parte desses jovens possuem um perfil nessas redes: *Instagram, Facebook, Twitter* e *WhatsApp*, e cultivam o hábito de interagir – entre si e com outros - frequentemente por intermédio desse perfil. Sendo assim, foi, provavelmente, por conta da necessidade de se conectar a outros perfis, razão principal das redes sociais, que essas grandes mudanças, nascidas da tecnologia digital, nas formas de se comunicar e de se relacionar, se manifestaram no social, e foram, integralmente, absorvidas pela Geração I. Assim, pontuou Tapscott (2010, p. 11) sobre a Geração I: “Ela está introduzindo no mundo sua força demográfica, sua sabedoria midiática, seu poder de compra, seus novos modelos de colaboração [...], seu empreendedorismo e seu poder político”.

Entretanto, faz-se importante salientar que, há variados autores, que põem por terra essa perspectiva favorável às novas tecnologias digitais, porque partem do pressuposto de que os *smartphones* provocam sérios distúrbios de atenção. Para o psiquiatra Edward Hallowell (2007) - autor de *Sem tempo para nada* - esses pequenos aparelhos “inteligentes” produzem uma geração que vive na superfície da informação, e é desatenta, incapaz de se concentrar minimamente em algo ou alguém. Ou ainda, há aqueles autores como Muniz (2019) que afirmam que essas novas tecnologias digitais geram indivíduos viciados na rede, e que não se interessam mais nem por esportes, nem tampouco por atividades culturais fora da grande rede, manifestando como conseqüências imediatas desse vício a perda da capacidade de se socializar, da saúde física³⁶ e mental, como é o caso dos viciados em *videogame*.

Há também os que advogam, como Durham (2009), que essa geração não tem vergonha, posto que publicam fotos e vídeos provocadores na *Internet*, e incitam os predadores cibernéticos, isto é, pedófilos do ciberespaço. O desejo exacerbado, dessa geração, de expor todo e qualquer tipo de informação privada no *feed* pessoal, não mede os riscos, e conseqüências que essa “simples” atitude pode gerar em suas vidas posteriormente, ou mesmo imediatamente.

³⁶ Síndrome do *Smartphone*: é quando o polegar humano é sobrecarregado e cria novos pontos de tensão pelo corpo. As pessoas abaixam, em média 100 vezes por dia, a cabeça para ver o celular (MUNIZ, 2019).

Para além disso, outros autores afirmam que essa é uma geração narcisista³⁷, como assevera Tapscott (2010, p. 14) citando Twenge: “A tecnologia atual alimenta um aumento do narcisismo”.

Desse modo, Tapscott (2010) nos instiga a pensar sobre o porquê dessa “antipatia” acerca da interação dessa geração com as mídias sociais? E avança elucidando que: não seria pelo fato de que o novo desestabiliza o *status quo*? ou, ainda, porque como afirma Bourdieu (2003) o que está sempre em jogo é uma disputa de poder entre gerações, ou seja, entre a que já tem seus interesses estabelecidos, e aquela que tem por pretensão estabelecer novos interesses. Em certo sentido, essas críticas podem parecer excessivas, mas além de fazer parte do debate levantar as mais variadas nuances acerca da temática, faz parte também a disputa de poder entre as gerações.

Portanto, como demonstra Bourdieu (2003), em geral, o trabalho da Sociologia seria chamar atenção, e explicar que essa separação das idades é aleatória. E, complementa argumentando que: “A representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens, coisas que fazem com que, em contrapartida, eles deixem muitas outras coisas aos mais velhos” (BOURDIEU, 2003, p. 151).

Assim, para exemplificar essa representação ideológica da divisão entre as gerações jovens e as anteriores, Bourdieu (2003) cita que no esporte *rugby*, os chamados “bons rapazes”, aqueles que ocupavam a posição de “avantes”, teriam como característica principal serem fortes, não sendo necessário falar, nem tampouco pensar, características essas sim necessárias aos dirigentes e comentaristas do jogo. O autor igualmente chama a atenção para o fato de que essa ordenação de posições pode ser vista em outros contextos tais como na relação entre os sexos; e que esse tipo de disposição estrutural entre jovens e velhos advém sobretudo do poder, ou, melhor dizendo, da distribuição de poderes na hierarquia social. E sentencia: “As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe....) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar” (BOURDIEU, 2003, p.152).

Assim, para esse autor, tanto a juventude como a velhice são construídas socialmente na disputa entre os jovens e os velhos, sendo de *suma* importância conhecer como são definidas as gerações, e para isso deve-se entender como se movimentam as leis específicas de cada campo, os objetos de luta e as fragmentações derivadas dessa luta.

³⁷ Jean Twenge analisou os resultados de uma ampla pesquisa realizada nos EUA, entre o começo da década de 80 e 2006, sobre personalidade narcisista.

Todavia, Bourdieu (2003) alerta que embora a juventude deva ser tratada como um grupo social que partilha interesses comuns e abarca uma idade biológica, dentro desse grupo há heterogeneidade, que depende fundamentalmente das condições objetivas de vida, que envolvem as condições socioeconômicas de cada jovem, como por exemplo: o orçamento familiar, onde o jovem mora, se trabalha ou não, se estuda ou não, qual capital cultural herdou da família, dentre outras.

Em resumo, o autor demonstra que as pretensões das gerações subsequentes, de pais e filhos, são de fato construídas em contextos de vida diferentes tanto em relação a partilha de bens quanto ao acesso a esses bens, e isso gera conflitos. Transpondo o exemplo para a atualidade, aquilo que para a geração dos *millenials* era uma vantagem: ter um celular (visto que a maioria não tinha o aparelho, porque tinha sido lançado há pouco tempo, custava caro e não era considerado bem essencial), se tornou um objeto comum, entre os jovens da Geração I, fazendo até parte da “cesta básica” de eletroeletrônicos essenciais. Por conseguinte, Bourdieu (2003) sintetiza argumentando que as disputas, entre as gerações, são lutas entre grupos sociais, em períodos distintos, com pretensões concebidas.

2 AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo, serão apresentados os caminhos metodológicos eleitos tanto para a coleta dos dados empíricos quanto para a trajetória teórica da pesquisa. De fato, há uma variedade de técnicas que nos auxiliam nesse percurso metodológico, e o processo de escolha dessas técnicas envolve alguns aspectos a serem considerados: temática do estudo, objetivos, recorte ou público-alvo da pesquisa, familiaridade do pesquisador com as técnicas, adequação dos métodos aos objetivos, escolha de uma teoria, dentre outros. Evidentemente, sabemos que tudo se inicia com a escolha da temática, para que, a partir dessa escolha, possa se buscar: os referenciais teóricos, a delimitação do recorte, a definição dos objetivos, a eleição das opções metodológicas, ou seja, todo o propósito da pesquisa.

Assim, para responder às questões centrais dessa pesquisa, ou, melhor dizendo, para estudar as formas de uso das redes sociais, pela Geração I- *Internet*; investigar de que maneira o uso destas redes de relacionamentos, no ciberespaço, convergem com a vida social; analisar como as relações interpessoais construídas, a partir da conectividade nessas redes sociais (*Facebook, WhatsApp; Instagram, Twitter, etc.*), atravessam as relações e ações desses jovens, no cotidiano; examinar, ainda, como essas plataformas sociais se expandem no dia a dia dessa geração, e, por último, mas não menos importante, inferir possíveis correspondências e discordâncias entre os *habitus* virtuais e as sociabilidades dessa geração, a partir de uma experiência social comparativa entre jovens de escola pública e privada; foram definidas ferramentas metodológicas que possibilitassem tanto problematizar quanto responder essas questões, de modo a apontar prováveis conclusões.

Em suma, deduz-se, de partida, que a complexidade de percorrer essa trajetória teórica-empírica será um enorme desafio.

Para Bourdieu (2007), o ofício do sociólogo consiste em, sobretudo, dar a devida atenção a intuição na escolha dos objetos de pesquisa, transformando uma experiência do social em objeto a ser estudado cientificamente, com a condição de ser submetido à crítica sociológica. Assim, subentende-se que os caminhos metodológicos escolhidos, pelo pesquisador, ao adotar determinada temática de pesquisa, são de fundamental importância para que se consiga realizar aquele ofício, com êxito e legitimidade científica.

Por conseguinte, as indagações: “Quais ferramentas metodológicas são mais adequadas a cada pesquisa? Por onde se deve começar a pesquisa, pelo aporte teórico ou pela ida a campo? Ou ainda, teoria e empiria caminham juntas?” foram, por assim dizer, o ponto de partida dessa difícil escolha da trajetória metodológica. E, diante dessas indagações iniciais,

que estavam postas, decidi voltar no tempo e fazer memória das ferramentas metodológicas já usadas no trabalho de conclusão do curso de graduação: categorias conceituais, questionário e grupo focal.

Contudo, a minha hipótese preliminar era de que, uma vez determinado o tema, a ida a campo propiciaria, em grande medida, a ajuda necessária às mais variadas etapas da pesquisa. Desde a concepção e revisão da pergunta mote, que orientou o estudo, passando pela construção e reconstrução dos objetivos (principal e específicos), até a escolha, em princípio, temporária das alternativas teórico-metodológicas a serem aplicadas na pesquisa. Obviamente, pressupondo haver um acúmulo de certa base teórica sobre o tema, e alguma prática de técnicas de metodologia de pesquisa, que subsidiassem as primeiras incursões no campo.

2.1 O Caminho Teórico para Entender os *Habitus* Virtuais e as Sociabilidades da Geração I

Como compreender as especificidades inerentes a convivência dos indivíduos entre a tecnologia digital e a vida social? Ou melhor, quais os impactos originados por essa convergência entre o ciberespaço e os jovens da Geração I? Ou ainda, como entender as similitudes e diferenças dessa geração, na *Internet* e nas redes sociais, considerando ambos os ambientes escolares público e privado?

Da mesma maneira que Jacintho Setton (2002), sobre a teoria do *habitus* de Pierre Bourdieu, propus responder a essas questões, pela análise da emergência de uma nova configuração entre o mundo digital e a sociedade, em que o processo de construção dos *habitus virtuais* individuais e coletivos, passam a ser mediados pela coexistência de distintas instâncias da tecnologia digital, produtoras de valores sociais, culturais e relacionais, ou, em outras palavras, produtoras de novos tipos de condicionamentos sociais, culturais e relacionais vivenciados a partir da *Internet* e das mídias sociais.

Considerando que, as redes sociais no mundo contemporâneo são como instâncias socializadoras, que coexistem numa intensa relação de interdependência, Recuero (2011) atesta que, se deve entender esse fenômeno a partir de suas interações e não mais isoladamente. Nesse sentido, caberia perguntar: como essa nova configuração entre o ciberespaço e os indivíduos seria responsável pela construção de sociabilidades e *habitus virtuais* dos jovens, que pertencem à Geração I - *Internet*?

Supondo que uma resposta possível a essa questão seria a interpretação da teoria de Bourdieu (2001), na qual adotou como proposta teórica metodológica o conceito de *habitus*

como sendo um instrumento conceitual que auxilia a pensar a relação e a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Nesse sentido, o *habitus*, enquanto categoria conceitual, funcionaria como uma noção que ajuda sobretudo a refletir as características de uma identidade social, isto é, de um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. Ou ainda, *habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas de vida. Considero que, tal teoria prepara tanto a reflexão sobre o processo de constituição das subjetividades sociais na época atual, dentro do ciberespaço, quanto conseqüentemente suas relações pautadas pela vivência na rede, ou, mais precisamente, no espaço das redes sociais. Vivência essa, aliás, intensificada pelo uso da tecnologia móvel.

Além disso, considero, que Pais (1990) ajudaria a responder aquelas questões, não somente por compreender que a categoria “juventude” guarda certa especificidade, mas por, principalmente, ressaltar a individualidade que permeia cada jovem, admitindo assim as particularidades, do cotidiano, de cada um. Além disso, o autor trabalha com a concepção de que o jovem seria um produto de uma relação concreta com a família, origem e classe social a que pertence, bem como produz as significações que atribui a si mesmo. Desse modo, problematiza a tradição sociológica que percebe os jovens sobre dois enfoques diversos: como um grupo homogêneo, e correspondente a determinada fase da vida (teoria geracional); e outro como um grupo social distinto, devido a sua origem de classe (teoria classista). Conseqüentemente, Pais (1990) toma em consideração que a complexidade dessa categoria requer a abordagem concomitante das duas teorias, uma vez que, em sua visão a juventude seria paradoxal.

Nesse sentido, entendi que Machado Pais (1990) subsidiaria as análises da Geração I, não somente, por desenvolver um estudo sociológico inovador, mas também por utilizar técnicas sociológicas agrupadas a métodos antropológicos: histórias de vida e etnografia para investigar e compreender as rotinas, costumes e hábitos dos mais variados jovens. Dado que, para este autor, o estilo de vida contemplava além da moral, um sentido institucional, mas, principalmente, significados simbólicos, e, sobretudo, individuais. Por isso, concebeu uma definição de juventude, que correspondeu à complexidade presente nessa fase da vida, tão peculiar.

Para além disso, supus que o conceito de sociabilidade de Simmel (2006) também traria maior entendimento às interações sociais vivenciadas pelos jovens, na *Internet* e nas redes sociais, tendo em vista que, para esse autor, essas interações sociais se originariam de estímulos específicos, ou da procura de certos interesses:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros (SIMMEL, 2006, p. 60).

Assim, para Simmel (2006) a sociabilidade seria o modo, que se processa de infinitas formas diferenciadas de como os sujeitos, em virtude de seus propósitos (subjetivos ou objetivos, transitórios ou permanentes, cientes ou alienados, com motivos ou imotivados) cooperam, simultaneamente, para que esses propósitos se concretizem.

Em resumo, tanto a teoria do *habitus* de Bourdieu (2001) quanto à forma como Pais (1990) discute a interdisciplinaridade da juventude, como também o conceito de sociabilidade de Simmel (2006) são, a meu ver, teorias apropriadas para observar, de modo singular, os *habitus* virtuais e as sociabilidades dos jovens da Geração I – no ciberespaço, considerando além de suas particularidades, seus complexos quotidianos.

2.2 A Trajetória Empírica para Entender os *Habitus* Virtuais e as Sociabilidades da Geração I

Como procedimentos metodológicos empíricos foram eleitas atividades, que auxiliassem na resposta aos objetivos: geral e específicos; e, conseqüentemente, oportunizassem evidências nos achados empíricos, que fundamentassem a pesquisa. Para tanto, foi planejado inicialmente trabalhar com as atividades relacionadas a seguir: observação *in loco*, aplicação de questionários, realização de grupos focais, além de categorias conceituais, que possibilitassem o diálogo com os dados coletados na pesquisa, e, finalmente, pesquisa bibliográfica.

Entretanto, percebi que apesar de já ter escolhido: o percurso teórico – Teoria do *Habitus* de Pierre Bourdieu (2001), a categoria conceitual Geração I trabalhada por Twenge (2008), o conceito de sociabilidade de Simmel (2009), e as técnicas (*observação in loco*, aplicação de questionário e grupo focal); ainda faltava “algo”, visto que após delinear os objetivos da pesquisa, observei que um desses objetivos específicos seria fazer uma análise comparativa dos *habitus* virtuais e das sociabilidades, da Geração I, contemplando escolas de diferentes públicos, isto é, de modalidades distintas - público e privado, e, conseqüentemente, classes sociais diferenciadas. Pesquisando alguns *softwares* de análises, uma provável solução, que poderia suprir essa “lacuna”, seria a integração de um *software* de análise quantitativa

(*Sistema R*³⁸), que permitisse, juntamente com os outros métodos já mencionados anteriormente, uma comparação analítica dos dados coletados, de ambas as escolas, quer dizer, uma análise relacional, que pudesse apontar prováveis semelhanças e diferenças nas sociabilidades e *habitus* virtuais desses jovens, daquela geração.

Todavia, ao decidir trabalhar com um programa de análise de dados, um impasse se impôs: se a proposta seria usar um *software* que possibilitasse um exame dos quantitativos, porque não transformar o estudo numa pesquisa de formato duplo Quanti/Quali³⁹, já que, ambas as técnicas poderiam abarcar satisfatoriamente, não somente o exame comparativo, mas, igualmente, as outras questões específicas do estudo. Assim, para que a pesquisa adquirisse o aspecto Quanti (quantitativo) foi necessário estabelecer um cálculo amostral que, ao mesmo tempo, quantificasse a amostra total e por escola, e determinasse um método aleatório de escolha dos jovens (dentro da amostra de cada escola).

Além disso, foi, também, necessário, *a priori*, delimitar o recorte da pesquisa, ou seja, restringir o público-alvo (escolas e faixa etária dos jovens) a ser investigado. Nesse sentido, a escolha das escolas se deu basicamente: 1 – no caso das escolas públicas, pelo vínculo que a Universidade Federal do Ceará mantinha com algumas escolas estaduais públicas, por meio do programa PIBID/UFC⁴⁰; 2 – no caso da escola privada, foi facilitada por um interlocutor que lecionava, há 18 anos, no grupo educacional privado em questão, e tinha acesso a todas as sedes do colégio, bem como à diretoria e às coordenações do ensino médio. Assim, as escolas eleitas serão aqui chamadas de: Escola de Ensino Fundamental e Médio Pública Dragão do Mar, Colégio São Luiz, e Escola Estadual de Ensino Profissional José de Alencar⁴¹.

A escolha de dois formatos diferentes de escola pública deveu-se, especialmente, a decisão de utilizar o formato de ensino profissional, como controle comparativo entre as outras duas modalidades: regular pública e privada de elite, uma vez que o modelo de escola profissional guarda características de ambos, dos outros dois formatos, como por exemplo: o ensino gratuito (modelo de ensino público), mas com processo de seleção para o ingresso de novos alunos (modelo de ensino privado). Assim, também, por esse motivo, os alunos são oriundos tanto de escolas particulares menores, de bairros locais ou bairros próximos, quanto

³⁸ *Software* de análise quantitativa disponibilizado gratuitamente. Versão Core Team 2020. *Software* livre que permite, além de, análises quantitativas, classificar o texto, criar categorias de dados textuais, comparar a frequência das categorias, fazer cruzamentos de categorias e observar a frequência em conjunto dessas categorias.

³⁹ Pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo.

⁴⁰ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/UFC (PIBID, 2019).

⁴¹ Os nomes das escolas são fictícios, condição necessária a realização da pesquisa, uma vez que o público-alvo se tratou de jovens, que, em geral, não dispõem de maioridade civil, de 18 anos.

de escolas públicas; e, finalmente, pelo ensino diferenciado oferecido por essas escolas públicas e profissionais, com foco no ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio⁴².

Segundo dados oficiais sobre a educação profissional divulgados pela Seduc (Secretaria de Educação do estado do Ceará) referente a evolução de 2008 a 2017 (CEARÁ, 2017), esse formato cresceu: em número de escolas, 468% (25 a 117); de municípios atendidos 455% (20 a 91); de cursos ofertados 1325% (4 a 53); de matrículas 1190% (4.181 a 49.741); e por último, de alunos aprovados para cursar o Ensino Superior 49% - considerando o período de 2012 a 2016⁴³. A evolução desses números demonstra o esforço que o governo estadual vem fazendo para ampliar esse formato de educação, que integra as políticas de educação e de ensino profissionalizante, isto é, o ensino médio e a capacitação técnica.

Ainda sobre as escolas, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Pública Dragão do Mar situa-se na região central de Fortaleza, mais, precisamente, no bairro Farias Brito, que pertence a Secretaria Regional I (LISTA DE..., 2019); já a Escola Estadual de Ensino Profissional José de Alencar localiza-se na divisa com o município de Caucaia, ou seja, no bairro Conjunto Ceará, situado na periferia de Fortaleza - fronteira com Caucaia, e faz parte da Secretaria Regional V; por fim, o Colégio São Luiz⁴⁴, possui três sedes: uma localizada no centro da cidade, outra no bairro da Aldeota e uma terceira no bairro Edson Queiroz, mas, somente, as sedes da Aldeota, na Secretaria Regional II (área cuja renda per-capita e IDH são considerados altos, o 2º maior de Fortaleza, em relação as outras duas áreas das escolas públicas, e a área da outra sede deste colégio)⁴⁵, e Edson Queiroz, na Secretaria Regional VI, entraram para compor o recorte da pesquisa. Vale ressaltar que, a sede do Centro não foi considerada para a pesquisa, porque já havia uma escola pública nas proximidades dessa sede, não havendo necessidade de uma outra escola na mesma região. Ficando assim, o recorte total da pesquisa delimitado a 4 escolas: sendo 2 escolas públicas (formato regular e profissional) e 1 escola privada (com 2 sedes: uma no bairro da Aldeota e a outra no bairro Edson Queiroz).

A escolha dessas escolas foi também baseada na localização geográfica de cada escola. Assim, essa escolha buscou contemplar diferentes regiões da cidade: periférica, central,

⁴² Devido a política de cotas - para as Universidades Federais Públicas - direcionada aos alunos de escola pública.

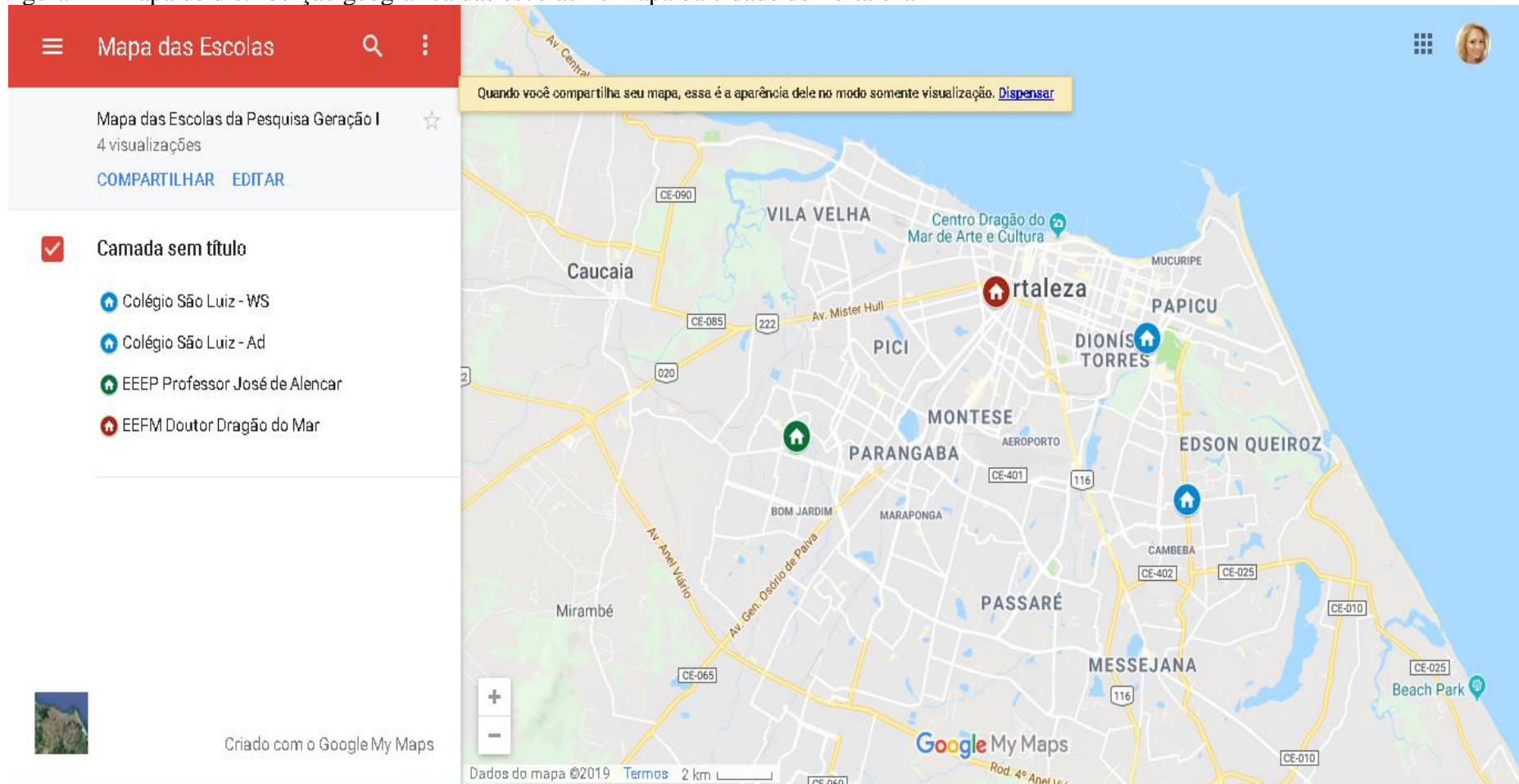
⁴³ Ainda segundo Haguette e Pessoa (2015), esse resultado das escolas profissionalizantes, considerado excepcional, deve-se principalmente ao grande interesse dos alunos desta escola em aprender. O autor resalta também o entusiasmo dos alunos em frequentar a escola nos dois turnos, posto que isso propicia um estímulo a mais para aprender. Acrescenta ainda que, os alunos possuem a consciência de que o estudo é a porta de entrada para um futuro melhor.

⁴⁴ Uma entidade educacional privada, que compreende desde a educação infantil, passando pelo ensino fundamental e médio, até o pré-vestibular.

⁴⁵ IDH Conjunto Ceará I (0,360); IDH Conjunto Ceará II (0,362); IDH Centro (0,557); IDH Aldeota (0,867); e IDH Edson Queiroz (0,350) - Censo Fortaleza 2010 (ÍNDICE DE..., 2019).

e nobre, devido, principalmente, ao objetivo específico de cunho comparativo, cuja finalidade fundamental seria achados empíricos, que compreendesse elementos de diferenciação, ao mesmo tempo que abrangesse elementos de conformidades, considerando o público-alvo da pesquisa. A figura a seguir, revela a distribuição geográfica das escolas no mapa da cidade de Fortaleza.

Figura 4 – Mapa de distribuição geográfica das escolas no mapa da cidade de Fortaleza



Fonte: Google Maps (2019).

Não obstante, as principais escolhas teórico-metodológicas estarem encaminhadas, ainda seria necessária uma ajuda, para calcular as amostras de cada escola, e para manipular a base de dados, dentro do *software* de análise. Para tanto, foi contratada uma consultoria - GAUSS, Empresa Júnior de Estatística da UFC - para dar o suporte no cálculo da amostra, nas demais orientações de quantitativo, e na seleção dos jovens, que deveriam participar da aplicação dos questionários. Já a seleção da faixa etária - para formar o público-alvo - foi feita com base no grupo etário das escolas públicas, que só dispunham de jovens com idade acima de 14 anos, por isso ficou decidido que o intervalo de idades, adotado na pesquisa, para todas as escolas, seria de 15 a 18 anos, isto é, somente, jovens que estavam cursando o ensino médio. Em resumo, a faixa etária trabalhada pelas duas escolas públicas determinou o grupo etário de jovens da pesquisa, que seria selecionado nas 4 escolas.

A consultoria da GAUSS/UFC sugeriu que se trabalhasse com a técnica de Amostragem aleatória simples sem reposição – ASSs, posto que o espaço amostral era composto por alunos, que estavam devidamente matriculados nas escolas de interesse, ou seja, o mesmo aluno não seria encontrado, nem em turmas, nem em escolas diferentes. Assim, levando-se em consideração, que cada aluno poderia ser selecionado ou não, se utilizou para o cálculo da amostra, a distribuição de Bernoulli.

Sendo X_i o aluno observado, então: para $X_i = 1$ (o aluno é selecionado para responder o questionário); e para $X_i = 0$ (o aluno não é selecionado para responder o questionário. Nessa situação, a variância⁴⁶ assume $\text{Var} = p(1-p)$, onde,

Var = variabilidade dos indivíduos na população;

p = proporção de membros da população, que apresenta a característica.

Diante do exposto, calcula-se o tamanho amostral (n) por meio da fórmula a seguir:

$n = 1/((D/\text{Var}^2) + (1/N))$, onde,

$D = E^2/Z\alpha$;

E = Erro máximo permitido;

$Z\alpha$ = Quantil da ordem α da distribuição normal padrão;

N = Tamanho populacional;

S^2 = Variância populacional estimada.

Vale evidenciar que, para estimar uma determinada característica de interesse com dada precisão, faz-se importante estabelecer um nível de confiança para a pesquisa, nível esse

⁴⁶ Por não ter tido acesso a nenhum dado anterior que pudesse dar uma estimativa da variância dos dados estudados, como pesquisas anteriores, optou-se por utilizar essa variância, que na estatística é denominada de “variabilidade conservadora”, na qual p assume o valor de 0,05.

que foi definido por $(1 - \alpha)$. Em resumo, margem de erro, coeficiente de confiança e tamanho da amostra são interdependentes, ou seja, as duas primeiras variáveis dependem da terceira - o tamanho da amostra.

Portanto, com base na fórmula e definições acima, o estudo em questão, assume os tamanhos amostrais de: 155 de um total de 1.470 alunos para a Escola de Ensino Fundamental e Médio Pública Dragão do Mar; 210 de um total de 1.106 alunos, considerando as sedes Aldeota e Washington Soares, para o Colégio São Luiz; e 150 de um total de 506 alunos para a Escola Estadual de Ensino Profissional José de Alencar. Somando os tamanhos amostrais, das 3 escolas, obteve-se o total de 515 questionários que foram respondidos, considerando os percentuais de 90% de nível de confiança e 10% de margem de erro.

Vale salientar ainda que, a sugestão da GAUSS para o de nível de confiança e a de margem de erro foram de 95% e 5%; entretanto, o tamanho amostral das 3 escolas daria acima de 1200 questionários a serem respondidos, inviabilizando tanto a aplicação junto as escolas quanto a tabulação dos dados, em tempo hábil.

Por último, a escolha de incluir o grupo focal, entre as demais ferramentas de pesquisa, se deu, basicamente, por entender que essa ferramenta aprofundaria as questões do questionário, suprimindo possíveis lacunas deixadas pelas respostas das perguntas fechadas. Para Barbour (2009, p. 21), grupo focal é qualquer discussão de grupo, em que o pesquisador estimule ativamente os diálogos entre os participantes.

Assim sendo, a proposta de acrescentar os grupos focais - como parte dos métodos empíricos da pesquisa - compreendeu a realização de um grupo focal, com cerca de 6 alunos, em cada escola (e no caso, da escola privada, um grupo para as duas sedes⁴⁷: Aldeota e Washington Soares), logo após a etapa de aplicação dos questionários.

Em síntese, essa trajetória metodológica teve como principal pretensão contemplar os objetivos específicos da pesquisa, e, para além disso, testar uma metodologia que abarcasse modelos quantitativos e qualitativos. A iniciativa de trabalhar com um modelo misto, isto é, uma pesquisa de cunho Quanti-Quali expôs a noção do quão complexo foi misturar técnicas, visto que cada técnica pressupõe preparação, capacidades e desafios específicos.

Por outro lado, esse modelo misto possibilitou - ao mesmo tempo - uma série de aprendizados sob: qual a melhor forma de inserção no campo, ou melhor, nas escolas; como selecionar o recorte, como abordar o público-alvo, como lidar com o dinamismo e as

⁴⁷ Na análise, geral e comparativa, dos dados tanto dos questionários quanto dos grupos focais, as escolas públicas regular e profissional foram consideradas como um só grupo “escola pública”, e as duas sedes da escola privada, igualmente, foram consideradas como um só grupo “escola privada”.

particularidades de cada escola, como montar um questionário de acordo com os objetivos, como, igualmente, elaborar um roteiro para o grupo focal, como agir na aplicação do questionário e na realização do grupo focal junto a rotina da escola, como quantificar a amostra e definir parâmetros avaliativos da amostra – margem de erro e nível de confiança, como criar hipóteses para testar no *sistema R*. Além de tudo, como proceder na aplicação dos questionários considerando o formato aleatório, como trabalhar os dados no *software*, como selecionar os autores e fontes que contribuíram para discussão, e por fim, como costurar todas essas informações, de modo inteligível, em um texto final.

3 “TÔ DIRETO ONLINE”: UMA ANÁLISE DOS *HABITUS* VIRTUAIS E DAS SOCIABILIDADES DOS JOVENS DA GERAÇÃO I – *INTERNET*

No início do mês de março de 2018, iniciei os contatos com os diretores e coordenadores das escolas, para apresentar-me - como aluna do Mestrado em Sociologia da UFC – e, ao mesmo tempo, apresentar a pesquisa sobre os jovens: objetivos, metodologia e os procedimentos gerais. Esses primeiros contatos, envolveram desde *e-mails*, telefonemas até visitas pessoais, para formalizar e explicar as etapas, e as metodologias a serem aplicadas em cada etapa da pesquisa.

Ainda, sobre esses contatos prévios com as escolas, recordo que, na ocasião, havia certa ansiedade e preocupação, de minha parte, por não saber como seria a recepção na escola privada, em parte porque ainda não tinha tido nenhuma experiência de pesquisa nesse ambiente particular, e de outra parte por se tratar de uma escola de classe média alta, com todas as atipicidades próprias de uma escola, que atende uma parcela⁴⁸ restrita da sociedade, que corresponde as classes A e B⁴⁹. Além disso, como já havia tido uma breve experiência de pesquisa junto a escola pública, *a priori*, não havia com que se preocupar com relação a esse ambiente escolar.

Todavia, para minha surpresa, o acesso à escola privada foi consideravelmente fácil: a cada visita comunicava - aos coordenadores por *WhatsApp* - o dia e a hora que estaria na escola, bem como a atividade que iria realizar, e, assim, o acesso era liberado. De modo que eu tive total liberdade para circular e observar os jovens em seus momentos de descontração, durante o recreio. Bem como posteriormente, também, com prévio agendamento, aplicar tanto os questionários quanto realizar o grupo focal. No entanto, ao contrário do que imaginei inicialmente, encontrei certa dificuldade de acesso em uma das escolas públicas, já que logo, no início, tive que ir várias vezes pessoalmente (4 ou 5 vezes) para apresentar-me, apresentar a pesquisa e solicitar permissão para realizá-la, junto aos alunos. Naquele momento, recordo que tive que abordar 3 ou 4 pessoas, entre coordenadoras e diretor, para viabilizar o acesso à escola. *A posteriori*, nessa escola pública, tive mais liberdade tanto na etapa de aplicação dos questionários quanto na do grupo focal.

Logo após essa fase inicial dos contatos, ainda no final do mês de março de 2018, comecei as incursões nas escolas. As visitas as escolas ocorreram, basicamente, durante o

⁴⁸ Essa parcela, na pesquisa, correspondeu a 50,47% da amostra populacional das duas sedes: Aldeota e Washington Soares.

⁴⁹ Critério de classificação social adotado pelo IBGE – Por Faixas de Salário-Mínimo.

horário de intervalo do recreio, ora pela manhã, ora pela tarde; e numa periodicidade de duas escolas sendo visitadas a cada mês letivo, ao longo do ano. Essas visitas foram aqui nominadas de visitas *in loco*, e auxiliaram, principalmente, nas atividades de observação dos tipos de interação entre os jovens, e destes com a tecnologia digital móvel – o *smartphone*.

Nesse ínterim, aproveitei as visitas para aplicar o questionário referente a pesquisa: *Os Jovens na escola: Sociabilidades e Consumo Cultural*⁵⁰, nas três sedes da escola privada. Na época, tive a oportunidade de conhecer a estrutura da sede do Centro, da escola privada, e, ali, percebi que não haveria necessidade dessa sede entrar no recorte da pesquisa, visto que sua localização era bem próxima a localização da escola pública, já selecionada previamente. Além disso, o recorte da pesquisa foi construído de maneira a contemplar escolas de localidades e regionais diferentes, em razão de um de seus objetivos ser uma análise comparativa entre os *habitus virtuais* e sociabilidades incorporados por esses jovens, considerados de classes sociais distintas.

Dessa maneira, já nas minhas primeiras visitas: facilmente, observei as interações dos jovens com a tecnologia digital móvel, ou, melhor dizendo, com os seus respectivos “*smartphones*”. E apesar de, dentro da sala de aula, não ser permitido o uso celular, no horário do intervalo os jovens usavam livremente, e para os mais variados fins: desde ouvir música, mandar áudio, enviar mensagens a assistir vídeos. No caso, das duas escolas públicas, somente, uma escola - a profissional - tinha sinal *wi-fi* para acesso à *Internet*, porém, esse acesso não era liberado para os alunos; já na escola privada, ainda que, o sinal *wi-fi* fosse liberado para os alunos, não era divulgado, nem tampouco incentivado pela escola. Vale ressaltar que, a maioria desses jovens possuíam pacote de dados móveis, mas sempre que possível, e até para poupar os dados móveis, usufruíam das benesses das redes de acesso gratuito.

3.1 Observando os Jovens na Escola

A priori, o porquê de a escola ter sido escolhida, como lugar de pesquisa, deveu-se, sobretudo, por entender que é na escola que as crianças e os jovens aprendem, além da formação, a se socializar, em outras palavras, aprendem a conviver e se relacionar com os outros, que não sejam da família, ou parentes próximos. Assim, muito mais do que um ambiente que educa, a partir de conteúdos pré-determinados, a escola é um espaço, no qual crianças e

⁵⁰ Pesquisa sobre o consumo cultural dos jovens, de Irapuan Peixoto Lima Filho. Ver Lima Filho (2017a; 2017b).

jovens, passam uma boa parte do tempo, seja diariamente, seja ciclos de vida⁵¹; e, justamente, por isso esse dia a dia é preenchido de experiências e significados que constroem, de certo modo, a subjetividade de cada uma dessas crianças e desses jovens. Para além disso, a necessidade de encontrar um determinado grupo de jovens, que correspondesse a faixa etária da pesquisa, em um ambiente que propiciasse - ao mesmo tempo - a aplicação dos métodos qualitativos e quantitativos foi igualmente considerada, para que a pesquisa pudesse ser feita na escola.

Desse modo, antes de narrar as observações coletadas nas escolas, entende-se que, se faz necessário descrever, brevemente, as estruturas das escolas, para uma melhor percepção de qual ambiente os jovens estavam inseridos, bem como de qual estrutura tinham à disposição.

Assim, no início de 2018, a estrutura da Escola de Ensino Fundamental e Médio Pública Dragão do Mar estava passando por uma reforma, que ficou pronta no primeiro semestre de 2019. Esta escola ocupava metade de um quarteirão, bem em frente a uma das principais avenidas da região. Logo na entrada tinha um portão central de ferro, que dava acesso à escola; passando por este portão, existiam dois jardins pequenos (um de cada lado do portão), um estacionamento à esquerda para bicicletas, e outro a direita para carros; a seguir vinha um outro portão, que dava acesso à área interna da escola. Cruzando esse portão, a secretaria ficava do lado direito; do lado esquerdo um auditório; e no meio uma área de recepção, onde ficavam o porteiro e um guarda, também havia dois bancos de madeira em frente a secretaria. Em seguida, um terceiro portão dava acesso ao pátio central à direita, coberto e rodeado de bancos de cimento; o refeitório ficava ao lado desse pátio, e em frente ao refeitório ficavam mesas, cadeiras e bebedouros; por fim, a esquerda desse pátio ficava uma quadra igualmente coberta com algumas mesas de pingue-pongue. Sendo esse o pavimento térreo, e onde foram feitas as observações *in loco*.

Acima, desse pavimento, ficava o 1º andar, onde se localizavam a biblioteca, diretoria, coordenações (1ª, 2ª e 3ª) e sala dos professores. No 2º andar havia 7 salas de aulas - de 2º e 3º anos - laboratórios de informática e ciência, banheiros e bebedouros. No 3º andar existiam mais 7 salas de aulas - também de 2º e 3º anos - banheiros e bebedouros. Finalmente, no subsolo ficavam as 7 salas de aula do 1º ano, banheiros e bebedouros. Por trás da escola, havia, ainda, um estacionamento grande para carros. Do lado direito dessa estrutura, ainda, dentro do terreno da escola, havia uma quadra poliesportiva grande e coberta. A escola

⁵¹ Infância e adolescência, primeiros ciclos de socialização e formação.

funcionava das 7:00h às 11:00h (turno manhã) – com intervalo das 9:30h às 10:00h; e de 13:00h até 17:40h (turno tarde) - com intervalo das 15:30h às 16:00h.

Já a infraestrutura do Colégio São Luiz - sede da Washington Soares – ocupava, também, metade do quarteirão. Logo na calçada encontravam-se 2 guardas: um que ficava na esquina entre 2 avenidas, e outro que ficava em frente ao portão. Passado esse primeiro portão, havia um espaço com mesa, guarda-sol e bancos de cimentos, no qual os alunos ficavam esperando os pais virem buscá-los (para não ficarem expostos na calçada). E como a avenida era bastante movimentada, havia uma passarela para atravessar para a calçada do outro lado da avenida. Após esse espaço, bem no final do corredor, ficavam as catracas de acesso ao interior do prédio. Ali, um porteiro solicitava as informações pessoais: nome, CPF e tirava uma foto digital da pessoa, só depois, então, era liberado o acesso. Antes das catracas: do lado direito havia várias salas: secretaria, recepção e outras; e do lado esquerdo uma grande quadra com arquibancadas.

Após as catracas: do lado esquerdo ficavam os banheiros; do lado direito uma escada, que dava acesso aos andares (4), e a cantina vizinho à escada. A frente da cantina tinha um pátio coberto com vários bancos de cimento, bebedouros, mesas de cimento com bancos ao redor, um estacionamento para bicicletas de funcionários, 2 mesas de jogo de botão e 5 mesas de pingue-pongue. A esquerda desse pátio tinha 2 quadras também cobertas: a primeira era de futebol e basquete; e a segunda de vôlei e basquete; ambas as quadras poliesportivas. Havia uma sala de apoio - uma espécie de sala de primeiros socorros, com 2 cadeiras de rodas à direita da porta da sala. A estrutura do colégio era formada por 2 prédios, onde funcionavam desde a educação infantil, passando pelo ensino fundamental, médio e cursinho. O colégio estava todo adaptado para deficientes físicos, com rampas que davam acesso a todos os andares e banheiros.

Ademais, em cada andar tinham salas de aulas, laboratórios, banheiros e bebedouros. As coordenações ficavam no 1º e 4º andares, a diretoria no 2º andar, a biblioteca no 1º andar (o acervo de livros só perdia para o acervo da Unifor - Universidade de Fortaleza⁵²), e o Auditório no 3º andar. Havia, ainda, uma segunda cantina no 1º andar. Vale ressaltar que, só tive acesso à estrutura do ensino fundamental e médio. As aulas ocorriam das 7:15h às 11:45h, no turno da manhã, com intervalo para o recreio das 9:40h às 10:20h; e de 13:30h até 18:00h, no turno da tarde, com intervalo para o recreio das 16:00h às 16:40h. O custo das mensalidades pagas no 1º e 2º ano possuíam valor de R\$ 1.424,00, e para o 3º ano de R\$ 1.626,00 (valores referentes a 2019).

⁵² Considerado o maior acervo de Fortaleza, em se tratando das escolas particulares, com mais de 120 mil livros (BIBLIOTECA, 2019).

O prédio do Colégio São Luiz - sede Aldeota - ocupava um quarteirão inteiro, e fazia fronteira com uma favela. Em uma das esquinas, que ficava de frente para a escola, tinha uma delegacia de polícia. Do mesmo modo, que na outra sede, ficavam 2 guardas nas calçadas: um em uma esquina de grande fluxo de carros, e o outro na esquina próxima aos portões de entrada do colégio. Logo na entrada, havia 2 portões de acesso: um para os estudantes do 1º ao 5º ano, e outro para os estudantes do 6º ano ao cursinho. A estrutura da entrada era semelhante à de um hotel, na qual os carros entravam por um acesso que ficava por dentro do prédio, e paravam o veículo com segurança, para o embarque e desembarque dos alunos. Nesse espaço interno, havia algumas vagas de carro para estacionar. Convém ressaltar que, nessa sede - assim como na outra - só tive acesso a estrutura do ensino fundamental e médio. Porém, a estrutura de sede oferecia, também, as mesmas modalidades de ensino, que a sede da Washington Soares: educação infantil, ensino fundamental, médio e cursinho.

Da mesma forma, que na sede da Aldeota, no Colégio São Luiz – sede Washington Soares – havia na entrada do prédio, que dava acesso ao ensino médio, um funcionário que controlava a entrada e saída de todos em geral, inclusive, com os mesmos procedimentos de identificação (da outra sede) de pessoas, que não eram funcionários ou não frequentavam diariamente a escola, no caso pais e visitantes. Antes da catraca: a esquerda ficava a recepção e a secretaria. Imediatamente, após as catracas, havia uma pequena escada, que dava acesso a um pátio. Nesse pátio de recreação, havia mesas redondas e bancos de cimento, uma cantina, mesas quadradas com desenho de um tabuleiro de jogo de xadrez e bancos de cimento, mesas de pingue-pongue, banheiros, bebedouros e 2 quadras poliesportivas, a esquerda do pátio.

Logo à frente das catracas tinha uma escada, que dava acesso aos 5 andares do prédio. Em cada andar tinham salas de aulas, banheiros, mesas quadradas com desenho de um tabuleiro de jogo de xadrez e bancos de cimento nos corredores, e as salas das coordenações. Sendo que, no 3º andar tinham também 3 auditórios (o maior com capacidade para 250 pessoas) e uma segunda cantina. No 4º andar ficava a biblioteca e no 5º um pátio coberto. As aulas ocorriam, no turno da manhã, das 7:15h às 11:45h - com intervalo para recreação das 9:40h às 10:20h; e, no turno da tarde, de 13:30h até 18:00h - com intervalo para recreação das 16:00h às 16:40h. O custo das mensalidades para o ensino médio (1º, 2º e 3º ano) possuíam igual valor de R\$ 1.438,00, para as três séries (valores referentes a 2019).

Por fim, a estrutura da Escola Estadual de Ensino Profissional José de Alencar se assemelhava, em alguma medida, a das escolas particulares de médio porte, muito embora estivesse localizada em um bairro considerado de baixa renda – Conjunto Ceará 3ª Etapa. A frente da escola era aberta, ou, melhor dizendo, possuía grades em toda a extensão da frente,

que mostravam o interior da escola. Logo na entrada, à frente do portão, havia uma gravura enorme - cobrindo a parede quase que completamente - de uma garota escrevendo em seu caderno. Após o portão, havia uma área espaçosa com mesas e cadeiras de plástico, um grande auditório à esquerda, e por trás, desse auditório, havia uma espécie de teatro de arena. À direita, dessa área espaçosa da frente, havia uma rampa, que dava acesso às salas de aulas, que ficavam no primeiro andar; e uma biblioteca, logo ao lado da rampa. Abaixo da rampa, foi criado um estacionamento provisório para bicicletas e motos - transporte utilizado tanto por alunos quanto funcionários.

O prédio da escola era basicamente composto por dois pisos, o térreo e o primeiro andar. No térreo ficavam localizadas a secretaria, recepção, direção, coordenação, sala e refeitório de professores e funcionários, banheiros e cozinha de funcionários, banheiros de alunos, todos os laboratórios (informática, línguas, química, física, biologia e matemática), e, por último, um pátio central descoberto com jardim e bancos de madeira. Logo atrás do prédio, um amplo refeitório, à esquerda um depósito, em que ficavam guardados o material usado nos laboratórios, e por trás, do depósito, uma quadra poliesportiva. Já no primeiro andar, estavam todas as salas de aulas (12 no total), os banheiros de uso dos alunos, os armários dos alunos e bebedouros.

Em geral, o modelo de escola profissional oferta, anualmente, em sua grade curricular algo em torno de 4 formações técnicas, que são planejadas e programadas de acordo com a demanda das profissões técnicas vigente no mercado. Em 2019, a grade de oferta era composta pelos cursos profissionalizantes de Mecânica, Administração, Eletrotécnica e Informática. Nesse modelo, as aulas ocorriam em período integral, ou seja, jornada diária de, aproximadamente, 7 horas, abrangendo o turno da manhã e da tarde: sendo de 7:20h às 11:50h, no turno da manhã - com intervalo para o recreio de 9:00h às 9:20h; horário de almoço de 11:50h às 13:10h; e retornando as aulas do turno da tarde às 13:10h até 16:40h, com intervalo para o recreio de 14:50h às 15:10h. Ademais, os alunos tinham direito a três refeições (lanche da manhã, almoço e lanche da tarde, cursavam as disciplinas regulares do Ensino Médio, faziam aulas de extensão e técnicas, realizavam estágio (no último ano) e praticavam esportes.

Vale ressaltar que, essa breve descrição das estruturas físicas das escolas teve o intuito de auxiliar na compreensão dos diferentes contextos, nos quais os alunos, de cada escola, estavam inseridos.

A seguir, serão apresentadas as narrativas referentes as observações *in loco*, iniciadas no final do mês de março de 2018. Antes de dar início a ida as escolas, foi necessário

informar-se sobre os horários de funcionamento das escolas, uma vez que cada formato de escola tinha um horário de funcionamento específico, para depois, então, programar as visitas.

Assim, as visitas foram iniciadas pelo Colégio São Luiz, sede Washington Soares. Naquele dia, cheguei por volta das 9:00h da manhã, logo no começo do recreio do ensino fundamental, e tive um breve tempo para me ambientar com as dependências do colégio. Recordo que, na ocasião, fiquei bem impressionada com a megaestrutura do colégio (prédio, salas de aulas, quadras poliesportivas, mesas para jogos, cantinas e auditórios), tudo muito confortável, organizado e arejado. O colégio, visto por fora, já impunha um certo impacto, mas, uma vez lá dentro, percebia-se a enorme estrutura da qual aqueles jovens tinham a disposição. O mesmo impacto ocorreu na sede da Aldeota.

Também, me chamou a atenção a grande quantidade de cartazes e placas com frases motivacionais colados nas paredes, ao longo dos corredores, da escola: “Gentileza gera gentileza”, “Seja a mudança que você quer ser no mundo” (Gandhi), e outras tantas do Papa Francisco, Malala, Irmã Dulce, Walt Disney, dentre outros; bem como cartazes com fotos dos alunos que ficaram nos primeiros lugares em olimpíadas nacionais e internacionais, e em vestibulares de todo o país. As cantinas também foram outro ponto de diferenciação observado: o sortimento e os preços dos lanches ofertados não deixavam a desejar em nada a uma boa cafeteria da cidade, no cardápio os mais variados tipos de sanduíches, sucos, bolos, salgados, docinhos, biscoitos, café, salada de frutas, água de coco, sorvete, picolé, chocolates, chicletes, bombons, etc.

Na ocasião, recordo que percebi que a maioria dos alunos pareciam não perceber ou estranhar a minha presença, visto que poucos passavam olhando, ou expressavam algum tipo de curiosidade. Ainda, no horário do recreio do ensino fundamental, rapidamente contei 10 deles com o celular na mão – único horário em que era permitido o uso do celular - mas a maioria estava interagindo em grupo, seja praticando esportes, seja conversando. Sobre essa cena, me questionei: nem parecia que a Geração I, vivia *online* em tempo integral?

Precisamente às 9:40h, deu-se início o recreio do ensino médio, nesse dia chovia forte, e ao me sentar em um dos bancos de cimento, no pátio da entrada, observei ao lado um painel com ofertas de oficinas no contraturno: fabricação de perfumes, lançamentos de foguetes com garrafa pet, sabão ecológico, desenho, esculturas de papel *machê*, *stop motion*. O que mais me chamou atenção nas oficinas foram o conteúdo e a diversidade temática, mas igualmente as possibilidades de se trabalhar o conhecimento de forma empírica, isto é, na prática. Em seguida, eles começaram a chegar, diferentemente dos do ensino fundamental, poucos vão para a quadra e poucos jogam pingue-pongue. Nesse grupo, a tecnologia era bem mais presente, e o marcador

era o celular na mão, em uma simples contagem rápida cerca de 85% daqueles jovens portavam seus celulares, ora no bolso, ora na mão, e interagiam constantemente com esses aparelhos, que se tornaram uma extensão do corpo humano.

Naquele momento, uma questão me atravessou: a brutal diferença de estrutura física e pedagógica, que separava aquela escola privada das duas outras públicas. Também, refleti sobre a não percepção daqueles jovens em relação a minha presença, pois sequer senti a curiosidade, mesmo que tímida, que tiveram os alunos do ensino fundamental.

Naquele mesmo instante, um grupo de 4 meninas se aproximou e uma delas mostrou a foto de alguém no celular, nesse grupo 3 delas possuíam celulares. Observei ainda que, em geral, as meninas colocavam seus celulares no bolso de trás da calça, e os meninos no bolso da frente e no bolso de trás da calça. Logo depois, vi 2 rapazes, um mostrava algo no celular para o outro, outras 2 meninas passavam e uma delas falava ao celular. Normalmente, eles interagiam entre si com o celular na mão, na perna, ou com os fones de ouvido, conversavam, mexiam no celular e voltavam a conversar, tudo ao mesmo tempo. A duração do recreio era de 40 minutos, isto é, 10 minutos a mais que na escola pública regular, e 20 minutos a mais que na escola pública profissional – um intervalo, especialmente, ajustado para que os professores pudessem se deslocar de uma sede para outra; mas que, igualmente, permitia aos alunos preciosos minutos a mais de interação entre eles, ou com seus celulares. E, somente, no finalzinho do intervalo foi que percebi os olhares daqueles jovens em minha direção, talvez porque estivesse tomando nota, ou por ser alguém estranha a rotina do colégio.

No dia seguinte, fui visitar a EEEP José de Alencar, cheguei por volta das 14:50min da tarde. Naquele dia, estava havendo a despedida de uma professora, por isso o intervalo durou mais que o normal. Costumeiramente, os jovens ficavam pelos corredores, ou no pátio central do térreo⁵³, de 15:00h até por volta das 15:20min, final do intervalo.

A dinâmica entre os jovens, nessa escola, não era diferente da dos jovens do Colégio São Luiz, provavelmente a única diferença aparente estava na estrutura física, bem menor e menos aconchegante que a do colégio. Assim, os alunos ficavam em grupos: conversando ou passeando pelos corredores em dupla ou grupos, alguns com o celular na mão, outros com o celular e fones de ouvido, e entre uma conversa e outra os olhos atentos ao visor do aparelho. Como, naquele dia, estava chovendo: eles estavam pelos corredores do térreo e do 1º andar - visto que o pátio central não era coberto - ou sentados nas mesas do refeitório, ou ainda jogando na única mesa de pingue-pongue que havia, mas tinham, também, alguns poucos que gostavam

⁵³ Esta escola foi a mesma na qual fiz o meu trabalho de conclusão do curso de graduação.

de ficar na biblioteca. Era muito comum, também, em todas as três escolas, escutar o burburinho das vozes dos jovens, durante o recreio.

No entanto, não havia como não notar que, apesar da estrutura da EEEP José de Alencar ser bem melhor, e um pouco mais confortável do que a da EEFM Dragão do Mar, ficava bem aquém da estrutura do Colégio São Luiz. O modelo da farda era basicamente o mesmo nas 3 escolas: calça jeans, blusa de malha e tênis; porém aqui, também, à primeira vista, se percebia a diferença na qualidade das vestimentas e dos tênis: na escola privada, as calças jeans e os tênis eram de marcas famosas, enquanto em ambas as escolas públicas tanto os jeans quanto os tênis eram, em sua maioria, de marcas mais populares, ou imitação de marcas famosas. Foi interessante, e relevante, reparar que os alunos dessa escola eram mais ecléticos, ou seja, a escola tinha um perfil de alunos mais diversificado, devido aos alunos oriundos de escolas particulares de bairros, e alunos oriundos de escolas públicas regulares, se comparado ao perfil dos alunos do Colégio São Luiz e da EEFM Dragão do Mar.

Surpreendentemente, durante o tempo em que estava observando, um deles me abordou, e disse achar que me conhecia de algum lugar (no ano anterior, estive na escola fazendo a pesquisa de conclusão do curso de graduação). Na ocasião, pude perceber o interesse deles em saber quem era eu, e o que estava fazendo ali, quando, junto com o jovem que me abordou, aproximaram-se um grupo de jovens, e iniciaram uma conversa sobre temas aleatórios, mas de cunho científico e sociológico. Também, era perceptível a espontaneidade deles: dançavam e faziam imitações, apesar da minha presença, fato que não aconteceu nas outras escolas.

A próxima escola a ser visitada, no intervalo da manhã, foi o Colégio São Luiz - sede Aldeota. Habitualmente, os alunos ficavam em uma quadra que se localizava no subsolo, também chamado de térreo, ou nos corredores dos andares. No pátio, o espaço de lazer era bem amplo com: mesas de cimento, que possuíam tabuleiros de xadrez desenhados e bancos de cimento ao redor, mesas de pingue-pongue, 2 quadras poliesportivas, banheiros, bebedouros, e uma cantina ao fundo. Alguns dos jovens jogavam futebol e pingue-pongue, outros lanchavam e conversavam nas mesas de cimento em frente as quadras; estes últimos, atentos aos aparelhos, e entre uma conversa e outra, checavam rapidamente o celular.

A mesma cena se repetiu aqui também: em geral os jovens ficavam em dupla ou em grupo, conversavam e mexiam no celular ao mesmo tempo, ou usavam os fones de ouvido, ou mesmo quando o aparelho não estava sendo usado, era mantido nas mãos ou nos bolsos. Eles também caminhavam e olhavam o celular simultaneamente, e passavam em grupos - de um lado para o outro - com o aparelho nas mãos. Ao meu lado, havia um grupo de 5 jovens (4

meninas e 1 menino), tentei escutar o que eles conversavam, mas o barulho impediu. Foi curioso perceber que, eles sequer notavam a minha presença, talvez porque sempre mantive uma certa distância, e tentava ser o mais discreta possível. Não tão diferente da sede da Washington Soares, a estrutura dessa sede era grande, apesar de um pouco menor que a da outra sede, mas igualmente arejada e muito confortável.

Finalizando essa primeira etapa de visitas, foi a vez da EEFM Dragão do Mar. Aproveitei, o intervalo da manhã, para fazer essa primeira visita de campo a escola. O processo de chegada, em todas as escolas, era similar: identificar-se junto a portaria, e dirigir-se a coordenação para também deixar a par que, naquele horário, estaria na escola para observar os jovens. Assim, chegava sempre alguns minutos antes do início do recreio, para observar toda a dinâmica e movimentação dos alunos, durante o intervalo. Ver os alunos, dessa escola, correndo em direção a fila da merenda era algo novo, uma vez que não presenciei em nenhuma das outras 2 escolas tal cena (na outra escola pública e profissional até ofereciam lanche gratuito, mas a movimentação na fila era normal, e na escola particular, talvez pelo lanche ser pago, os alunos saíam das salas, também, sem muita pressa). Da mesma maneira, percebi uma outra novidade: a formação de 2 filas, por gênero, ou seja, uma fila para as meninas, e outra para os meninos. As filas eram grandes, e demoravam, algo em torno de 15 a 20 minutos, para que todos fossem atendidos.

Os outros jovens, que não iam para as filas, circulavam pelos corredores, ou ficavam no pátio, logo ao lado da cantina, sentados em bancos de cimento. Como estava no 1º andar, tinha uma visão panorâmica de cima do pátio, e pude observar várias meninas e meninos mexendo no celular, usando fones de ouvido, ou conversando em grupo, enquanto aguardavam o lanche, nas filas. Nas mesas da cantina, a mesma cena: lanchavam, conversavam e usavam os fones de ouvido, seja em grupo ou dupla, seja sozinho(a). Por conseguinte, observei que foi recorrente, em todas as escolas, o uso dos fones de ouvido, algumas vezes até partilhavam os fones, com um amigo ou amiga. Nessa ocasião, notei, um fato no mínimo inusitado, a frase escrita na blusa do 3º ano “Passo porque sei que sou aluno do sucesso”, frase, inclusive, muito semelhante à do Colégio São Luiz que dizia “Passo porque sei”.

Nesse dia, estava sendo projetada, no teto do pátio central da escola, uma apresentação com várias fotos das turmas, fotos essas tiradas ao longo do ano letivo, nos mais variados espaços da escola: escadas, salas de aulas, auditório, quadras, corredores e pátio; com a música “Dias melhores”, da banda musical Jota Quest. Essa apresentação tinha uma proposta motivacional, que remetia a dinâmica das aulas e dos melhores momentos vivenciados pelos alunos(as), ao longo do ano escolar. Ao mesmo tempo, que a apresentação era transmitida, bem

ao meu lado, notei um grupo de 4 alunas, que olhavam o celular de uma delas - no caso, uma das meninas segurava e mexia no aparelho - e todas conversavam animadamente, e sorriam, durante todo o momento da conversa, que durou cerca de 10 minutos, e mesmo depois que 2 delas saíram, as outras 2, ainda, ficaram vendo o conteúdo por mais uns 5 minutos, até a sirene tocar, avisando o fim do recreio.

Assim sendo, depois de uns meses visitando as escolas, pude perceber a recorrência de determinadas práticas: as conversas entre os jovens, quase sempre, interrompidas pela interação com seus *smartphones*, os olhares concentrados no visor do celular, os dedos teclando rapidamente as mensagens, os áudios gravados com a mesma pressa das mensagens, a escuta atenta dos áudios recebidos, ou de alguma música, ou, ainda, de algum vídeo, os fones de ouvido compartilhados com os colegas para escutar ou assistir algo. Embora, houvesse também alguns poucos que aproveitavam para se divertir nos jogos, para ler ou só ficar de boas - para usar uma gíria deles. Enfim, o interesse daqueles jovens por esses “telefones inteligentes”, que abriram as portas para o ciberespaço: a *Internet* e as redes sociais, e suas infinitas possibilidades de comunicação, interação e formação, era, inegavelmente, presente e constante.

Essas práticas, ao que tudo indica, fazem parte de um conjunto de habilidades aprendidas e compartilhadas dentro do ciberespaço, quase que automaticamente, por uma boa parte da população mundial - nas duas últimas décadas - mas, em especial, incorporadas mais, rapidamente e facilmente, pelos jovens da Geração I - *Internet*, que nasceram em meio a massificação dos celulares e da *Internet* móvel, e, justamente, por isso foram absorvendo essa cultura de uso dos celulares, no dia a dia. Assim, ao mesmo tempo, em que esses jovens cresciam, iam gradualmente usufruindo das possibilidades de comunicação, interação e formação, que a *Internet* propiciou, por meio desses aparelhos inteligentes, até o ponto de essas práticas se tornarem uma espécie de *habitus* virtual. O conceito de *Habitus*, que Bourdieu desenvolveu, diz respeito a pensamentos, comportamentos e ações registrados corporalmente por vivências passadas:

[...] os agentes sociais são dotados de *habitus* [...]: tais sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação permitem tanto operar atos de conhecimento prático, fundados no mapeamento e reconhecimento de estímulos condicionais e convencionais a que os agentes estão dispostos a reagir, como também engendrar, sem posição explícita de finalidades nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas porém nos limites das contrições estruturais de que são o produto e que as definem (BOURDIEU, 2001, p. 169).

Nesse sentido, da mesma maneira que o conceito de *habitus* de Bourdieu, as práticas assimiladas - pela maioria das pessoas - mas, especificamente, por esses jovens da Geração I,

desde a infância, através do uso cotidiano da *Internet* e das redes sociais, por meio dos celulares, serão aqui denominadas de *habitus* virtuais. Posto que, como na definição de origem, *habitus* virtual remete ao conjunto de conhecimentos, ideias e ações, que foram absorvidas pelas experiências vivenciadas no ciberespaço, e que, de imediato, possibilitaram aplicações práticas na *Internet* e nas redes sociais, mas que também criaram, sem muita racionalização, maneiras ajustadas e que se modificavam continuamente, dentro desses ambientes virtuais. Além disso, o *smartphone* passou a ser uma espécie de anexo do corpo para a maioria desses jovens, já que estão, a todo momento, com esses aparelhos praticamente colados na mão e não desgrudam dele, nem para comer, nem mesmo quando vão dormir. Twenge (2018, p. 67) confirma: “Alguns consideravam seus celulares uma linha vital de comunicação, uma extensão de seus corpos ou um ser amado”.

Por conseguinte, a popularização da cultura do uso dos telefones portáteis, que no Brasil teve início por volta dos anos 2000, na realidade motivou um conjunto de *habitus* virtuais e sociabilidades de uma maneira geral, e, em particular, nos jovens que também nasceram na década de 2000. É importante, da mesma forma, salientar que as mudanças socioculturais e, principalmente, tecnológicas, vivenciadas por esses jovens da Geração I, estão diretamente relacionadas ao contexto político, econômico, social, cultural, familiar e educacional em que esses jovens estavam inseridos, os diferenciando involuntariamente, não somente, de seus pais e avós, mas também das gerações anteriores, visto que estes, enquanto jovens, vivenciaram, em alguma medida, um outro contexto sócio-histórico, sobretudo, no que se refere a difusão da tecnologia digital. Se bem que, especificamente, as mudanças originadas pela ascensão da tecnologia digital influenciaram, em alguma medida, todas as gerações, que compartilharam e compartilham dessas mudanças.

3.2 O Cotidiano dos Jovens na *Internet* e Redes Sociais

No início do mês de junho de 2019, retornei as escolas para aplicação do questionário pré-teste. Na ocasião, a aplicação do pré-teste foi realizada com 2 alunos e 2 alunas escolhidos ao acaso, em cada escola, para basicamente avaliar as perguntas do questionário, isto é, saber se a linguagem estava adequada ao público-alvo, descobrir possíveis lacunas nas questões, averiguar se era o caso de incluir mais questões, e prever quanto tempo em média, cada estudante, demoraria para responder. Resumidamente, a aplicação nas 3 escolas foi satisfatória, e em todas as situações foram feitas três perguntas - ao término do questionário pré-teste - aos jovens: se eles tiveram alguma dificuldade de responder as perguntas, se havia

alguma pergunta que os constrangeu, e, por fim, se eles tinham sentido falta de alguma coisa que faziam na *Internet* e nas redes sociais, que não constava no questionário. As respostas dos jovens foram praticamente unânimes: responderam que não tinham tido dificuldades, nem tampouco continha questões que incomodaram; e a maioria deles afirmou, ainda, que o questionário englobava, no geral, tudo que eles faziam no ambiente virtual.

Contudo, por questões metodológicas foram incluídas mais 4 questões sobre: 1 – os eletrodomésticos e eletroeletrônicos que tinham na casa; 2 – quantas pessoas viviam na casa; 3 – se a casa era alugada ou própria; e 4 – com quem os jovens viviam. Essas perguntas foram inclusas para se ter uma maior noção do contexto econômico e familiar desses jovens. Finalmente, com o questionário definido, era hora de partir para a criação do roteiro do grupo focal. Obviamente, sabendo que durante a coleta de dados, ambas as ferramentas: questionário e roteiro do grupo focal, poderiam apresentar a necessidade de ajustes. Assim, o roteiro do grupo foi construído, basicamente, com questões que permitisse descobrir mais profundamente acerca dos *habitus* virtuais e sociabilidades apreendidos, por estes jovens da Geração I, no ciberespaço.

Posteriormente, em outubro de 2019, retornei às escolas para aplicação dos questionários definitivos. Assim, foram aplicados um total de 515 questionários nas 3 escolas. Sendo que, em cada uma das escolas, e em cada uma das turmas (1º, 2º e 3º ano) e dos turnos, foram selecionados aleatoriamente, a partir do número 1 da chamada, a quantidade de alunos estabelecida, pelo cálculo da Amostragem aleatória simples sem reposição – ASSs. No caso de aluno ausente, selecionava-se o número do aluno subsequente da chamada. Vale ressaltar ainda que, antes da aplicação definitiva foi esclarecido, para cada coordenador e diretor de escola, que o método de aplicação dos questionários obedeceria a uma determinada quantidade de alunos por escola, por série, turma e turno, bem como a uma escolha aleatória dos alunos, que envolveria sorteio dos estudantes em cada série, turma e turno.

O procedimento de aplicação dos questionários ocorreu da seguinte forma: após o sorteio dos alunos em cada sala de aula, estes eram encaminhados, por mim, em grupos de 3 ou mais séries, para uma outra sala de aula (já determinada, anteriormente, junto a coordenação), e recebiam as instruções iniciais para responder o questionário, e, em caso de dúvidas, estas eram esclarecidas, prontamente, enquanto o grupo respondia as questões. Todo esse procedimento, entre a seleção dos jovens, encaminhamento a sala de aula, orientações iniciais, entrega dos questionários e devolução dos questionários respondidos, durava em média de 20 a 25 minutos. Dessa maneira, foram necessários dois meses (outubro e novembro de 2019) para a aplicação de todos os questionários, nas 3 escolas.

Na EEFM Dragão do Mar foram aplicados um total de 155 questionários. Já no Colégio São Luiz (somados as sedes da Aldeota e da Washington Soares) foram aplicados um total de 210 questionários. E na EEEP José de Alencar foram aplicados 150 questionários. Perfazendo um total de 515 questionários respondidos.

Para se chegar à quantidade de alunos por sala, bem como a quantidade de alunos que deveriam ser salteados em cada sala, foi feito o seguinte cálculo: a quantidade total de alunos de cada série⁵⁴ de cada escola, dividida pela quantidade total de turmas de cada série (somados todos os turnos da escola), o resultado dessa divisão é o número de alunos que foram selecionados, em cada série, para responder o questionário. No caso, para se chegar à quantidade de alunos que foram salteados, o cálculo baseou-se na quantidade total de alunos de cada sala, dividida pela quantidade de alunos que foram selecionados para responder o questionário.

Por exemplo, na turma A do 1º ano da manhã da EEFM Dragão do Mar, tínhamos:

Quantidade total de alunos da 1ª série A da manhã (cálculo amostral para esta série e escola)⁵⁵ = 53 alunos

Quantidade total de turmas da 1ª série (todos os turnos) = 14 turmas

$53/14 = 3,78$. Nesse caso, fez-se necessário arredondar para 4, sendo essa a quantidade de alunos que foram selecionados, em cada turma da 1ª série da escola (ambos os turnos), para responder o questionário.

Quantidade total de alunos da turma 1ª série – Turma A Manhã = 35

Quantidade total de alunos, da 1ª série – Turma A Manhã, que foram selecionados para responder o questionário = 4

$35/4 = 8,75$. Nesse caso, igualmente, fez-se necessário arredondar para 9, sendo essa a quantidade de alunos que foram salteados, especificamente, na 1ª série – Turma A Manhã da EEFM Dragão do Mar. Visto que cada série, turma e turno de cada escola teve, respectivamente, a sua quantidade específica de alunos, que deveriam ser salteados.

Dessa forma, foi usado esse mesmo modelo de cálculo para cada série, turma, e turno de cada escola, para se chegar ao resultado de 515 questionários respondidos – a quantidade determinada na amostra total das escolas. Com isso, os procedimentos adotados para a aplicação dos questionários, considerando uma Amostra aleatória simples sem reposição - do tipo ASSs, cumpriram, devidamente, as orientações da consultoria GAUSS, que em síntese, como já foi descrito acima, incluíram: realização de sorteio dos estudantes de acordo com uma

⁵⁴ Ver tabela de cálculo amostral, da Consultoria GAUSS, em anexo.

⁵⁵ Ver tabela de cálculo amostral, da Consultoria GAUSS, em anexo.

quantidade determinada de alunos por série/turma/turno/escola; obedecendo uma quantidade determinada de alunos saltados em cada série; e , por último, com todas as quantidades baseadas nos cálculos feitos para uma Amostra aleatória simples sem reposição - do tipo ASSs.

Dito isso, a seguir serão apresentados os dados gerais da amostra. Vale ressaltar que, as análises foram feitas considerando as duas modalidades de escola pública, regular e profissional, como um único grupo nominado de escola pública, e, da mesma forma, as duas sedes da escola particular como um só grupo denominado de escola privada.

Na amostra, que contemplou três formatos de escolas: pública regular, pública profissional e privada, obteve-se uma distribuição equitativa dos alunos por série com 33,39% na 1ª série, 33,20% na 2ª série e 33,39% na 3ª série. Do mesmo modo, em relação ao gênero, a mostra apresentou percentuais bem distribuídos, entre ambos os sexos, com 51,26% de perfil masculino, 47,76% de perfil feminino⁵⁶, 0,77% de perfil outro e 0,19%, apenas 1, marcou não sabe/não respondeu. Já com relação a raça: 40,38% se autodeclararam brancos, 43,10% pardos, 12,23% negros, 1,16% indígenas, 0,38% orientais, 1,16% outros e 1,55% marcaram não sabe/não respondeu.

Os dados da pesquisa acima, referente a raça, corroboraram com os dados do IBGE – Censo de 2010 sobre cor e raça (para a faixa etária de 15 a 17 anos), dado que, na tabela abaixo, os percentuais de jovens - em relação a população geral da região metropolitana de Fortaleza - eram de 1,78% de brancos, 3,64% de pardos e 0,24% de negros, confirmando que os maiores percentuais eram compostos de pardos, em segundo lugar estavam os brancos, e em terceiro, os negros. Percebeu-se também que, nos dados do Censo de 2010, o percentual de pardos foi mais que o dobro do percentual de brancos, e mais de 15 vezes que o percentual de negros, enquanto nos dados da amostra da pesquisa, a diferença entre pardos e brancos foi de menos de 3%; e, apesar, da diferença entre pardos e negros ser de apenas 3,5 vezes, ainda assim, os jovens que se autodeclararam negros representaram o menor percentual em relação aos três grupos, em ambas as pesquisas.

⁵⁶ Essa diferença deveu-se tanto a seleção aleatória, que esteve sujeita a escolha não determinada dos gêneros; quanto ao caso específico da escola profissional, que anualmente contempla formações técnicas historicamente direcionadas, principalmente, ao gênero masculino, como: Mecânica, Eletrotécnica e Informática.

Tabela 2 – População residente, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio, o sexo e a idade

Variável – População residente – percentual do total geral					
Mesorregião Geográfica – Metropolitana de Fortaleza (CE)					
Sexo – Total					
Ano – 2010					
Situação do domicílio – Total					
Idade	Cor ou raça				
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
15 anos	0,60	0,08	0,03	1,26	0,01
16 anos	0,58	0,08	0,03	1,18	0,01
17 anos	0,60	0,08	0,03	1,20	0,01

Fonte: IBGE – Censo Demográfico (2010).

Com relação a renda, como mostra a figura abaixo: 30,09% da amostra era composta pelas faixas salariais acima de 5 salários (de mais de 5 até 10 sal. min, de mais de 10 até 15 sal. min., de mais de 15 até 20 sal. min. e acima de 20 sal. min)⁵⁷, e dentro desse percentual: 92,90%, a maioria esmagadora dos jovens provinham da escola privada, e, somente, 3,22% procediam da escola pública profissional e 3,87% da escola pública regular. Ainda sobre renda, os dados mostraram que 79,80% dos jovens moravam em casa própria, mas desse percentual 54,01%, ou seja, mais da metade, pertenciam a escola privada, 29,68% a escola pública profissional e 26,76% a escola pública regular.

Continuando no tópico renda, as demais faixas salariais se distribuíram da seguinte forma: 35,33% dos jovens responderam que a renda da família girava em torno de até 1 sal. min. e de 1 a 2 sal. min. (Classe E)⁵⁸, essa faixa era composta majoritariamente - apenas 1 aluno da escola privada - de jovens de ambas escolas públicas: profissional e regular; 18,83% com renda familiar de 2 a 5 sal. min. (D); 9,32% com renda familiar de 5 a 10 sal. min. (C); 10,95% com renda familiar de 10 a 20 sal. min. (B) e 9,70% com mais de 20 sal. min (A); as duas últimas classes de renda A e B eram compostas predominantemente - apenas 1 aluno de escola pública - de jovens da escola privada.

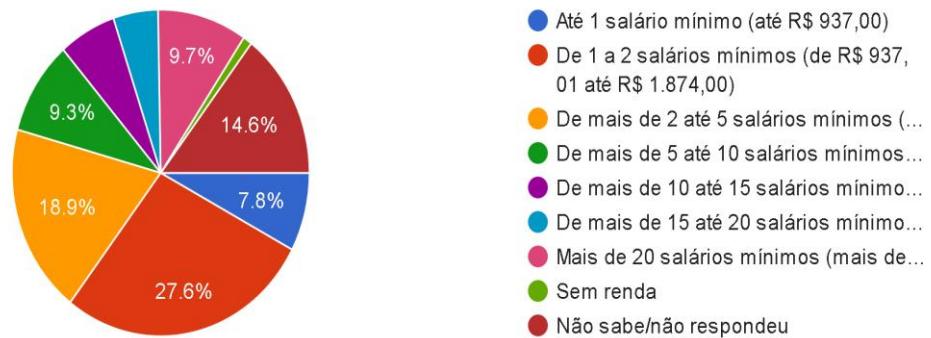
⁵⁷ Opções de resposta do questionário.

⁵⁸ Segundo a classificação de renda do IBGE.

Gráfico 2 – Renda Mensal Familiar

Qual é a renda mensal da sua família: (soma da renda de todos os que trabalham na família)

514 respostas



Fonte: Google Docs – Questionário Geração I (2019).

Já relativo aos itens de eletrodomésticos e eletroeletrônicos, a amostra revelou que 33% possuíam acima de 2 computadores portáteis ou notebooks (2, 3, 4 ou +)⁵⁹, desses 83,52% dos jovens pertenciam a escola privada, 7,05% a escola pública profissional e 9,41% a escola pública regular. Enquanto, no item computador de mesa cerca de 35,14% dos jovens afirmaram que tinham pelo menos 1 computador (1, 2, 3, 4 ou +), desse percentual 50,82% eram da escola privada, 22,65% da escola pública profissional e 26,51% da escola pública regular. Seguindo a mesma recorrência dos itens anteriores, aproximadamente 38,05% dos jovens declararam possuir *tablet*, desses 65,30% pertenciam a escola privada, 15,81% a escola pública profissional e 18,87% a escola pública regular. Portanto, pôde-se inferir, dessa amostra, que a posse desses itens de eletroeletrônicos (computador portátil, *notebook*, computador de mesa e *tablet*) esteve concentrada, em um percentual de mais de 50%, nos jovens da escola privada.

Quanto ao item celular, 99,22% dos jovens, quase 100% da amostra, afirmaram que a família tinha pelo menos 1 celular (1, 2, 3, 4 ou +)⁶⁰, desses 41,09% advinham da escola privada, 29,15% da escola pública profissional e 29,74% da escola pública regular. Já com relação a serviços, 47,37% afirmaram ter TV por assinatura (1, 2, 3, 4 ou +)⁶¹, desses 64,75% eram da escola privada, 14,75% da escola pública profissional e 20,49% da escola pública regular. Por fim, 66,01% dos jovens responderam que a família possuía carro (1, 2, 3, 4 ou +)⁶², desses 58,82% dos jovens eram da escola privada, 19,11% da escola pública profissional e

⁵⁹ Opções de resposta do questionário.

⁶⁰ Opções de resposta do questionário.

⁶¹ Opções de resposta do questionário.

⁶² Opções de resposta do questionário.

22,05% da escola pública regular. Esse resultado, de pelo menos uma pessoa da família possuir um celular, que a pesquisa revelou, confirmou a popularização do uso dos *smartphones*, de um modo geral, na sociedade.

Em relação ao uso da *Internet* pelos pais: 96,5% das mães e 81,2% dos pais, desses jovens, usavam *Internet*. Quanto a escolaridade das mães: 24,5% possuíam o ensino médio completo, 20,6% o ensino superior completo e 17,7% pós-graduação; e os pais 25,4% possuíam o ensino médio completo, 19,8% o ensino superior completo e 15,1% pós-graduação. Esses resultados demonstraram que o uso da *Internet*, pelos pais, independeu do grau de instrução dos pais, uma vez que 32,3% das mães e 36% dos pais estudaram até no máximo o ensino médio incompleto.

Esses dados iniciais - das observações *in loco* e dos questionários - revelaram que tanto as realidades estruturais das escolas públicas e privadas quanto as condições materiais das famílias, desses jovens, eram bem diversificadas. A descrição da estrutura física das escolas, bem como a localização geográfica, e, ainda, as condições objetivas e econômicas (renda) mostraram um retrato social diferente, entre os jovens da escola privada e os jovens da escola pública. Ao mesmo tempo, em que o celular apareceu como o único item, entre todos os demais itens de eletrodomésticos e eletroeletrônicos, presente em quase 100% dos contextos familiares, com 85,24% (família com pelo menos 1 celular) dos jovens afirmando que suas famílias possuíam 3, 4, ou mais *smartphones*, corroborando com a publicização da tecnologia digital móvel.

Esses dados primários remeteram, de imediato, a Pais (2003, p. 47) que afirmou que “[...] a juventude deve ser olhada não apenas na sua aparente unidade mas também na sua diversidade.” Essa diversidade, a que Pais (2003) se referiu, está fundamentalmente relacionada as distintas realidades apresentadas acima, e vivenciadas, por esses jovens, nos contextos escolares e familiares. Ainda que, a pesquisa tenha demonstrado que há um elemento comum – o *smartphone*, e, ao que tudo indica, determinante para as vivências diárias desses jovens, daí o porquê de terem sido nominados de Geração I, este mesmo “elemento”, não foi capaz de torná-los um grupo homogêneo. Visto que, para além do termo usado para especificar esses jovens, enquanto um grupo de pessoas que partilham um determinado contexto histórico-social, e, por isso, compartilham experiências, de algum modo, semelhantes (como por exemplo as sociabilidades e *habitus* virtuais constituídos dentro do ciberespaço), segundo o autor há outros processos sociais que devem ser considerados, pois interferem, diretamente, na singularidade de cada jovem.

E, muito embora, a pesquisa tenha, igualmente, evidenciado que as condições de classe e renda desses jovens - aproximadamente 50,66%, ou seja, mais da metade deles eram oriundos das classes DE, enquanto cerca de 28,02% vinham das classes A, B e C - eram consideravelmente desiguais; para Pais (2003) torna-se imprescindível que se observe, além dos dados econômicos de classe/renda, outras variantes, tão importante quanto, como as circunstâncias históricas e as relações sociais. E pontua:

[...] os processos sociais que afetam os jovens não podem ser unanimemente compreendidos como simples ou exclusivamente resultante de determinações sociais e posicionamentos de classe. Esses processos têm também de ser compreendidos, por exemplo, à luz das lógicas de participação ao nível dos diferentes sistemas de interação locais, através dos quais também se modulam e armam as trajetórias sociais (PAIS, 2003, p. 64).

Na pergunta sobre se os pais usavam *Internet*, a pesquisa apontou que 96,5% das mães e 81,20% dos pais usavam a grande rede. Para corroborar com esse dado foram cruzadas as perguntas “Quantas pessoas vivem na sua casa?” e “Na sua casa tem: Telefone celular?”, cujas respostas foram: 2, 3, 4 ou +, e obteve-se um percentual 94,36% dos jovens respondendo que viviam com pelo menos 2 pessoas por domicílio, e com ao menos 2 celulares também por residência. Agrupando as duas perguntas anteriores com a pergunta: “Você vive com?”, a pesquisa indicou que 81,74% dos jovens viviam com familiares (só o pai, só a mãe, com os pais, com os avós, com os tios). Ao agrupar a pergunta “Como você acessa a *Internet*?” as três anteriores, 80,97% dos jovens responderam que acessavam a rede, por meio de computador de mesa, *notebook*, *tablet*, televisão, *videogame* e celular, com o último item (celular) aparecendo em todas as respostas combinadas, já que, nessa resposta, poderiam ser marcados mais de 1 item.

No entanto, quando a última pergunta “Como você acessa a *Internet* ?” foi substituída por “Qual desses meios você mais utiliza para acessar a *Internet*?”, mas mantidas as três primeiras: “Quantas pessoas vivem na sua casa?”, “Na sua casa tem: Telefone celular?” e “Você vive com?”, a pesquisa estimou que 77,28% dos jovens, que viviam com seus familiares e tinham ao menos 2 celulares por domicílio, costumavam acessar a rede, na maioria das vezes, pelo celular, dentre todas as demais opções de resposta (computador de mesa, *notebook*, *tablet*, televisão, *videogame* e celular). Todos esses dados agregados sinalizaram que usar *Internet* e se conectar, na maior parte das vezes, por meio do celular, eram uma prática compartilhada pela família.

Para Twenge (2018), o predomínio do celular entre os jovens teve consequências sobre todos os aspectos da vida dessa geração, a começar pelas interações sociais e terminar na saúde mental. Segundo apontou a pesquisa realizada pela autora⁶³, essa geração foi pioneira no acesso ininterrupto à grande rede, e mesmo os jovens pertencendo a classes sociais diferentes, ainda assim, constatou-se que os adolescentes de baixa renda gastavam tanto tempo na rede quanto os das classes mais abastadas. Um outro dado expressivo encontrado na pesquisa foi que o adolescente comum costumava checar o celular mais de oitenta vezes por dia.

Concordam com a pesquisa de Twenge (2018), tanto a teoria do *Habitus* de Bourdieu (2001) quanto a teoria sobre tipos de sociabilidades de Simmel (2006). A primeira teoria remete a um capital incorporado, isto é, um conhecimento adquirido que se associa a criatividade e a vontade humana; além disso, o autor explica que há uma dinâmica entre as estruturas sociais e os sujeitos, de modo que, apesar das ações desses sujeitos estarem embasadas nessas estruturas sociais, também são capazes de modificá-las; já a segunda teoria diz respeito, as interações constituídas na relação com outro sujeito. Por conseguinte, deduz-se que o uso dos *smartphones*, ao longo das duas últimas décadas, pelos jovens, desencadeou uma série de práticas e ações, dentro do ciberespaço, que resultaram em novos modos de pensar, gostos, comportamentos, estilos de vida e novas formas de se relacionar, em outras palavras, transformaram-se em *habitus* virtuais e sociabilidades.

Quanto a pergunta “Com que idade você começou a usar o celular”, 26,6% (maior percentual entre todas as idades) declarou ter começado por volta dos 10 anos, 15,7% aos 12 anos, 11,1% aos 11 anos, 8,5% aos 9 anos e 9,3% aos 8 anos, isto é, em resumo cerca de 71,26% iniciaram o uso do celular entre 8 e 12 anos.

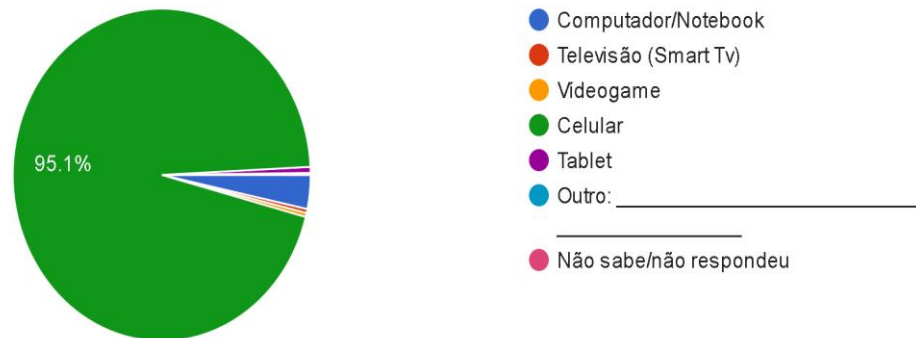
Na questão, “Como você acessa a *Internet*”: 99% informaram que pelo celular, enquanto 73,8% disseram acessar pelo computador ou *notebook* e 61,9% pela televisão. Sobre a pergunta “Qual desses meios você mais utiliza para acessar a *Internet*”: 95,1% responderam que pelo celular. Já com relação ao tempo médio gasto, por dia, na *Internet*: 30,1% dos jovens responderam de 4 a 6h, 23,9% de 2h a 4h, 18,1% acima de 8h, 16,7% de 6h a 8h, 6,4% até 2h e cerca de 4,9% não soube precisar quanto tempo passavam navegando. Resumidamente, a grande maioria dos jovens, aproximadamente 95%, acessavam a *Internet* pelo celular, e 64,9% dos jovens disseram que gastavam mais de 4h por dia surfando na grande rede, como mostram as figuras abaixo.

⁶³ Pesquisa realizada em 4 base de dados: *Monitoring the Future*, *Youth Risk Behavior Surveillance System*, *American Freshman Survey*, o *General Social Survey*, mais entrevistas.

Gráfico 3 – Meio mais utilizado para acessar a *Internet*

Qual desses meios você mais utiliza para acessar a internet: (Marcar somente 1)

515 responses

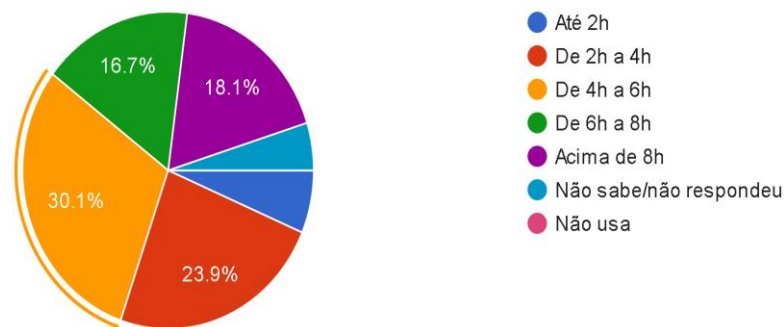


Fonte: Google Docs – Questionário Geração I (2019).

Gráfico 4 – Tempo Médio gasto na *Internet*

Quantas horas em média por dia você acessa a internet:

515 responses



Fonte: Google Docs – Questionário Geração I (2019)

Os dados da pesquisa - nas escolas: pública regular, pública profissional e particular de classe média alta - sobre a interação frequente dos jovens, por meio dos *smartphones*, com a *Internet* e as redes sociais, corroboraram com a pesquisa feita por Twenge (2018), que apontou, dentre outras coisas, que, especialmente, após a massificação dos *smartphones* a Geração I se diferenciou das gerações anteriores, por interagirem constantemente com o ciberespaço.

Ainda, sobre o tempo médio gasto por dia na rede, a pesquisa revelou um dado interessante: dos 34,8% dos jovens que ficavam mais de 6h por dia na *Internet*, a maioria – 70,94% - eram das escolas públicas: regular e profissional, indicando, a priori, que os jovens

de ambas as escolas públicas dispenderam mais tempo na *WWW* que os da escola privada. Já com relação aos jovens que responderam ficar menos de 4h por dia na rede, os dados mostraram um equilíbrio entre as escolas, posto que do total de 30,29%, 49,35% destes pertenciam a escola privada e 50,64% a escola pública.

Quando foi perguntado aos jovens com que frequência usavam a *Internet* - cujas respostas eram: mais de uma vez por dia, pelo menos uma vez por dia, pelo menos uma vez por semana, pelo menos uma vez por mês, menos de uma vez por mês e não sabe/não respondeu – 94,6% responderam que mais de uma vez por dia. Os resultados dessa pergunta, cruzada com a do tempo médio gasto por dia na rede, apontaram que acessar a rede ao longo do dia era habitual, em outras palavras, que já fazia parte do dia a dia desses jovens, da Geração I. Assim pontua Twenge (2018, p. 21):

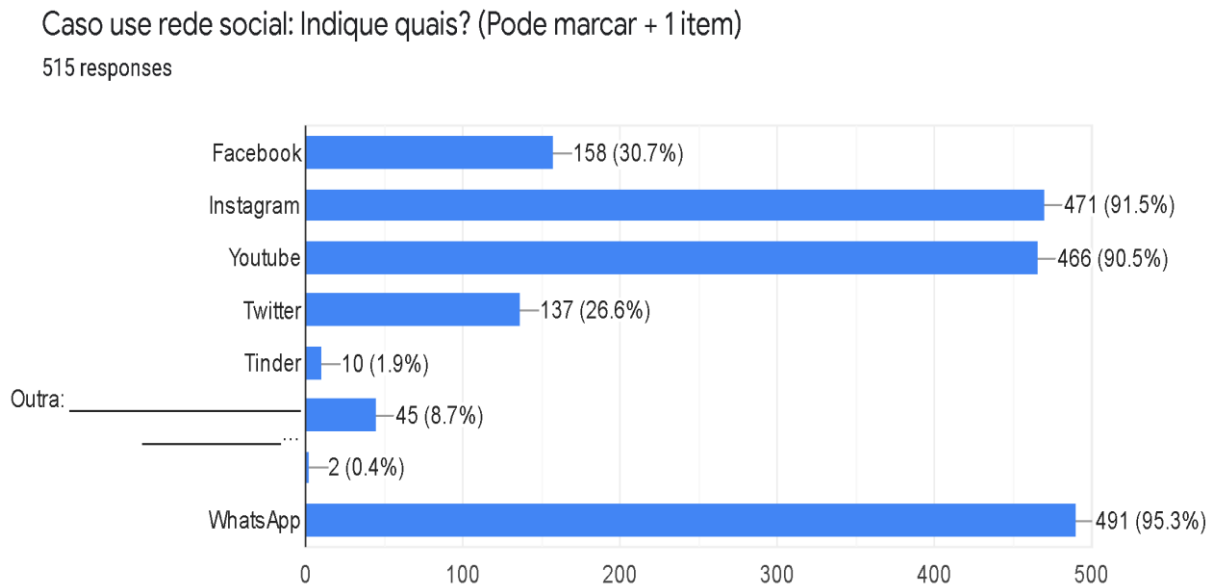
Um rótulo geracional precisa ser inclusivo o suficiente para captar uma gama extensa de pessoas, e neutro o suficiente para ser aceito pela geração em questão e pelas mais velhas. Precisa também captar algo sobre a experiência dessa geração, e para os *centennials* a *Internet* e os smartphones têm sido cruciais em suas vidas.

3.3 Os *Habitus* Virtuais e as Sociabilidades da Geração I

As próximas perguntas do questionário tinham o propósito de descobrir o que esses jovens faziam, de modo geral, tanto na *WWW* quanto nas redes sociais.

Nesse sentido, quando perguntado aos jovens se usavam redes sociais e quais, as respostas possíveis eram: *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, *Twitter*, *Tinder*, *WhatsApp* e outra (podiam marcar mais de 1 resposta), cerca de 95,3% afirmaram que usavam o *WhatsApp*, ficando, inclusive, em 1º lugar dentre todas, em seguida 91,5% responderam que, também, possuíam perfil no *Instagram*, 90,5% disseram que assistiam vídeos no *Youtube*, 30,7% responderam que usavam *Facebook*, 26,6% tinham perfil no *Twitter* e 8,7% citaram outras redes. Como mostra a figura abaixo:

Gráfico 5 – Uso das Redes Sociais



Fonte: Google Docs – Questionário Geração I (2019).

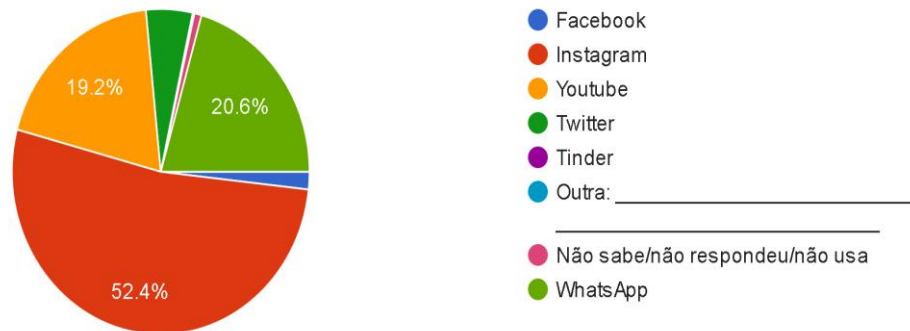
A liderança do *WhatsApp* - que é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones* - nos resultados da pesquisa, da mesma forma que a frequência de uso da *Internet*, sinalizaram a prática incorporada pelos jovens da comunicação rápida, isto é, da troca de mensagens curtas, por meio do celular, mas, não somente isto, da constante atividade de troca de conteúdo: áudio, vídeo, memes, fotos, dentre outros. O destaque para as redes sociais *WhatsApp*, *Instagram*, *Youtube* e *Facebook* como tendo sido, nessa ordem, as redes mais usadas, pareceu indicar, igualmente, que a interatividade e conexão com outros indivíduos, que essas redes permitem, seria o grande atrativo, para esses jovens.

Por outro lado, ao ser perguntado aos jovens qual daquelas redes sociais mais gostavam de usar: mais da metade, 52,4% declararam que o *Instagram* era a rede social que mais gostavam de usar, em 2º lugar o *WhatsApp* com 20,6%, em 3º o *Youtube* com 19,2% e em 4º o *Twitter* com apenas 5%, como mostra a figura abaixo:

Gráfico 6 – Rede Social que mais gosta de usar

Qual dessas redes sociais você mais gosta de usar (Marcar somente 1)

515 respostas



Fonte: Google Docs – Questionário Geração I (2019).

Na pergunta sobre o tempo gasto nas redes sociais: 29,7% afirmaram que gastavam de 2 a 4h/dia nas redes sociais, por sinal o maior percentual entre todos os intervalos de horas; 22,7% responderam de 4 a 6h/dia, 20,6% disseram gastar até 2 h/dia, 11,3% declararam que usavam de 6 a 8 h/dia e 10,9% que usavam por mais de 8h/dia. Curiosamente, dos cerca de 22,2% de jovens que afirmaram usar as redes sociais por mais de 6h/dia, 83,33% eram das escolas públicas: regular e profissional, enquanto somente 16,6% pertenciam a escola privada. Resultado bem próximo ao da pergunta sobre o tempo gasto na *Internet*, que do percentual total (34,8%) de jovens que dispendiam mais de 6h/dia na rede, a maioria (70,94%) advinha das escolas públicas. Ambos os resultados corroboraram para mostrar que o jovem da escola pública passava muito mais tempo tanto na *WWW* quanto nas redes sociais, do que o jovem da escola privada.

Conseqüentemente, esse resultado apontado pelo questionário, como também pelos dados das observações *in loco* e dos grupos focais, nos levou a formular a hipótese de que os jovens da escola privada dispendiam menos tempo na *Internet* e nas redes sociais, devido a uma rotina de compromissos bem-organizada e definida: cursos, oficinas, atividades esportivas e sociais; enquanto a rotina dos jovens da escola pública, em geral, se resumiria a escola, e algumas poucas atividades extracurriculares.

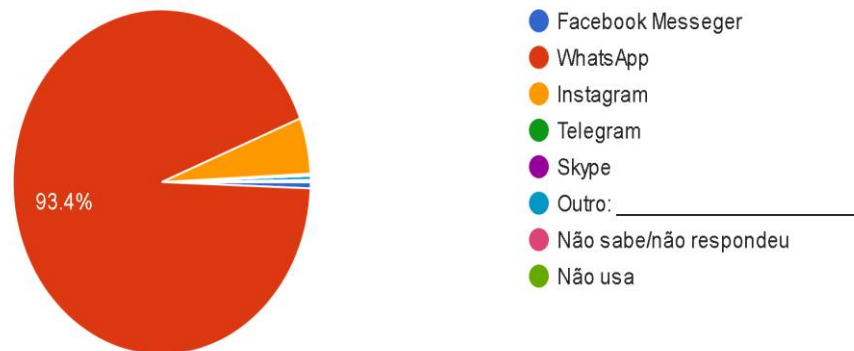
E confirmando a pergunta sobre qual rede social mais os jovens usavam, a pergunta sobre qual aplicativo de troca de mensagens mais usavam, como mostrou a figura abaixo, apontou que a maior parte dos jovens - aproximadamente 93,4% - usavam o *WhatsApp* – assim como na resposta sobre quais redes sociais mais gostavam de usar, em que 71% dos jovens

elegeram *WhatsApp* e *Instagram* - contra somente 5,2% que disseram usar o *Instagram* para envio de mensagens. Essas duas redes sociais (*WhatsApp* e *Instagram*) foram as que apresentaram os maiores percentuais, em ambos os tópicos sobre rede social e aplicativo de mensagens mais usados. Esse resultado confirmou categoricamente que tanto a prática de envio e recebimento de mensagens quanto o uso de rede social, por meio dos *smartphones*, foi incorporada ao cotidiano desses jovens. Além disso, essas práticas podem ser, assim, nominadas de *habitus* virtuais, na medida em que apresentaram, como característica principal, a capacidade que os jovens tiveram de incorporar essa estrutura da tecnologia digital móvel - para além da comunicação - em seus modos de existir, melhor dizendo, nas maneiras de sentir, pensar e agir dentro do ciberespaço, da mesma maneira que na teoria de Bourdieu o *habitus* foi definido como um conjunto de disposições materializadas nos modos como os sujeitos compreendem o meio social e respondem a esse meio social.

Gráfico 7 – Aplicativo de Mensagem mais usado

Qual aplicativo de troca de mensagens você mais usa: (Marcar somente 1)

515 responses



Fonte: Google Docs – Questionário Geração I (2019).

Além disso, cerca de 89,7% dos jovens responderam que o principal meio pelo qual se mantinham atualizados eram as redes sociais, em seguida 49,4% responderam que por *site* de notícias e 37,4% pelos telejornais. As práticas utilizadas, pelos jovens, para se atualizar por meio das redes sociais e site de notícias, também, se configurariam como *habitus* virtuais, uma vez que, esses jovens foram apreendendo novas maneiras de consumir informação (além das já conhecidas tradicionalmente: TV e rádio), dito de outra forma, foram incorporando novas maneiras de se informar, dentro da grande rede, e, principalmente, das mídias sociais. Na

verdade, tanto a TV quanto o rádio migraram para dentro do ciberespaço, como parte dessas novas maneiras de se comunicar com os internautas.

As estatísticas apresentadas, nos tópicos anteriores, foram reiteradas por uma boa parte dos dados nacionais, coletados no relatório da pesquisa *TIC Kids Online Brasil de 2019*⁶⁴, que apresentou um percentual de 89% de crianças e adolescentes (9-17 anos) usuários de *Internet* - algo em torno de 25,8 milhões de usuários no país – e se se considerasse os percentuais de cada região, no Nordeste tínhamos cerca de 79% desse grupo, que usava a rede mundial. Aprofundando mais ainda, os dados, entre todas as faixas etárias da pesquisa *TIC Kids*, dos acessos, entre ambos os sexos, foram iguais: com 89% dos meninos e das meninas acessando a rede. Se se considerasse, especificamente, a faixa etária de jovens de 15 a 17 anos, seriam cerca de 96% dos usuários, maior percentual, entre os demais grupos, por sinal. Já com relação a forma de acesso à rede, aproximadamente 95% das crianças e adolescentes relataram se conectar, principalmente, por meio do celular. Por último, no relatório se observou, ainda, que a diferença entre as classes sociais, de acesso por meio do celular, foi mínima, sendo: 98% dos usuários pertencentes as classes AB, 96% pertencentes a C e 92% pertencentes as classes DE⁶⁵.

Além disso, a mesma pesquisa apontou que por volta de 58%, do total de jovens no país, acessaram a rede, exclusivamente, pelo celular. Esse percentual revelou que 14,5 milhões de crianças e adolescentes, no Brasil, surfavam na rede, somente, pelos *smartphones*, e deste quantitativo mais de 10,5 milhões advinham das classes DE. Embora, os dados, também, tenham mostrado que existiam 4,8 milhões de crianças e adolescentes que viviam em domicílios sem acesso à *Internet*, no país, cerca de 18% da amostra da pesquisa. Desses grupos de jovens sem acesso à *Internet*, 2,9 milhões residiam em áreas urbanas e 1,8 milhões em áreas rurais. Todavia, as faixas etárias do grupo de 15-17 anos apresentaram o menor percentual, com apenas 4% de jovens afirmando não ter acessado a *Internet*, nos últimos 3 meses, anteriores a pesquisa.

Esses dados nacionais do relatório *TIC Kids Online Brasil* mostraram que o celular foi, em grande medida, popularizado entre os jovens, ainda que tenha mostrado, também, que havia um pequeno grupo de jovens que, em momento algum, acessaram a grande rede. Além do mais, a pesquisa nacional evidenciou, do mesmo modo, que mais da metade dos jovens e crianças que acessaram a *WWW*, o fizeram, tão somente, pelo celular. Assim, 73% desses jovens e crianças, que acessaram apenas pelo celular, advinham das classes DE, 59% da classe C e 25% das classes AB. Por último, mas tão ou mais importante, a pesquisa apontou que, em 2019,

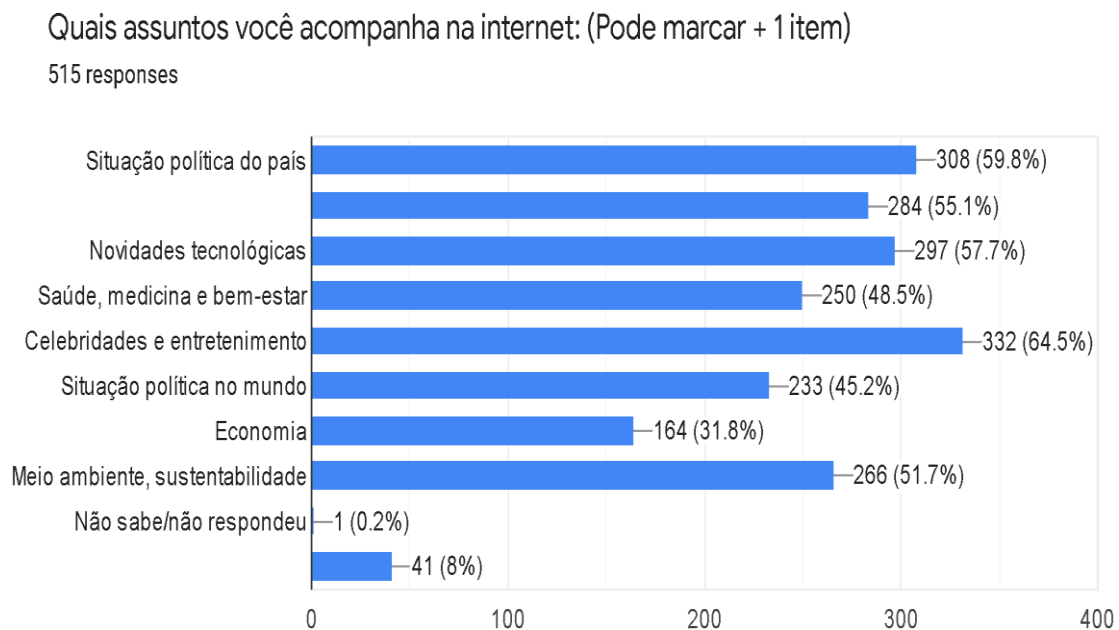
⁶⁴Relatório produzido para medir usos e hábitos da população brasileira usuária de *Internet*, de 9 a 17 anos, em relação às tecnologias de informação e de comunicação (TIC).

⁶⁵ Dados referentes ao acesso da *Internet*, nos três meses anteriores a aplicação da pesquisa.

aproximadamente 89% dos jovens e crianças, no Brasil, usavam a *Internet*. Por conseguinte, esses dados nacionais coincidem, em sua maioria, se comparados aos da pesquisa em questão.

Retomando os dados da pesquisa nas escolas, como mostra a figura abaixo, na pergunta sobre os assuntos mais acompanhado na *Internet*, os jovens responderam: celebridades e entretenimentos (64,5%), situação política do país (59,8%), novidades tecnológicas (57,7%), crime, violência e direitos humanos (55,1%), meio ambiente e sustentabilidade (51,7%), saúde, medicina e bem-estar (48,5%) e situação política no mundo (45,2%). Esses resultados foram confirmados pelos resultados da pergunta seguinte, que os questionava sobre as causas que poderiam se engajar na *Internet*: 62,9% responderam que adeririam as causas sobre igualdade racial, 61,9% as causas sobre o meio ambiente, 57,5% as causas animais, 43,5% as causas feministas, 40% as pautas LGBTQIA e 37,9% as causas políticas.

Gráfico 8 – Assuntos que acompanha na *Internet*



Fonte: Google Docs – Questionário Geração I (2019).

Essas atividades realizadas dentro da *Internet* fazem parte, também, do conjunto de *habitus* virtuais materializados, pelos jovens, ao longo das 2 últimas décadas, dentro do ciberespaço. Visto que, os resultados das questões, sobre quais assuntos, esses jovens, mais se interessavam e quais causas se comprometeriam, mostraram, simultaneamente, que essas disposições de interesse e comprometimento foram sendo incorporadas em suas visões de

mundo, fazendo com que se socializassem e reagissem, tanto fora quanto dentro do meio digital, externalizando essas ideias. Desse modo, essas visões ou ideias de mundo foram sendo construídas e experienciadas tanto individualmente como coletivamente, dentro da realidade virtual. Em resumo, essas visões ou ideias de mundo representam os *habitus* virtuais, quer dizer, a maneira pela qual o modo de pensar desses jovens foi se integrando a cultura da *Internet* e das redes sociais. Assim, pôde-se inferir que esse conjunto de *habitus* virtuais foram sendo impressos, largamente, na mente e no corpo desses jovens da Geração I, e externalizados em suas ações e atitudes, dentro do ambiente virtual.

A seguir serão apresentados os resultados das perguntas, que trataram, mais diretamente, desses *habitus* virtuais e das sociabilidades. Essas questões compreenderam desde atividades realizadas sobre: busca de informações e educação, comunicação e redes sociais e multimídia e entretenimento. Essas questões também englobaram 4 tipos de habilidades: **operacionais**, saber operacionalizar as plataformas digitais; **informacionais**, saber buscar informações; **sociais**, saber se relacionar; e **criativas**, saber criar conteúdo, em quaisquer formatos.

Na pergunta sobre se pesquisavam, na *Internet*, para fazer os trabalhos escolares, a maioria absoluta, 99,6% dos jovens, responderam que sim, que faziam regularmente pesquisas na *Internet*, para ajudar a responder as tarefas escolares, em outras palavras, as antigas pesquisas feitas em enciclopédias e grandes dicionários manuais, migraram para dentro do ciberespaço, como um *habitus* virtual, isto é, como uma ação incorporada, para dentro do ambiente virtual. Já na pergunta sobre fazer pesquisa na rede, por curiosidade ou vontade própria, 98,8% dos jovens confirmaram que pesquisavam por interesse próprio. Assim, essa ação, também, se soma ao conjunto de *habitus* virtuais, como a ação anterior, visto que foi prontamente incorporada ao cotidiano digital, destes jovens. Todavia, na pergunta sobre participação em debates nas redes sociais, aproximadamente 70,6% dos jovens responderam negativamente, mostrando que esse tipo de atividade não foi absorvido pela maioria dos jovens, e, portanto, não se materializou, pelo menos na amostra da pesquisa, em *habitus* virtual.

Na pergunta sobre se liam ou assistiam notícias *on-line*, 84,6 % dos jovens relataram que sim. Atividades que, até duas décadas atrás, eram feitas em jornais impressos ou na televisão, e que, igualmente, migraram para dentro da *Internet*, se materializando em *habitus* virtual. Na pergunta sobre o uso dos mapas *on-line*, tipo *Google Maps* e afins, cerca de 83,4% dos jovens relataram que faziam uso dos aplicativos de geolocalização virtual, confirmando que, a busca por um determinado endereço que, anteriormente, era feita por meio dos mapas dos bairros da cidade, que vinham nas antigas listas telefônicas, foi substituída pelas consultas

ao *Google Maps*, ou qualquer outro tipo de aplicativo de busca de endereços, se convertendo, *idem*, em um *habitus* virtual. De fato, hoje o *habitus* virtual de consultar a geolocalização nos meios digitais é, amplamente, utilizado por todas as gerações, mas, especialmente, pelos jovens da Geração I, que se apropriaram, tão naturalmente, dos aplicativos em geral.

Na pergunta sobre ler livros ou revistas *on-line*: 52,8% dos jovens relataram que liam, e, apesar, de pouco mais da metade confirmar, essa parece ser uma tendência, sobretudo, agora em 2020, por causa da crise pandêmica do Covid-19. A pandemia do coronavírus fez com que a maioria das atividades escolares migrassem, automaticamente, para dentro do espaço virtual, em menos de 3 meses, e tudo indica que esse movimento perdurará, até que uma parte significativa da população mundial seja vacinada. Assim, a prática de ler, por meio digital, seja *on-line* ou *off-line*, passou a integrar o conjunto dos *habitus* virtuais da Geração I, e, tende, por tudo que foi dito anteriormente, a se tonar, cada vez mais presente no cotidiano, desses jovens.

Nas perguntas sobre conversar por chamada de voz e vídeo, 92,4% e 81,9% responderam afirmativamente, ratificando que aqueles papos que, até bem pouco tempo atrás, aconteciam presencialmente ou por telefone, foram migrando, principalmente, na última década, em sua maioria, para aplicativos de mensagens ou redes sociais. Essas ações foram tão absorvidas por esses jovens, que parecem indicar uma tendência crescente de uso das redes sociais: *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* ou outros, para se comunicar, quer seja por chamadas de voz, quer seja por chamadas de vídeo, com a família, amigos, conhecidos, e até desconhecidos.

Consequentemente, essa relação que se estabeleceu, entre os jovens da Geração I, de se comunicar pelo meio digital, além de configurar um *habitus* virtual, pode, também, ser considerada um tipo de sociabilidade, ou melhor, uma forma de sociabilidade que implica interação entre sujeitos, como definiu Simmel (2006) no conceito “sociação”, que diz respeito as formas ou modos como os indivíduos se relacionam. Para esse autor, essas interações sociais e relações de interdependência, não estariam, obrigatoriamente, vinculadas a consonância de interesses dos indivíduos partícipes dessas interações. Para além disso, Simmel (2206) explica que essas relações poderiam compreender: relações de conflito, de interesse comum e de subordinação.

Nas perguntas sobre postar foto ou vídeo de si mesmo, ou compartilhar texto, imagem, música, ou vídeo sobre qualquer assunto: 83,3% e 87,7% responderam afirmativamente, demonstrando que esses jovens materializaram essas ações, como parte de suas disposições comportamentais, dentro das redes sociais. Essas disposições, junto com todas as anteriores, foram sendo assimiladas, nas 2 últimas décadas, transformando-se em *habitus*

virtuais, visto que são maneiras de perceber o mundo social, tanto dentro da *Internet* quanto das redes sociais, mas não só isso, são igualmente maneiras de agir e reagir, quer dizer, são maneiras de responder ao meio social virtual. Além disso, essas disposições são, do mesmo modo, sociabilidades, uma vez que há a nítida intenção de interação junto aos outros sujeitos, dentro desses ambientes virtuais. Ademais, essa intenção explícita se apresentou, basicamente, na maneira como dividem os conteúdos com o outro, ou os outros, e, ainda, no desejo de obter uma resposta: em forma de curtida (uma espécie de aprovação), ou *emoji*⁶⁶ (um tipo de símbolo ou figura, usado para expressar emoções ou sentimentos), ou até mesmo um comentário.

As perguntas sobre postar texto, imagem ou vídeo feito por eles mesmos, ou postar *stories*⁶⁷, apresentaram resultados semelhantes aos das perguntas do parágrafo anterior, com cerca de 72,6% e 85,8% dos jovens respondendo que passaram a adotar entre as suas práticas, dentro das redes sociais, ações do tipo: publicar textos, imagens ou vídeos de própria autoria, ou publicar *stories* tanto de si quanto sobre quaisquer assuntos. Essas ações são também disposições de comportamentos internalizados e externalizados, por esses jovens, dentro das redes sociais, isto é, fazem parte do conjunto dos *habitus* virtuais assimilados, pela Geração I. E, na medida em que, esses conteúdos criados, por esses jovens, são publicizados e partilhados entre os seus grupos de contatos, produzindo uma interação, entre todos, dentro do ambiente virtual, são, igualmente, nominados de sociabilidades.

Já as perguntas sobre assistir vídeos, programas, filmes ou séries, sobre ouvir música ou jogar, todas *on-line*, aproximadamente 98,8%, 94,1% e 67,3% dos jovens confirmaram que essas atividades foram, amplamente, integradas as suas rotinas na *Internet*. Ao mesmo tempo, em que nas perguntas sobre fazer *download* de aplicativos, ou de músicas, livros e filmes; 98,4% e 91,4%, a maioria dos jovens responderam que o ato de baixar arquivos, desde aplicativos, passando por músicas ou livros, até filmes, se tornou uma prática corriqueira, já que eram atividades feitas com frequência. Essas práticas, também, se juntam aquele conjunto de *habitus* virtuais, posto que todas essas atividades fizeram parte da construção de visão de mundo desses jovens, não somente, dentro do ciberespaço, mas, igualmente, fora dele.

Assim tanto a arte, representada pela música, pelo livro ou pelo filme, quanto os *Apps* (um *software* para dispositivo eletrônico que ajuda os usuários a realizar tarefas), foram moldando o corpo e a mente desses jovens, e conseqüentemente moldando suas ações. Além

⁶⁶ Um símbolo que tem sua origem na união dos seguintes termos em japonês: e + moji. São ideogramas e *smileys* usados em mensagens eletrônicas e *sites* da *WWW*.

⁶⁷ Uma função existente nos aplicativos de mensagens e redes sociais, que permite que os usuários publiquem fotos ou vídeos rápidos, próprios ou não, que ficam disponíveis para visualização por um período de 24h.

disso, especificamente, a atividade de jogar *on-line* conectado com outros jogadores, em que 67,3% dos jovens responderam afirmativamente, também faz parte do conjunto de sociabilidades desenvolvidas pela Geração I, na *Internet*.

As antepenúltima e penúltima perguntas trataram de questões de segurança, pois indagaram aos jovens se sabiam modificar as configurações de privacidade, e se sabiam desativar a função de geolocalização, obtiveram 94,9% e 66,9% de confirmações. Esses resultados demonstraram que os jovens possuíam as habilidades necessárias para não expor, a quaisquer indivíduos, suas informações pessoais; e para não publicizar o local onde se encontravam. Esses dados, também, mostraram que, da mesma maneira que os jovens deveriam tomar certos cuidados em relação à segurança pessoal e física, nos locais por onde circulavam normalmente na cidade; no ciberespaço, não deveria ser diferente. Assim, se na rotina diária de compromissos fora de casa, esses jovens estariam sujeitos a determinados riscos, devendo, por isso, tomar os cuidados básicos com relação a autoproteção. Assim também, deveria ocorrer no ciberespaço, uma vez que, ao navegarem na grande rede estariam correndo riscos inerentes à segurança e integridade física, tornando-se, assim, necessário adotar os devidos cuidados ao acessarem os *sites* e as redes sociais.

Por fim, em tempos da problemática propagação das *fake news*⁶⁸, a última questão inquiriu os jovens, se sabiam conferir a veracidade de uma informação coletada na *Internet*, cerca de 83,1% deles relataram que sabiam. Esse resultado revelou que, nas respostas dadas pelos jovens existia uma preocupação em averiguar se as informações que buscavam eram verdadeiras, isto é, se podiam confiar no que estavam lendo ou consumindo de informação. Apesar de, ainda ter tido um percentual residual de 16,9% de jovens que sequer percebeu a importância da checagem, para não ser propagador de mentiras ou falsas narrativas.

Assim com base nos resultados gerais do questionário, pôde-se deduzir que esses jovens incorporaram uma multiplicidade de experiências, na *Internet* e nas redes sociais, nominadas *habitus* virtuais; na medida em que, para interagir na *WWW*, esses jovens, necessariamente, precisaram apreender como manusear as ferramentas básicas: dos programas de busca e pesquisa, dos sites oficiais de jornais, revistas, universidades, instituições, empresas, dentre outros, de cada rede social que fazem parte, dos aplicativos em geral e outros. Resumidamente, esses jovens precisaram adquirir um repertório considerável de conhecimentos sobre o ciberespaço e as redes sociais, para a partir disso comunicar-se e relacionar-se, agir mutuamente, compartilhando aprendizados e experiências.

⁶⁸ Em tradução livre notícias falsas.

Nesse sentido, pôde-se inferir que todo esse conjunto de habilidades apreendidas, pela Geração I, no ambiente virtual (seja na grande rede ou nas mídias sociais), pertencem a um conjunto de *habitus* virtuais, dado que foram, pouco a pouco, moldando a percepção de mundo desses jovens. E, à medida que essa geração vivenciava mais e mais, esse novo ambiente virtual, plural e de múltiplas possibilidades, iam acrescentando as suas maneiras de agir e reagir, dentro do ciberespaço, mais práticas e ações, que, anteriormente, eram feitas, em sua maioria, fora do ambiente digital. Ademais, algumas dessas práticas ou ações, que têm por objetivo, principal, interações com outros indivíduos, como as usadas nas redes sociais, foram aqui denominadas de sociabilidades, assim como no conceito criado por Simmel (2006).

Por conseguinte, as discussões acima fundamentaram a resposta de alguns dos objetivos específicos da pesquisa, em outras palavras, as discussões sobre os resultados apontados pelo questionário serviram de base para responder os objetivos a seguir: entender quais os usos que a Geração I fez e faz da *Internet* e das redes sociais, examinar quais as sociabilidades que surgiram a partir do uso das mídias sociais, ou, ainda, como essas sociabilidades foram incorporadas a rotina desses jovens, ou, além disso, refletir como essas interações constituídas dentro do ciberespaço foram se transformando em *habitus* virtuais incorporados ao dia a dia, dessa geração.

Assim, ao longo da exposição dos resultados, observou-se que os usos que a Geração I fez e faz da *Internet* e das redes sociais foram intermediados, na maior parte, pelo celular; visto que 99% dos jovens responderam que acessavam a *Internet* pelo celular, e quando perguntado, especificamente, por qual meio mais acessavam, 95,1% dos jovens afirmaram que por meio do celular. Sendo, portanto, esse o meio predominante de acesso dos jovens tanto a *Internet* quanto as redes sociais. Além disso, outra informação relevante diz respeito a frequência de uso da *Internet*, 94,6% relataram que usavam mais de uma vez por dia, e 64,9% afirmaram que usavam por mais de 4h por dia, reforçando o uso diário e frequente da WWW.

Já em relação aos usos propriamente ditos constatou-se que, tanto as redes sociais como o canal de vídeo *Youtube*, eram prevalentemente utilizados em detrimento de outras plataformas ou *softwares*, dado que mais de 90% dos jovens afirmaram usar *WhatsApp*, *Instagram* e *Youtube*. Da mesma forma, ratificando a prevalência anterior, quando perguntado aos jovens sobre qual a rede social preferida, as duas com maiores percentuais, nessa ordem, foram *WhatsApp* e *Instagram*, seguido do canal de vídeo *Youtube*, em terceiro lugar.

Ainda, com relação aos modos de uso da *Internet* e das redes sociais, mais de 90% declararam que o aplicativo de mensagens que mais usavam era o *WhatsApp*. Além disso, quase 90% disseram que se mantinham informado pelas redes sociais, e quase 50% por meio de sites

de jornais. Detalhando a questão anterior, sobre quais assuntos os jovens costumavam acompanhar, mais de 50% dos jovens relataram que acompanhavam as notícias sobre: celebridades e entretenimento, situação política do país, novidades tecnológicas, crime, violência e direitos humanos e meio ambiente e sustentabilidade.

Esses jovens, também, declararam que: pesquisavam na *Internet* para fazer trabalhos escolares, por curiosidade ou vontade própria (mais de 98%); liam, assistiam notícias e usam mapas *on-line* (mais de 83%); liam livros ou revistas *on-line* (mais de 52%); conversavam por chamada de voz e vídeo (mais de 81%); postavam foto ou vídeo em que apareciam (mais de 83%); compartilhavam texto, imagem, arquivo, música ou vídeo (mais de 87%); publicavam texto, imagem ou vídeo de própria autoria (mais de 72%); postavam *stories* (*WhatsApp, Instagram, Facebook*) (mais de 85%); assistiam a vídeos, programas, filmes ou séries, e ouviam músicas *on-line* (mais de 94%); jogavam *on-line*, conectado ou não a outros jogadores (mais de 64%); baixavam aplicativos, músicas, livros ou filmes (mais de 91%); faziam compras *on-line* (mais de 55%); sabiam mudar as configurações de privacidade de seus perfis nas redes sociais (mais de 94%); sabiam verificar se uma informação encontrada na *Internet* estava correta (mais de 83%); e, por último, sabiam escolher que palavras usar para encontrar algo na *Internet* (mais de 96%).

Assim, essas maneiras de usar essas plataformas digitais, ora no ciberespaço, ora nas mídias sociais, foram, concomitantemente, fundando tanto os *habitus* virtuais, isto é, os modos de pensar que foram constituindo modos de agir e reagir, dentro do ciberespaço; quanto as sociabilidades, ou seja, práticas ou ações que envolvessem, diretamente, as interações com os outros perfis e contatos das redes sociais. Mas, no caso específico das sociabilidades, as interações ocorreram, essencialmente, nas redes sociais, ou melhor dizendo, as interações como por exemplo as chamadas de vídeo ou de voz, tiveram como tecido social as plataformas de contatos sociais - *WhatsApp, Instagram, Facebook e twitter*. Essas plataformas permitem além de conversas, trocas de conteúdo: texto, imagem, música ou vídeo; mas, sobretudo, são aplicações da *web* formadas por grupo de pessoas, que partilham e compartilham interesses semelhantes; além do que, são estruturas tecnológicas que têm por finalidade precípua conectar pessoas; daí, portanto, serem o meio pelo qual se se manifestam as sociabilidades entre os perfis.

Nesse sentido, os dados da pesquisa apontaram que as sociabilidades, que surgiram a partir do uso das redes sociais, e que foram incorporadas ao cotidiano desses jovens, compreendiam desde as conversas por chamada de voz e vídeo, postagem de foto ou vídeo em que apareciam; compartilhamento de texto, imagem, arquivo, música ou vídeo; publicação de texto, imagem ou vídeo de própria autoria; até postagem de *stories* (*WhatsApp, Instagram,*

Facebook), nas quais mais de 70% dos pesquisados afirmaram que utilizaram essas ações como forma de interagir com as suas redes de amigos e contatos. Essa interação, ou melhor dizendo, essa forma de entrar em contato com o outro envolveu, basicamente, conversas e compartilhamento de interesses comuns em forma de conteúdo; mas, para além disso, esse modelo relacional também implicava em um feedback ou retorno desse grupo de amigos e contatos, na medida em que se buscava curtidas, comentários, ou uma republicação do conteúdo. Por conseguinte, essas relações criadas a partir dos diálogos e compartilhamento de conteúdo, dentro das redes sociais, também tinham por propósito vital, além de compartilhar preferências em comum, ampliar a rede de contatos; daí, portanto, serem chamadas de sociais, posto que são estruturas que, apesar de digitais, permitem uma conexão direta com outros interlocutores, em outras palavras, propiciam uma imediata ligação dos indivíduos com o coletivo, dando origem ao socializar-se com o outro ou os outros.

Finalmente, pelos resultados da pesquisa, amplamente, discutidos acima, pôde-se depreender que os *habitus* virtuais, digo, os modelos de percepção de mundo que esses jovens foram absorvendo, por meio da interação com a *Internet* e as redes sociais, ao longo das duas últimas décadas, foram materializados em cada maneira de agir e reagir, dentro do ciberespaço. Da mesma maneira, ocorreu com as sociabilidades que foram gestadas nas redes sociais, a partir das relações constituídas entre os perfis ou contatos. Assim, de modo involuntário e espontâneo, tanto os *habitus* virtuais foram se corporificando em pensamentos, atitudes e ações, como as sociabilidades foram sendo instituídas pelas interações, entre os jovens da Geração I, no dia a dia do ambiente virtual.

4 GERAÇÃO I: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS

Este capítulo compôs-se, principalmente, de uma análise comparativa, com base nos dados dos questionários, nas discussões dos grupos focais e no teste de hipóteses, por meio do *Sistema R*, dos *habitus* virtuais e das sociabilidades dos jovens, na *Internet* e nas redes sociais, a partir dos contextos escolares público e privado. Nesse sentido, foram evidenciadas as informações que mostraram semelhanças e alteridades dos *habitus* virtuais e das sociabilidades experienciadas pelos jovens, em ambos os contextos, levando em consideração o cotidiano de suas ações e práticas, no ciberespaço.

Além disso, o teste de hipóteses compreendeu 5 hipóteses, que compararam os *habitus* virtuais e as sociabilidades dos jovens, das escolas públicas e privadas. Esse teste permitiu perceber as similaridades e diferenças entre esses *habitus* virtuais e sociabilidades, que os jovens da Geração I desenvolveram nas plataformas digitais, especialmente, na última década.

4.1 *Habitus* Virtuais e Sociabilidades dos Jovens: Similaridades e Diferenças

Considerando os dados do questionário, o primeiro dado que confirmou as distinções diz respeito a renda, isto significa que nas faixas salariais acima de 10 salários-mínimos, os jovens começavam a ter contato com a tecnologia digital entre 2 e 7 anos, e desse grupo 99% advinham da escola privada; enquanto nas faixas salariais abaixo de 2 salários-mínimos, os jovens iniciavam o contato com a tecnologia digital depois dos 7 anos, e desse grupo cerca de 87% pertenciam a escola pública.

Desse modo, com base nesse dado preliminar pôde-se inferir que, quanto maior foi a renda, menor foi a idade que os jovens começaram a interagir com a *Internet* e as redes sociais, e nesse grupo de jovens, a maioria, provinha da escola privada. Por outro lado, quanto menor foi a renda, maior foi a idade que os jovens iniciaram a interação com a *WWW* e as mídias sociais, e, nesse grupo os jovens procediam, na maior parte, da escola pública.

Por conseguinte, esses dados primários apontaram que os *habitus* virtuais e as sociabilidades apreendidas, por esses jovens, no ciberespaço, se iniciaram mais cedo, abaixo de 7 anos, no grupo de jovens que possuía renda familiar acima de 10 sal-min, e provinha, quase totalmente, da escola particular. Ao passo que, no grupo de jovens com renda familiar abaixo de 2 sal-min, a incorporação desses *habitus* virtuais e sociabilidades ocorreu mais tarde, acima de 7 anos, e nesse grupo uma parte considerável advinha da escola pública. Além disso, essa

diferenciação gerada pela renda, entre os jovens de escola pública e privada, do marco etário de iniciação na interação com a tecnologia digital, foi, também, responsável, como se verá a seguir, por criar outras diferenciações nos *habitus* virtuais e sociabilidades desses jovens, a depender da origem socioeconômica.

Levando em conta, ainda, o fator renda, os dados mostraram que quanto menor a renda, maior o tempo de uso, ou seja, do grupo de jovens que afirmou usar a *Internet* por mais de 6 horas por dia, cerca de 70% procediam da escola pública, e destes 89% possuíam renda familiar abaixo de 5 salários-mínimos. Ao contrário do grupo, que a renda familiar era acima de 10 salários-mínimos (cerca de 20%), que afirmaram que usavam menos de 6 horas por dia, e 99% daquele percentual de jovens vinham da escola particular.

Assim sendo, as três variáveis: renda, tempo de uso e formato de escola apresentaram uma relação de interdependência, na medida que, quanto maior a renda familiar dos jovens, menor o tempo de uso de *Internet*, e, desse grupo, uma boa parte dos jovens pertenciam a escola particular. Em contrapartida, quanto menor a renda familiar dos jovens, maior o tempo de uso da *Internet*, e a maioria desse grupo estudava em escola pública. Aqui, também, o tempo de uso foi considerado um fator de distinção, na medida em que a duração do uso implicou em mais tempo imersos na rede para os jovens da escola pública, e menos tempo navegando na *Net* para os jovens da escola privada.

Dando continuidade, na análise da variável renda, os dados mostraram que 74% do grupo de jovens - que a renda familiar era acima de 10 salários-mínimos, isto é, cerca de 20% da amostra - relataram que faziam compras *on-line*, e todos pertenciam a escola particular. Enquanto, os dados do grupo de jovens - que a renda familiar era abaixo de 2 salários-mínimos, ou seja, cerca de 36% da amostra - apontaram que 55% não faziam compras *on-line*, e estudavam em escola pública. Em outras palavras, apesar do grupo de jovens, com renda familiar baixa e de escola pública, gastarem mais tempo na *Internet*, isso não significou dizer que, entre os seus *habitus* virtuais, estava incluso a ação de adquirir algum produto ou serviço *on-line*; porque, nesse caso, o fator renda influenciou, diretamente, na atividade de comprar.

Já com relação a pergunta sobre participação em debates nas redes sociais, 100% do grupo de jovens que respondeu que participava, advinha da escola particular. Esse dado revelou que, somente, um grupo de jovens da escola particular possuía esse *habitus* virtual e sociabilidade, de interagir com o outro ou outros, por meio de discussões sobre os mais variados assuntos, nas mídias sociais. Além disso, esse resultado mostrou, igualmente, que o grupo de jovens da escola pública não desenvolveu esse tipo de *habitus* virtual e sociabilidade, quer dizer,

não costumava interagir com os amigos e contatos por meio de debate, nas redes sociais, ratificando assim a diferença.

Em contrapartida, na pergunta: você pesquisa na *Internet* por curiosidade ou vontade própria, a maioria absoluta, aproximadamente 100% do grupo, respondeu afirmativamente, revelando grande afinidade desse *habitus* virtual entre os jovens, independente do formato da escola. Na pergunta sobre se liam ou assistiam notícias *on-line*, aproximadamente 85% dos jovens confirmaram ter adquirido esse *habitus* virtual, demonstrando existir uma considerável conformidade entre os jovens de escola pública e particular. Igualmente, quando perguntado aos jovens se usavam mapas *on-line*, cerca de 83% informaram que sim, mostrando que havia uma significativa correspondência desse *habitus* virtual entre os jovens, nos dois tipos de escola. Já sobre o compartilhamento de texto, imagem, arquivo, música, ou vídeo na *Internet*, próximo de 88% disseram que compartilhavam, sinalizando equivalências nesse *habitus* virtual, que é também uma sociabilidade, entre os jovens de ambas as escolas.

Já sobre a pergunta: postar um texto, imagem ou vídeo que você mesmo fez na *Internet*, mais de 70% revelaram que sim, apontando que esse *habitus* virtual e essa sociabilidade, da mesma maneira, fazia parte daquele grupo de ações e práticas que guarda semelhanças, entre os jovens de escola pública e particular. Assim também, com relação a pergunta se postavam *stories* (*WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*), mais de 85% dos jovens revelaram que sim, indicando que esse *habitus* virtual e essa sociabilidade, integravam as equivalências, entre os grupos de jovens da escola pública e particular. Na pergunta sobre assistir vídeos, programas, filmes ou séries *on-line*, quase 99% dos jovens informaram que assistiam todos esses tipos de apresentações, reafirmando que esse *habitus* virtual passou a integrar o conjunto de similaridades, dos dois formatos de escola.

A mesma recorrência de respostas ocorreu nas perguntas: ouvir música *on-line*, com mais de 94% de confirmações; baixar aplicativos, com quase 99% de confirmações; baixar músicas, livros ou filmes, com mais de 91% de confirmações; saber mudar as configurações de privacidade nas redes sociais, com mais de 94% de confirmações; saber verificar se uma informação encontrada na *Internet* estava correta, com mais de 83% de confirmações.

Antes de iniciar, a discussão sobre os dados dos grupos focais⁶⁹, vale lembrar que, foram selecionados 6 alunos em cada escola⁷⁰, sendo um casal de cada série, para participar do debate, acerca de questões sobre a *Internet* e as redes sociais. Esses grupos duraram em média aproximadamente 1 hora e foram feitos um total de 3 grupos focais, sendo um na escola pública profissional, outro na escola pública regular e outro na escola privada. Finalmente, o roteiro de perguntas contemplou 12 perguntas (ver apêndice).

Analisando o resultado das discussões, de um modo geral, dos grupos focais, percebeu-se que a participação dos jovens de escola privada, tanto pelas respostas dadas quanto pelo repertório de palavras e experiências, no ambiente virtual, foi bem maior, isto é, os jovens da escola privada falaram bem mais, e quase todos do grupo responderam às perguntas, do que os jovens das escolas públicas, que além de falarem pouco (a maioria das respostas eram curtas), não participaram muito do grupo (apenas 3 jovens, em média, responderam as questões). Nesse sentido, percebeu-se que, houve uma maior participação, no grupo focal, dos jovens da escola privada, além do que, as respostas foram bem mais elaboradas, do que as respostas dos jovens de escolas públicas.

Dando prosseguimento, a primeira pergunta do roteiro questionou os jovens sobre o que mais gostavam de fazer na *Internet*, os jovens da escola privada responderam:

Interlocutor A: Mexer no *Instagram*, assistir videoaula e assistir futebol;
 Interlocutora B: Ver notícias para saber o que estava acontecendo no mundo;
 Interlocutora C: *Instagram*, *Youtube*, jogar;
 Interlocutor D: No *Instagram* ver as blogueiras, os famosos, ouvir música;
 Interlocutora E: *Twitter*, *Netflix*, *Spotify* e documentários;
 Interlocutor F: Gosto de pesquisar sobre intercâmbio.

Destacando que, a Interlocutora ‘E’ afirmou que o *Facebook* era uma rede social para “gente velha”.

Já os jovens das escolas públicas responderam:

Interlocutor A: Jogar *on-line*, assistir série;
 Interlocutora B: Assistir tutorial de maquiagem no *Youtube*;
 Interlocutora C: assistir videoaula sobre assunto social;
 Interlocutora D: Pesquisa sobre conteúdo escolar e notícias, porque agente, que tá no 3º ano, precisa;
 Interlocutor E: Estudar física, matemática, jogar e assistir vídeos de história;
 Interlocutor F: Pesquisar notícias, mas tomar cuidado com as *fakes news*.

⁶⁹ Grupos focais realizados por Lopes, Paula. **Grupo Focal Escola Pública Regular**. [nov. 2019] Fortaleza, 2019. 1 arquivo .wav (48min). **Grupo Focal Escola Pública Profissional**. [nov. 2019] Fortaleza, 2019. 1 arquivo .wav (62min). **Grupo Focal Escola Privada**. [nov. 2019] Fortaleza, 2019. 1 arquivo .wav (60min).

⁷⁰ Esses alunos se voluntariaram para participar da discussão.

Diante dessas respostas, pôde-se deduzir que as narrativas apontaram semelhanças e diferenças quanto aos *habitus* virtuais e as sociabilidades desses jovens da escola pública e privada. Com relação as semelhanças foram recorrentes as respostas dos jovens, de ambas as escolas: assistir videoaulas, assistir *Youtube*, pesquisar e ver notícias, assistir série; já as diferenças apareceram nas respostas dos jovens da escola privada, que afirmaram que assistiam documentários e pesquisavam sobre intercâmbio.

A segunda pergunta pedia para os jovens contarem como foi quando eles começaram a usar as redes sociais, os jovens da escola privada responderam:

Interlocutora A: Começou com meu pai fazendo meu e-mail, porque eu comecei a fazer trabalhos de *PowerPoint* e tinha que salvar no e-mail, aí depois eu me inscrevi no *Facebook*, aí meu pai via com quem eu conversava e via as postagens, aí depois foi o *WhatsApp*;

Interlocutora B: O meu começou quando eu tinha 5 anos, eu fiz só pra jogar, aí o *WhatsApp* pra falar com o pessoal, eu entrei no *Twitter*, em 2015, pra ver negócio de música;

Interlocutor C: O meu primeiro foi o *Facebook*, usava muito pra jogar, o *Instagram* foi automático, ganhei um novo celular e baixei, e o gosto pelo futebol foi o que me puxou, os jogadores e os famosos postam no *Instagram*, enfim...e o *WhatsApp*, também, pra comunicar;

Interlocutora D: A minha primeira rede social, não foi o *Facebook*, foi o *Orkut*, eu peguei o finalzinho do *Orkut*... Eu só usava pra acessar os amigos e entrar nos grupos de meninas, mas depois de um tempinho meu pai fez um *Facebook* pra mim, e tinha um controle dos meus pais;

Interlocutor E: Eu criei o meu e-mail pra jogar com o mundo inteiro, a minha primeira rede foi o *Instagram*, depois foi o *Facebook*, o último foi o *WhatsApp* pra se comunicar com a família;

Interlocutor F: Eu comecei pelo *Orkut*, porque ainda não tinha o *WhatsApp*, mais para conversar, mandar mensagens, jogar, depois o *Facebook* e o *WhatsApp*.

Já os jovens da escola pública disseram:

Interlocutor A: Quando eu comecei a frequentar as *LAN Houses* perto de casa;

Interlocutora B: Eu comecei no computador do meu pai, comecei a jogar;

Interlocutor C: Eu foi no tempo do *modem*, que você colocava crédito no *chip*, e a *Internet* era muito lenta, eu achava que a rede social era um diário, eu postava coisas do meu dia a dia, eu tinha 12 anos;

Interlocutora D: Eu colocava 03 pessoas pra minha capa do *Facebook*, eu fazia aqueles joguinhos que tem no *Facebook*: “Você é parecido com tal fulano”, ou “O seu signo é mais parecido com esse”, essas coisas, na época do *modem* também;

Interlocutor E: Quando eu comecei a usar a *Internet*, eu me lembro que eu nem conseguia dormir, eu passava a noite jogando;

Interlocutora F: A primeira rede social que eu tive foi o *Facebook*, eu fiz só porque todo mundo tinha, eu não tinha nem computador, nem celular, eu ia todo dia na casa de um amigo pra usar;

Interlocutor G: Quando eu comecei a usar foi o *Facebook*, e até na época tinha *LAN House*, aí eu pagava tipo R\$ 0,50 por meia hora.

Essas respostas, dos jovens da escola privada e da escola pública, sobre o início da utilização das redes sociais, revelaram que o conjunto dos *habitus* virtuais e das sociabilidades foram se constituindo, ao longo do tempo, com algumas similaridades e distinções. Por exemplo: no grupo da escola privada, uma interlocutora disse que havia começado a usar com 5 anos; enquanto no grupo da escola pública, um interlocutor falou que começou aos 12 anos, esse dado coincidiu com os dados do questionário, que demonstraram que os jovens da escola privada iniciaram o contato com a *Internet* e com as redes sociais bem mais cedo, do que os jovens da escola pública. Além disso, alguns dos jovens da escola privada disseram que a primeira rede social que usaram foi o *Orkut*, e uma das interlocutoras disse que usava o *Twitter*, desde 2015, ao passo que nenhum dos jovens da escola pública citaram as duas redes sociais. Ao mesmo tempo, alguns dos jovens da escola pública falaram que frequentavam *LAN Houses*, e ninguém da escola privada mencionou nada acerca de *LAN House*. Por outro lado, percebeu-se semelhanças nas respostas dos jovens, de ambas as escolas, quando: disseram que jogavam, e, uma parte deles, relataram ter começado a usar rede social pelo *Facebook*.

A terceira pergunta questionou os jovens sobre o que eles achavam das redes sociais, os jovens da escola privada disseram:

Interlocutor A: Na minha visão é algo mais pra distração... se não tiver nada pra fazer, aí eu vou lá vejo algum vídeo de futebol, falo com alguém, entro no *Instagram*, vejo algum jogador famoso, abrindo um parêntese para o *WhatsApp* porque a gente precisa se comunicar;

Interlocutor B: Principalmente, nas férias que tava livre, eu fui vendo o meu tempo de uso, daí dava 12h só jogando na *Internet* porque é como se fosse uma vida paralela, você pode tá em casa, ao mesmo tempo, tá olhando um *Instagram* de uma pessoa que tá na Itália fazendo mochilão, ao mesmo tempo, que você pode tá vendo um jogo, um campeonato, você tá dentro de casa, mas consegue fazer milhares de coisas, por isso que a gente fica tão fanático, por isso você foge do que você vive e vai viver outra coisa;

Interlocutora C: Eu sou muito viciada no *Instagram*, até o finalzinho do ano passado, eu passava 3 horas no *Instagram*, mas agora que eu tô no 3º ano, eu tô controlando mais, e aumentei o tempo de uso do *Spotify* pra escutar *podcast*, mas as redes sociais eu tô começando a controlar o tempo porque dá pra perceber que quando a gente entra é muito difícil a gente sair, é como se fosse uma droga, você fica naquela página horas e horas, e quando ver tu não fez nada, mas tem o lado bom, por exemplo eu sigo páginas no *Instagram* que faz resumo de história;

Interlocutor D: Eu gosto das comunidades do *Twitter*, você se adequa a rede social, e outra coisa sobre o *Instagram*, ele puxa muito a pessoa, tipo assim, chega notificações para que você entre novamente, lá é como se ela tentasse te sugar, o *Instagram* tira você do seu foco, as publicidades são muito persistentes;

Interlocutora E: Eu percebi que no *Instagram* tinha muita gente interessada na vida do outro, o pessoal para de viver a vida pra saber que casal terminou, quem traiu quem, hoje eu uso menos o *Instagram* e uso mais o *Twitter*, no *Twitter* as pessoas são mais reais.

Os jovens da escola da escola pública responderam:

Interlocutora A: Eu uso a *Internet* pra trabalhar, pra falar com o pessoal da escola, pra pegar atividade da escola, porém eu passo de 5 a 6 horas mexendo só nas redes sociais, mais o *Instagram* e o *WhatsApp*;

Interlocutora B: Eu uso pra trabalho, mas eu uso mais pra publicar besteira, eu tenho muito contato, principalmente no *WhatsApp*, e no *Instagram* muitos conhecidos que eu converso;

Interlocutor C: Eu uso mais o *Instagram*, pra ver notícias e foto, e o *WhatsApp* eu uso mais pra conversar com os amigos;

Interlocutora D: Eu parei de usar as redes sociais, quando eu comecei a fazer cursos, no *Instagram* eu não posto muito, mas eu vejo foto, vejo a vida dos outros, é bom ver a vida dos outros;

Interlocutora E: Eu acho que, hoje em dia, as redes sociais, se você não tiver cuidado, é um lugar muito tóxico, eu, por exemplo, não é todas que eu uso, eu não uso mais *Facebook*, só uso *WhatsApp* pra comunicação com os amigos, *Instagram* e *Twitter*, *Twitter* porque eu gosto de ver as coisas que tinha no *Facebook*, só é mais amplo, o *Instagram* pra falar com quem não tenho o *WhatsApp*, mas se você não tiver cuidado é um lugar muito perigoso;

Interlocutor F: Eu utilizo mais o *WhatsApp*, *Facebook* eu demoro a usar, eu acho que a rede social é uma ferramenta boa, mas pode ser um sacrifício muito mal, dependendo da pessoa, você tem que tomar cuidado com a foto que posta, porque muita gente sofre *bullying*;

Interlocutor G: É um perigo, como já falaram, tem que tomar cuidado, mas também é um auxílio muito grande, porque a gente consegue falar com os parentes que moram distante;

Interlocutora H: Eu acho assim, que é tão perceptível, como se faz necessário a cautela pra usar a rede social, porque o *Instagram*, que é um aplicativo de postar foto, de maneira generalizada, tirou a opção de ver quantas curtidas tem, por causa do *bullying*, a opressão social, acho que foi mais na intenção de as pessoas postarem mais fotos sem medo do que vai acontecer.

Essas respostas acerca das percepções dos jovens sobre as redes sociais revelaram semelhanças, entre as duas escolas, na medida em que ambos os grupos ressaltaram os problemas que as redes sociais poderiam causar na vida das pessoas, como por exemplo, o poder que as redes sociais tinham de deixar seus usuários viciados, ou a ilusão que se podia ter uma vida perfeita, ou que podia ser um lugar tóxico, ou, ainda, os perigos que podiam causar, como os casos de *bullying* e opressão social. Mas, ao mesmo tempo, os jovens, de ambas as escolas, disseram que havia pontos positivos como que as redes sociais serviam para: estudar, pesquisar, se informar, se comunicar, se distrair e se divertir.

Em resumo, a análise comparativa, dos dados do questionário, mostrou que o ponto de partida das diferenciações, com relação a construção dos *habitus* virtuais e das sociabilidades dessa geração, no ambiente virtual, foi a renda.

Assim, os resultados evidenciaram que, nas faixas salariais superiores a 10 salários-mínimos, os jovens iniciavam suas incursões, na *Internet*, antes dos 7 anos, e, quase 100% dessa amostra, provinham da escola privada; enquanto nas faixas salariais abaixo de 2 salários-mínimos, os jovens começavam a navegar, na *Net*, depois dos 7 anos, e, quase 90% dessa amostra, procediam da escola pública. Esse primeiro dado revelou, ainda, que aqueles jovens

que começaram a conhecer a *Net*, antes dos 7 anos, saíram na frente tanto na descoberta como na exploração do ciberespaço. Ao passo que, os jovens que iniciaram esse contato, com a tecnologia digital, depois dos 7 anos, além de serem considerados retardatários, entende-se que irão arcar com as consequências desse atraso, na exploração das novas tecnologias.

Ademais, a renda foi, igualmente, o fator de diferenciação, entre os jovens de escola pública e privada, responsável por gerar outras distinções nos *habitus* virtuais e sociabilidades desses jovens, confirmando que a condição econômica teve impacto direto no desenvolvimento dessas ações e práticas, na rede, como se verá a seguir.

Por conseguinte, os dados, revelaram, ainda, que quanto menor foi a renda (abaixo de 5 salários-mínimos), maior foi o tempo de uso da rede, quer dizer, os jovens que disseram que usavam a *Net*, por mais de 6 horas por dia, além de terem renda menor, estudavam, em sua maioria, na escola pública; ao contrário dos jovens com renda familiar maior (acima de 10 salários-mínimos), que responderam que usavam a *Internet*, menos de 6 horas por dia, e, com exceção de apenas um aluno, todos os demais vinham da escola particular. Concluiu-se, portanto, que os três fatores: renda, tempo de uso e formato de escola estavam diretamente relacionados, tendo em vista que, quanto menor a renda familiar dos jovens, maior o tempo de uso de *Internet*, e, desse grupo, a maioria absoluta estudava na escola pública. Em compensação, quanto maior a renda familiar dos jovens, menor o tempo de uso da *Net*, e, uma parcela considerável, desse grupo, estudava em escola privada.

A renda, também, foi responsável, conjuntamente, pelo *habitus virtual* de comprar *on-line* diversificado entre os jovens, de ambas as escolas. Os dados demonstraram que, quase 75% dos jovens - com renda familiar acima de 10 salários-mínimos – responderam que compravam *on-line* e todos estudavam na escola particular. Em oposição, aos dados das respostas dos jovens - com renda familiar abaixo de 2 salários-mínimos – que indicaram que, cerca de 55%, não faziam compras *on-line* e estudavam em escola pública. Observa-se que, independentemente, dos jovens de escola pública, com renda familiar baixa, passarem mais tempo na *Internet*, isso não representou participação nos *habitus* virtuais de compra de produtos ou serviços, e a razão, ao que tudo indica, deveu-se ao fator renda, que teve interferência no ato de comprar *on-line*.

Dando continuidade ao grupo dos *habitus* virtuais e das sociabilidades, que apresentaram divergências, entre os jovens de escola pública e privada, pôde-se incluir a participação em debates nas redes sociais, devido, exclusivamente, a participação dos jovens da escola particular. Esse dado revelou que, apenas um determinado grupo de jovens, da escola particular, possuía esse *habitus* virtual e essa sociabilidade, de interagir com o outro ou outros,

para debater, sobre os mais variados assuntos nas mídias sociais. Além disso, esse resultado mostrou, igualmente, que a maioria do grupo de jovens da escola pública não desenvolveu esse tipo de *habitus* virtual e sociabilidade, quer dizer, não costumava interagir com os amigos e contatos, para discutir temas, nas redes sociais, confirmando, assim, a diferença.

Do contrário, observou-se, da mesma maneira, que nas respostas as perguntas: sobre pesquisar na *Internet* por curiosidade ou vontade própria, sobre se liam ou assistiam notícias *on-line*, sobre se usavam mapas *on-line*, ou, ainda, sobre se compartilhavam texto, imagem, arquivo, música, ou vídeo na *Net*, a grande maioria dos jovens, mais de 80%, responderam afirmativamente, revelando grande afinidade desses *habitus* virtuais e sociabilidade (o compartilhamento de conteúdo) entre os jovens, independente do formato da escola. Ainda, sobre as recorrências de conformidades no conjunto de *habitus* virtuais e sociabilidades incorporados pelos jovens, de ambas as escolas, tivemos: postar um texto, imagem ou vídeo que você mesmo fez na *Internet*, postar *stories* (*WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*), assistir vídeos, programas, filmes ou séries *on-line*, com acima de 70% dos jovens revelando que partilhavam dessas práticas e ações.

Além disso, somou-se as correspondências, entre os dois formatos de escola, os *habitus* virtuais e sociabilidades: ouvir música *on-line*, baixar aplicativos, baixar músicas, livros ou filmes, saber mudar as configurações de privacidade nas redes sociais e saber verificar se uma informação encontrada na *Internet* estava correta, dos quais mais de 80% dos jovens responderam que compartilhavam dessas práticas e ações, na *Internet* e nas redes sociais.

Em síntese, a análise comparativa dos resultados das discussões dos grupos focais revelou, em geral, que os jovens de escola privada participaram bem mais do grupo (além de quase todos participarem em todas as perguntas, as respostas eram mais elaboradas), do que os jovens de escola pública.

As respostas indicaram, ao mesmo tempo, equivalências e diferenças quanto aos *habitus* virtuais e as sociabilidades desses jovens da escola pública e privada.

As equivalências, em ambos os formatos de escola, quase sempre, remeteram a gostar de atividades como: assistir videoaulas, assistir *Youtube*, pesquisar e ver notícias, assistir série; ou sobre o que pensavam acerca dos problemas que as redes sociais causavam, como: o vício, ou a “venda” de uma falsa ideia de que se podia ter uma vida perfeita, ou até mesmo os perigos representados pela pressão social ou *bullying*. Embora, os jovens, também, tenham reconhecido que, por meio das redes sociais podia-se: estudar, pesquisar, se informar, se comunicar, se distrair e se divertir. Por fim, em ambas as escolas, os jovens disseram que jogavam, e, uma parte deles, que tinham começado a usar rede social pelo *Facebook*.

Enquanto as diferenças foram marcadas, sobretudo, em algumas respostas dos jovens da escola privada, sobre atividades que gostavam de fazer, que diziam respeito a assistir documentários e pesquisar sobre intercâmbio. Mas, também, na idade em que começaram a usar as redes sociais, os jovens de escola privada iniciaram bem mais cedo que os de escola pública. Além de que, a primeira rede social que, alguns jovens da escola privada, usaram foi o *Orkut*, enquanto os jovens da escola pública disseram que começaram usando o *Facebook*. Da mesma maneira, alguns dos jovens da escola pública falaram que frequentavam *LAN Houses*, e ninguém da escola privada citou *LAN House*.

Portanto, deduziu-se que, a despeito de haver diferenças entre os *habitus* virtuais e sociabilidades, absorvidos pelos jovens, da escola pública e da escola privada; houve, de modo igual, equivalências nesse grupo de ações e práticas corporificadas, por essa geração, ao longo da última década.

Esses resultados, também, corroboraram com a concepção de “juventude” de Pais (1990) que percebia essa etapa da vida como um produto das relações com o meio social, político e econômico, mas que, ao mesmo tempo, que o jovem interagia com o contexto ao qual estava inserido, produzia sentidos de si próprio. Por isso, segundo esse autor, seria imprescindível estudar o cotidiano, os hábitos e costumes dos jovens, uma vez que seus estilos de vida abarcariam, não somente, valores e instituições, mas sobretudo, significações simbólicas e subjetivas.

4.2 Similaridades e Diferenças: Testando Hipóteses no Sistema R

Neste tópico, conforme dito na introdução do capítulo, serão apresentadas as 5 hipóteses, de cunho comparativo sobre os *habitus* virtuais e as sociabilidades dos jovens, da escola pública e privada, bem como o teste das hipóteses no *Sistema R*. Esse teste permitiu averiguar possíveis equivalências e distinções acerca dos *habitus* virtuais e das sociabilidades, que os jovens da Geração I constituíram dentro do ambiente virtual, em especial, na última década.

Vale ressaltar que, o teste de hipóteses, por meio do sistema R, foi realizado pela GAUSS – Empresa Júnior de Estatística – UFC, assim como o cálculo amostral das escolas.

Todas as análises estatísticas foram realizadas por meio da versão do *software R* Core Team (2020). Para todos os testes de hipóteses foram estabelecidos um nível de significância de 5%. Para estudar a relação entre as variáveis qualitativas foram utilizados: Tabela de Contingência, Teste de Hipóteses, Teste de Independência, Teste Qui Quadrado,

Teste Exato de Fisher, Teste de Proporção, Correção de Bonferroni e Teste Post Hoc (Anexo B).

A seguir serão apresentados os resultados dos testes realizados acima:

Teste de Independência:

Como foi dito, anteriormente, um teste Qui Quadrado para Independência deve ser usado para testar a independência entre duas variáveis. Ao usar esse teste, pode-se determinar se a ocorrência de uma variável afeta a probabilidade de ocorrência da outra variável.

Usando um nível de significância de 5%, as hipóteses testadas foram:

Hipótese 1:

H_0 : O uso da *Internet* para trabalhos escolares é independente do tipo de escola.

H_1 : O uso da *Internet* para trabalhos escolares depende do tipo de escola.

Hipótese 2:

H_0 : A leitura de livros ou revistas *online* é independente do tipo de escola.

H_1 : A leitura de livros ou revistas *online* depende do tipo de escola.

Hipótese 3:

H_0 : O ato de realizar chamadas de voz ou vídeo é independente do tipo de escola.

H_1 : O ato de realizar chamadas de voz ou vídeo depende do tipo de escola.

Hipótese 4:

H_0 : O ato de realizar cursos *online* é independente do tipo de escola.

H_1 : O ato de realizar cursos *online* depende do tipo de escola.

Hipótese 5:

H_0 : O ato de postar na *Internet* fotos ou vídeos é independente do tipo de escola.

H_1 : O ato de postar na *Internet* fotos ou vídeos depende do tipo de escola.

Teste de Hipóteses:

Tabela 4 - Pesquisam na *Internet* para fazer trabalhos escolares vs o tipo de escola

Pesquisam na <i>Internet</i> para fazer trabalhos escolares	Tipo de escola		
	Privada	Profissional	Regular
Sim	210	149	154
Não	0	1	1

Fonte: GAUSS (2020).

O teste foi feito para saber se havia independência entre as variáveis tipo de escola e

se os jovens pesquisavam na *Internet* para fazer trabalhos escolares.

Como existem frequências menores de 5, foi utilizado o Teste Exato de Fisher para testar a independência.

Tabela 5 – Hipótese 1

	Valor p	Conclusão
Teste Exato de Fisher	0,5161	Não Rejeita H_0

Fonte: GAUSS (2020).

Ao realizar o teste com nível de significância bilateral de 5%, obteve-se um valor p associado de aproximadamente 0,52. Ou seja, o teste mostrou que não existia associação entre o uso de *Internet* para trabalhos escolares e o tipo de escola. Assim, como a quantidade de respostas negativas, da tabela 4, foi de 0 para a escola privada e 1 para as escolas profissional e regular, ou melhor dizendo, todos os alunos da escola privada responderam que faziam pesquisas na *Internet* para os trabalhos escolares, e 99,3% dos alunos das escolas públicas (profissional e regular) também afirmaram que faziam pesquisas, pôde-se inferir que - nessa amostra - independente do tipo de escola, a maioria dos jovens recorria as pesquisas na *Internet* para fazer as tarefas escolares.

Tabela 6 – Lê livros ou revistas *on-line* vs tipo de escola

Lê livros ou revistas <i>on-line</i>	Tipos de Escola		
	Privada	Profissional	Regular
Sim	118	86	68
Não	92	64	87

Fonte: GAUSS (2020).

O teste foi feito para saber se havia independência entre as variáveis tipo de escola e se os jovens liam livros ou revistas *on-line*.

Tabela 7 – Hipótese 2

	Estatística	GL	Valor p	Conclusão
Teste Qui Quadrado	7,1645	2	0,0278	Rejeita H_0

Fonte: GAUSS (2020).

Realizado o teste com nível de significância de 5%, obteve-se um valor p associado de aproximadamente 0,03. Isto é, o teste indicou que havia evidência suficiente, para concluir que existia uma associação entre o tipo de escola e a leitura de livros ou revistas *on-line* pelos jovens. Se observou que, de acordo com a tabela 6, um pouco mais da metade dos jovens da escola

privada e da profissional responderam que liam livros ou revistas *on-line*, enquanto que um pouco menos da metade dos jovens da escola regular afirmaram ler livros ou revistas *on-line*. Nesse sentido, deduziu-se que – para esse teste e essa amostra – os jovens das escolas privada e profissional liam, apenas, um pouco mais de livros ou revistas *on-line* do que os jovens da escola regular. Em resumo, a diferença entre os tipos de escola foi considerada mínima.

Tabela 8 – Conversa por chamada de voz ou vídeo vs tipo de escola

Conversa por chamada de voz ou vídeo	Tipo de Escola		
	Privada	Profissional	Regular
Sim	199	135	147
Não	11	14	8

Fonte: GAUSS (2020).

Como faltou 1 para chamada de vídeo, foi necessário testar se havia independência entre as variáveis tipo de escola e se os jovens conversam por chamada de voz ou vídeo.

Tabela 9 – Hipótese 2

	Estatística	GL	Valor p	Conclusão
Teste Qui Quadrado	3,09	2	0,2129	Não Rejeita H_0

Fonte: GAUSS (2020).

Ao realizar o teste com nível de significância de 5%, obteve-se um valor p associado de 0,2129. Ou seja, pôde-se concluir que a hipótese conversar por chamada de voz ou vídeo não era influenciada pelo tipo de escola. Dado que, na tabela 8, mais de 90% dos jovens, independente do tipo de escola, responderam que costumavam conversar por chamada de voz ou vídeo.

Tabela 10 – Faz cursos *on-line* vs tipo de escola

Faz cursos <i>on-line</i>	Tipo de Escola		
	Privada	Profissional	Regular
Sim	53	56	21
Não	157	94	134

Fonte: GAUSS (2020).

Foi necessário testar se havia independência entre as variáveis tipo de escola e se os jovens faziam cursos *on-line*.

Tabela 11 – Hipótese 4

	Estatística	GL	Valor p	Conclusão
Teste Qui Quadrado	22,853	2	< 0,001	Rejeita H_0

Fonte: GAUSS (2020).

Realizado o teste com nível de significância de 5%, obteve-se um valor p associado < 0,001. Pôde-se, então, concluir que as variáveis tipo de escola e o ato de realizar cursos *on-line* não eram independentes, isto é, existia uma associação entre elas. Assim, conforme a tabela 10, mais de 86% dos jovens da escola regular responderam que não faziam cursos *on-line*, e aproximadamente 74% dos jovens da escola privada confirmaram que também não faziam cursos *on-line*, enquanto que cerca de 62%, o menor percentual, dos jovens da escola profissional afirmaram não fazer esse tipo de curso. Portanto, os resultados, para esse teste e amostra, indicaram que havia diferença entre as escolas, visto que os jovens da escola regular demonstraram menor interesse nos cursos *on-line* que os jovens das escolas privadas, e estes, por sua vez, mostraram menor interesse por esse tipo de curso que os jovens da escola profissional.

Tabela 12 – Posta na *Internet* foto ou vídeo em que aparece vs tipo de escola

Posta na <i>Internet</i> foto ou vídeo em que aparece	Tipo de Escola		
	Privada	Profissional	Regular
Sim	174	117	138
Não	36	33	17

Fonte: GAUSS (2020).

O teste feito foi para saber havia independência entre as variáveis tipo de escola e se os jovens postavam na *Internet* foto ou vídeo em que apareciam.

Tabela 13 – Hipótese 5

	Estatística	GL	Valor p	Conclusão
Teste Qui Quadrado	6,72	2	0,0347	Rejeita H_0

Fonte: GAUSS (2020).

Ao realizar o teste com nível de significância de 5%, obteve-se um valor p associado de 0,0347. Ou seja, as variáveis tipo de escola e o ato dos jovens de postar na *Internet* foto ou vídeo em que apareciam estavam associadas. Desse modo, quase 90% dos jovens da escola regular relataram que postavam fotos ou vídeos na *Internet*, e mais de 82% dos jovens da escola privada responderam que também postavam vídeos e fotos na *Internet*, já na escola profissional cerca de 78% dos jovens disseram postar fotos e vídeos, na *Net*, em que apareciam. Assim,

inferiu-se que havia uma diferença, mesmo que mínima - considerando esse teste e amostra - entre as escolas, posto que os jovens da escola regular postavam mais fotos e vídeos na *Net* que os jovens da escola privada, e estes, por sua vez, postavam mais fotos e vídeos em que apareciam que os jovens da escola profissional.

Teste para a Proporção:

Esse teste teve por objetivo, verificar se havia uma diferença significativa nas proporções de estudantes da escola privada, profissional e regular.

Adotou-se um nível de significância de 5%, no entanto, foi considerado o nível de significância com a correção de Bonferroni, afim de reduzir o erro do tipo I, por conta das múltiplas comparações, o novo nível de significância foi igual a $\alpha/(n^\circ \text{ de comparações})$, que era igual a $0,05/6 = 0,0083$. Então, foi considerado, para esse teste, o nível de significância de 0,83%. As hipóteses do teste foram construídas da seguinte forma:

$$H_0 : p_1 - p_2 = 0, \text{ (ou seja, a proporção } p_1 \text{ é igual a proporção } p_2).$$

$$H_1 : p_1 - p_2 > 0, \text{ (ou seja, a proporção } p_1 \text{ é maior que a proporção } p_2).$$

Em que $p_1 - p_2$ é a diferença entre as proporções, que serão mostradas abaixo. Considerando os resultados dos testes de independência, aplicou-se o teste para a proporção nas variáveis que rejeitaram a hipótese nula H_0 , ou seja, testou-se a proporção, par a par das variáveis que estavam associadas com o tipo de escola.

Na seção anterior, testou-se a independência das variáveis, liam livros ou revistas *on-line*, faziam cursos *on-line* e postavam na *Internet* foto ou vídeo em que apareciam, por meio do testes de hipóteses, e verificou-se que tais variáveis dependiam do tipo de escola. Visto que havia uma relação entre as proporções das variáveis, então foram submetidas a um teste para a proporção par a par, e investigou-se qual escola possuía maior frequência em determinadas atividades.

Tabela 14 – Proporção de estudantes que leem livros ou revistas *on-line* por tipo de escola

	p1	p2	Valor p	Conclusão
Profissional (p1) - Privada (p2)	0,5733	0,5619	0,4571	Não Rejeita H_0
Privada (p1) - Regular (p2)	0,5619	0,4387	0,0132	Não Rejeita H_0
Profissional (p1) - Regular (p2)	0,5733	0,4387	0,0126	Não Rejeita H_0

Fonte: GAUSS (2020).

Entretanto, apesar de nos teste de independência e hipóteses, feitos anteriormente, ter sido encontrada uma associação entre as variáveis tipos de escola e a leitura de livros ou revistas *on-lines* pelos jovens. Após a aplicação do teste de proporção, como se observou-se na Tabela 14, os estudantes da escola profissional não liam mais livros ou revistas, que os estudantes das escolas privada e regular (Não rejeita H_0). Além disso, os estudantes da escola privada não liam mais livros, que os estudantes da escola regular (Não rejeita H_0), ao nível de significância de 5%, corrigido pelo método de Bolferroni.

Tabela 15 – Proporção de estudantes que fazem cursos *on-line* por tipo de escola

	p₁	p₂	Valor p	Conclusão
Profissional (p₁) - Privada (p₂)	0,3733	0,2524	0,0095	Não Rejeita H_0
Privada (p₁) - Regular (p₂)	0,2524	0,1355	0,0045	Rejeita H_0
Profissional (p₁) - Regular (p₂)	0,3733	0,1355	<0,001	Rejeita H_0

Fonte: GAUSS (2020).

Observou-se na Tabela 15, a comparação dois a dois das proporções de alunos das escolas privada, profissional e regular que faziam cursos *on-line*. Ao nível de significância de 5%, corrigido pelo método de Bolferroni, observou-se que os alunos da escola privada faziam mais cursos *online* que os estudantes da escola regular (Rejeita H_0), e constatou-se, também, que os alunos de escola profissional não faziam mais cursos *online*, que os alunos da escola privada (Não rejeita H_0). Além do que, os estudantes da escola profissional realizavam mais cursos *online*, que os estudantes da escola regular (Rejeita H_0).

Tabela 16 – Proporção de estudantes que postam na *Internet* foto ou vídeo em que aparecem por tipo de escola

	p₁	p₂	Valor p	Conclusão
Privada (p₁) - Profissional (p₂)	0,8286	0,7800	0,1542	Não Rejeita H_0
Regular(p₁) - Privada (p₂)	0,8903	0,8286	0,0662	Não Rejeita H_0
Regular (p₁) - Profissional (p₂)	0,8903	0,7800	0,0072	Rejeita H_0

Fonte: GAUSS (2020).

A Tabela 16 apresentou as proporções de estudantes que postavam foto ou vídeo em que apareciam, em relação ao tipo de escola. Ao nível de significância de 5%, corrigido pelo método de Bolferroni, os alunos de escola privada não postavam mais fotos ou vídeos na *Internet*, que os estudantes de escola profissional (Não rejeita H_0). E os estudantes de escola regular, também, não postavam mais fotos ou vídeos na *Net*, que os estudantes de escola privada (Não rejeita H_0). Constatou-se, porém, que os estudantes da escola regular postavam mais fotos ou vídeos, que os estudantes da escola profissional (Rejeita H_0).

Teste de Post Hoc:

O Teste de Post Hoc é um teste de comparações múltiplas, onde se testa se o valor observado em cada escola é diferente do valor esperado. Considerando os resultados dos testes de independência, aplicou-se o teste de Post Hoc nas variáveis que rejeitaram a hipótese nula H_0 .

Ao realizar o teste de independência entre as variáveis tipo de escola e se liam livros ou revistas *on-line*, como um nível de significância de 5%, concluiu-se que existia uma associação entre o tipo de escola e a leitura de livros ou revistas *on-line*. Assim, buscou-se saber qual escola os alunos liam mais ou menos livros ou revistas *on-line* que o esperado.

Tabela 17 – Lê livros ou revistas *online* vs tipo de escola

Lê livros ou revistas <i>online</i>		Tipo de Escola		
		Privada	Profissional	Regular
Sim	Valor Observado	118	86	68
	Valor Esperado	110,9126	79,2233	81,8641
	Resíduos	1,2731	1,3166	-2,6681
Não	Valor Observado	92	64	87
	Valor Esperado	99,0874	70,7767	73,1359
	Resíduos	-1,2731	-1,3166	2,6681

Fonte: GAUSS (2020).

Observando a Tabela 17, nota-se que o valor esperado de jovens leitores de livros ou revistas *on-line* da escola regular é maior que o valor observado. Entretanto, na escola privada e profissional os valores observados de jovens leitores de livros ou revistas *on-line* são maiores que os valores esperados. Na escola regular, os resíduos mostraram ainda, com 95% de confiança, o quão distante está o Valor Observado do Valor Esperado. Por isso, que a escola regular apresentou um valor significativo menor, ou seja, na escola regular os jovens tinham lido menos livros ou revistas *on-line* do que o que se esperava que tivessem lido, enquanto que nas escolas privada e profissional os jovens tinham lido mais do que o valor esperado.

Ao realizar o teste de independência entre as variáveis tipo de escola e se faziam cursos *on-line*, com um nível de significância de 5%, concluiu-se que as variáveis tipo de escola e o ato de realizar cursos *on-line* não são independentes, isto é, existia uma associação entre elas.

Tabela 18 – Faz cursos *on-line* vs tipo de escola

Faz cursos <i>on-line</i>		Tipo de Escola		
		Privada	Profissional	Regular
Sim	Valor Observado	53	56	21
	Valor Esperado	53,0097	37,8641	39,1262
	Resíduos	-0,0020	4,0491	-4,0087
Não	Valor Observado	157	94	134
	Valor Esperado	156,9903	112,1359	115,8738
	Resíduos	0,0020	-4,0491	4,0087

Fonte: GAUSS (2020).

Observando a Tabela 18, nota-se que o valor esperado de jovens que faziam cursos *on-line* da escola regular é maior que o valor observado, ao contrário da escola profissional, onde o valor esperado de jovens que faziam cursos *on-line* é menor que o valor observado. Por outro lado, a escola privada permaneceu dentro da frequência esperada. Em resumo, esse resultado mostrou que os jovens da escola regular faziam menos cursos *on-line* que o esperado, enquanto que os jovens da escola profissional faziam mais cursos *on-line* que o esperado, e os jovens da escola privada faziam a quantidade de cursos *on-line* que se esperava que fizessem. Assim, os valores significativos apresentados demonstraram que a maior distância dos resíduos esteve nas escolas regular e profissional, considerando 95% de confiança.

Ao realizar o teste de independência entre as variáveis tipo de escola e se os jovens postavam na internet foto ou vídeo em que apareciam, com um nível de significância de 5%, observou-se que as variáveis tipo de escola e o ato de postar na internet foto ou vídeo em que os jovens apareciam estavam associadas.

Tabela 19 – Posta na *internet* foto ou vídeo em que aparece vs tipo de escola

Posta na <i>internet</i> foto ou vídeo em que aparece		Tipo de Escola		
		Privada	Profissional	Regular
Sim	Valor Observado	174	117	138
	Valor Esperado	174,9320	124,9515	129,1165
	Resíduos	-0,2241	-2,0677	2,2882
Não	Valor Observado	36	33	17
	Valor Esperado	35,0680	25,0485	25,8835
	Resíduos	0,2241	2,0677	-2,2882

Fonte: GAUSS (2020).

Na Tabela 19 nota-se que o valor esperado de jovens da escola regular que postavam na *Internet* foto ou vídeo em que apareciam é menor que o valor observado, ao contrário da escola profissional, onde o valor esperado de jovens que postavam na *Internet* foto ou vídeo

em que apareciam é maior que o valor observado. De outro lado, a escola privada permaneceu dentro da frequência esperada. Resumidamente, esse resultado indicou que, conforme valores significativos, pôde-se afirmar, com 95% de confiança, que a maior distância dos resíduos esteve nas escolas regular e profissional, ou seja, os jovens da escola regular postavam mais foto ou vídeo na *Net* que o esperado, enquanto que os jovens da escola profissional postavam menos foto ou vídeo na *Net* que o esperado.

Para identificar variáveis que não são influenciadas pelo tipo de escola realizou-se o Teste de Independência Qui - Quadrado, no entanto ao cruzar as variáveis *uso de internet para trabalhos escolares* versus *tipo de escola* obteve-se uma frequência esperada menor que 5, e isto impossibilitou o uso do Teste Qui-Quadrado, então realizou-se o Teste Exato de Fisher. Ao testar a independência, conclui-se que não existia associação entre o *uso de internet para trabalhos escolares* e o *tipo de escola*, e o *ato de conversar por chamada de voz ou vídeo* e o *tipo de escola*. Concluiu-se, também, que não foi possível afirmar independência entre as variáveis *lê livros ou revistas on-line, faz cursos on-line, posta na internet foto ou vídeo em que aparece* em relação ao *tipo de escola*.

Assim, considerando os resultados dos testes de independência, aplicou-se o teste para a proporção nas variáveis que estavam associadas. Por conseguinte, utilizou-se um teste da proporção unilateral a direita ao nível de significância de 5% com a correção de Bolfferroni, e constatou-se que os jovens da escola profissional não liam mais livros e revistas *on-line* que os jovens da escola regular e privada. E, ainda, que os alunos de escola privada não liam mais livros e revistas *on-line* que os jovens da escola regular.

Ademais, os jovens da escola profissional não realizavam mais cursos *on-line* que os jovens da escola privada, e os jovens da escola regular realizavam menos cursos *on-line* que os jovens da escola privada e os jovens da escola profissional.

Além disso, os jovens da escola privada não postavam mais fotos ou vídeos na *Internet* que os jovens da escola profissional. E os jovens da escola profissional não postavam mais fotos ou vídeos na *Internet* que os jovens da escola privada. Todavia, os jovens da escola regular postavam mais fotos ou vídeos na *Internet* que os jovens da escola profissional.

Quanto ao Teste de Post Hoc, observou-se que, com 95% de confiança, os jovens da escola regular liam mais livros ou revistas *on-line* que o esperado. Assim, considerando valores significativos, os jovens da escola regular faziam menos cursos *on-line* que o esperado, e os da escola profissional faziam mais cursos *on-line* que o esperado. Por fim, os jovens da escola regular postavam na *Internet* mais foto ou vídeo em que apareciam do que o esperado, e os da escola profissional postavam menos foto ou vídeo que o esperado.

Portanto, a análise comparativa, por meio do sistema *R*, dos *habitus* virtuais e sociabilidades dos jovens das escolas públicas e privadas, demonstrou que as hipóteses: usar a *Internet* para fazer trabalhos escolares e realizar chamada de voz ou vídeo, possuíam equivalências, já que independeram do tipo de escola. Enquanto, a análise das hipóteses: leitura de livros e revistas *on-line*, realizar cursos *on-line*, e postar na *Internet* fotos ou vídeos em que apareciam, revelou que havia contrastes, entre os tipos de escolas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões dos capítulos anteriores trataram das recentes transformações, decorrentes da tecnologia digital, que provocaram, na sociedade como um todo, grandes mudanças em relação as atividades do cotidiano. A Geração I - *Internet*, isto é, aqueles nascidos nas duas últimas décadas, experienciaram essas transformações desde crianças, e, precisamente, por isso receberam essa nomenclatura, que quer dizer os indivíduos que cresceram junto com a explosão da *Internet* móvel, e estavam, diretamente, relacionados a um contexto político, econômico, social, cultural e tecnológico, que foi cenário para essa difusão da *Internet*, das redes sociais e dos *smartphones*.

Ademais, esse contexto, iniciado por volta do ano 2000, em nosso país, fez com que essa geração se torna-se, de certo modo, diferente das gerações anteriores, sobretudo, pelo fato de que foram esses jovens da Geração I, que impulsionaram a massificação da cultura do uso dos “celulares”. Consequentemente, esses jovens foram, igualmente, responsáveis pela criação de um conjunto de *habitus* virtuais e sociabilidades, que foram sendo incorporados, principalmente, ao longo da última década, nos modos de pensar, agir e reagir, e nas formas de se relacionarem entre si e com os outros, dentro do ciberespaço. Sem esquecer, obviamente, que essas transformações gestadas pela tecnologia digital móvel impactaram, ainda que em diferentes gradações, todas as gerações anteriores, na medida em que essas experiências foram compartilhadas e divulgadas por todos, que vivenciaram a popularização da *Internet*.

Para além disso, essas discussões, da mesma forma, serviram de base, sobretudo, para responder os objetivos específicos da pesquisa: compreender as formas de usos que a Geração I fez da *Internet* e das redes sociais, analisar que tipo de sociabilidade surgiu a partir dessas formas de usos das redes sociais, ou como essas sociabilidades se materializaram no cotidiano desses jovens, ou, mais, examinar como essas interações construídas, no ambiente virtual, foram se transformando em *habitus* virtuais incorporados na rotina, dessa geração, e, por último, inferir possíveis correspondências ou contrastes desses *habitus* virtuais e sociabilidades, a partir de uma análise comparativa entre os jovens de escola pública e privada.

Dito isso, os dados gerais da pesquisa demonstraram que os *habitus* virtuais e as sociabilidades foram sendo incorporados, pelos jovens, desde as primeiras incursões no ciberespaço.

Nesse sentido, as observações *in loco*, realizadas nas escolas, revelaram que o celular pode ser considerado o grande marcador dessa geração, na qual a cultura da *Internet* e das redes sociais foi amplamente disseminada. Assim, esses “telefones inteligentes” estavam

sempre presentes nas mãos, no bolso, da frente e de trás, da calça da farda, como se fosse uma extensão do corpo.

Além disso, as observações *in loco* revelaram, também, que os jovens tinham o hábito de ficar, em dupla ou em grupo, conversando e mexendo no celular, ou usando os fones de ouvido, tudo ao mesmo tempo, ou até quando não estavam usando o celular, não desgrudavam do aparelho, que permanecia nas mãos ou nos bolsos. Era comum ver os jovens caminhando e olhando o celular, simultaneamente, ou passarem em grupos - de um lado para o outro - com o aparelho nas mãos, digitando, gravando ou escutando áudios.

Portanto, desde as primeiras visitas as escolas, observou-se, claramente, que o contato dos jovens com seus “*smartphones*” era constante, a despeito de, dentro da sala de aula, não se permitir o uso celular. Todavia, durante o recreio, o acesso era liberado, e se podia ver que os jovens usavam espontaneamente para: ouvir música, mandar e receber áudio, assistir vídeos, interagir nas redes sociais, dentre outros. E mesmo que, a rede de acesso à *Internet* das escolas não fosse disponibilizada para os alunos, a grande maioria, desses jovens, possuía pacote de dados móveis.

Consequentemente, depois de meses de observações *in loco*, pôde-se inferir que havia a recorrência de determinadas práticas como: as conversas entre os jovens e o uso, concomitante, dos *smartphones*, os olhares focados na tela do celular, a digitação acelerada das mensagens, os áudios gravados e recebidos de forma frenética, a máxima atenção em algum vídeo, ou, ainda, os fones de ouvido compartilhados, com os colegas, para ouvir ou ver algo. Por fim, o interesse desses jovens, por seus “*telefones inteligentes*”, era evidente e incessante; já que, com estes aparelhos, podia-se desbravar a *Internet* e, especialmente, as redes sociais, com suas ilimitadas possibilidades de comunicação, interação, entretenimento, informação e formação.

Essas práticas e usos fazem parte de um conjunto de habilidades apreendidas e compartilhadas dentro do ciberespaço, quase que automaticamente, por uma boa parte da população mundial - nas duas últimas décadas - mas, em especial, incorporadas, mais facilmente, pelos jovens da Geração I - *Internet*, que nasceram em meio a massificação dos celulares e da *Internet* móvel, e, justamente, por isso foram absorvendo essa cultura de uso dos celulares, no dia a dia. Assim, ao mesmo tempo, em que esses jovens cresciam, iam, gradualmente, usufruindo das possibilidades que a conectividade propiciou, por meio da *Internet* e das redes sociais, até o ponto de essas práticas e usos se tornarem uma espécie de *habitus* virtual, quer dizer, se transformarem em modelos de pensamentos, ações e reações,

dentro do ambiente virtual, registrados corporalmente por experiências vividas, assim como no conceito de *Habitus* de Bourdieu (2001).

Considerando, agora, os resultados apontados pelo questionário pôde-se deduzir que o celular foi o intermediador absoluto dos usos que a Geração I fez e faz na *Internet* e nas redes sociais, dado que 99% dos jovens, quase 100%, responderam que acessavam a *Internet* pelo celular, e, mais 95% dos jovens, também, responderam que era pelo celular que mais acessavam a *Net*. Nesse sentido, a pesquisa demonstrou que, o celular foi o principal meio de acesso, dos jovens, ao ambiente virtual. Além do mais, acima de 94% dos jovens revelaram que usavam a rede mais de uma vez por dia, e quase 65% responderam que costumavam usar por mais de 4h por dia, evidenciando tanto o uso cotidiano quanto contínuo da *WWW*.

Levando em conta, precisamente, os usos observou-se que, as redes sociais e o canal de vídeo *Youtube* apresentaram uma prevalência em relação as outras plataformas ou *softwares*, visto que mais de 90% dos jovens revelaram que usavam *WhatsApp*, *Instagram* e *Youtube*. Da mesma forma, ratificando a prevalência anterior, quando perguntado aos jovens sobre qual a rede social preferida, as duas com maiores percentuais, nessa ordem, foram *WhatsApp* e *Instagram*, seguido do canal de vídeo *Youtube*, em terceiro lugar.

Ademais, mais de 90% disseram que o aplicativo de mensagens que mais usavam era o *WhatsApp*. E, quase 90% dos jovens, também, revelaram que se atualizavam, por meio das redes sociais, e, outros 50% por meio de sites de jornais. Os assuntos mais acompanhados pelos jovens (mais de 50%) diziam respeito a: celebridades e entretenimento, situação política do país, novidades tecnológicas, crime, violência e direitos humanos e meio ambiente e sustentabilidade.

De um modo geral, a pesquisa evidenciou que os jovens costumavam: pesquisar na *Internet* para fazer trabalhos escolares, por curiosidade ou vontade própria (mais de 98%); ler, assistir notícias e usar geolocalização - mapas *on-line* (mais de 83%); ler livros ou revistas *on-line* (mais de 52%); conversar por chamada de voz e vídeo (mais de 81%); postar foto ou vídeo em que apareciam (mais de 83%); compartilhar texto, imagem, arquivo, música ou vídeo (mais de 87%); publicar texto, imagem ou vídeo de própria autoria (mais de 72%); postar *stories* (*WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*) (mais de 85%); assistir a vídeos, programas, filmes ou séries, e ouvir músicas *on-line* (mais de 94%); jogar *on-line*, conectado ou não a outros jogadores (mais de 64%); baixar aplicativos, músicas, livros ou filmes (mais de 91%); fazer compras *on-line* (mais de 55%); saber mudar as configurações de privacidade de seus perfis nas redes sociais (mais de 94%); saber verificar se uma informação encontrada na *Internet* estava correta (mais

de 83%); e, por último, saber escolher que palavras usar para encontrar algo na *Internet* (mais de 96%).

Portanto, essas formas de uso das plataformas digitais (*Internet* e redes sociais) foram, nas duas últimas décadas, instituindo, na vida cotidiana desses jovens, tanto os *habitus* virtuais, isto é, maneiras de pensar, que foram constituindo maneiras de agir e reagir, dentro do ambiente virtual; quanto as sociabilidades, ou seja, interações ou relações gestadas no convívio com os outros perfis e contatos. Contudo, as sociabilidades, ou seja, as interações ou relações entre os perfis, ocorreram, particularmente, nas redes sociais, por exemplo, as chamadas de vídeo ou de voz, aconteceram, sobretudo, nas plataformas de comunicação social - *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*. Nessas plataformas, os jovens conversam e trocam conteúdos: texto, imagem, música ou vídeo; ou seja, são aplicativos que conectam pessoas que possuem interesses em comum; aliás, o objetivo, principal, desse tipo de tecnologia digital é conectar pessoas; sendo, então, o meio propício para as expressões dos mais variados tipos de sociabilidades entre os perfis.

Por conseguinte, os dados da pesquisa revelaram que as sociabilidades gestadas dentro das redes sociais, e que foram integradas a rotina desses jovens, abrangeram: conversar por chamada de voz e vídeo, postar foto ou vídeo em que apareciam; compartilhar texto, imagem, arquivo, música ou vídeo; publicar texto, imagem ou vídeo de própria autoria e postar *stories* (*WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*); já que mais de 70% dos jovens disseram que interagem, se comunicavam e se relacionavam com seus amigos e contatos da rede social, por meio dessas práticas. Essas interações, ou melhor, essas maneiras de fazer contato com o outro compreendeu, principalmente, diálogos e compartilhamento de conteúdo sobre interesses comuns.

Além do mais, esse modo de se relacionar, igualmente, deu origem a um tipo de “aprovação ou validação” de tudo que se publica, seja um simples texto, seja uma música, seja um vídeo sobre um determinado assunto, seja uma foto. No exato momento em a publicação é feita, nasce a necessidade de uma resposta validando o que foi publicado, assim, nasceram, também, as curtidas, os comentários ou os compartilhamentos de conteúdo. Por fim, essas novas formas de se relacionar criadas a partir das redes sociais instituíram a finalidade de estimular, além dos diálogos e do compartilhamento dos conteúdos favoritos, o aumento considerável da rede de contatos; sendo este, o motivo pelo qual receberam a designação de redes sociais. Em suma, as redes sociais são estruturas, que a tecnologia digital desenvolveu, para oportunizar os mais variados tipos de conexão entre os interlocutores, independente das distâncias geográficas, ou melhor, para facilitar uma rápida conexão entre as pessoas, ao redor do mundo.

Conseqüentemente, inaugurou uma nova forma de se socializar com o outro ou os outros, dentro do ciberespaço.

Os resultados do questionário, que abordaram as equivalências e distinções, acerca dos *habitus* virtuais e das sociabilidades, dos jovens das escolas pública e privada, apontaram que o primeiro dado que confirmou as distinções foi renda. Isto é, quando a renda familiar do jovem ultrapassava 10 salários-mínimos, o contato com a *Internet* se iniciava nos primeiros anos da infância - entre 2 e 7 anos, e a maioria desse grupo vinha da escola privada; ao passo que, quando a renda familiar do jovem ficava abaixo de 2 salários-mínimos, esse contato com a *Net* se dava numa fase intermediária da infância - depois dos 7 anos, e uma parte considerável desse grupo era da escola pública. Portanto, pôde-se deduzir que, quanto maior foi a renda, menor foi a idade que os jovens começaram a interagir com a *Internet* e as redes sociais, e esse grupo era formado, basicamente, por jovens da escola privada. Em contrapartida, quanto menor foi a renda, maior foi a idade que os jovens iniciaram a interação com a *WWW* e as mídias sociais, e esse grupo era composto, principalmente, por jovens da escola pública.

Além de tudo, esse contraste no marco etário de iniciação, dos jovens de escola pública e privada, no contato com a tecnologia digital motivado pela renda, foi, igualmente, motivador, como serão apresentadas a seguir, de outros contrastes nos *habitus* virtuais e sociabilidades desses jovens.

Ainda com relação a renda, os dados revelaram que quanto menor a renda familiar, maior o tempo de uso, e esse grupo era formado, particularmente, por jovens da escola pública. Por outro lado, quanto maior a renda familiar, menor o tempo de uso da *Internet*, e a maioria desse grupo estudava em escola privada. Nesse sentido, o tempo de uso foi, também, considerado um fator de distinção, junto com a renda, na medida em que a duração de uso, pelos jovens de ambas as escolas, apresentou uma diferença considerável.

Ademais, a análise da variável renda, demonstrou que quanto maior foi a renda, maior foi a possibilidade de os jovens de escola privada fazerem compras *on-line*; enquanto quanto menor foi a renda, menor foi a possibilidade de os jovens de escola pública fazerem compras *on-line*. E, mesmo que um determinado grupo de jovens da escola pública passasse mais tempo na *Net*, isso não necessariamente representou uma maior possibilidade de fazer compras *on-line*. porque, nesse caso, o fator renda teve interferência diretamente na atividade de compra.

Em relação a pergunta sobre participação em debates nas redes sociais, observou-se que, somente, um determinado grupo de jovens da escola privada, costumava se socializar dessa forma com os outros perfis e contatos, dentro das redes sociais. Portanto, apenas, esse

grupo desenvolveu esse tipo de sociabilidade, se diferenciando dos jovens da escola pública, que não interagiam dessa forma nas mídias sociais.

Em contrapartida, nas perguntas sobre: pesquisar na *Internet* por curiosidade ou vontade própria, ler ou assistir notícias *on-line*, usar mapas *on-line*, compartilhar texto, imagem, arquivo, música, ou vídeo na *Internet*, mais de 80% dos jovens disseram que compartilhavam dessas práticas e formas de interagir, revelando correspondências entre os *habitus* virtuais e as sociabilidades desses jovens, independente do formato da escola. Da mesma maneira, que nas perguntas sobre: postar um texto, imagem ou vídeo que você mesmo fez na *Internet*, postar *stories* (*WhatsApp, Instagram, Facebook*), assistir vídeos, programas, filmes ou séries *on-line*, nas quais mais de 70% dos jovens, de ambas as escolas, revelaram que compartilhavam dessas ações. Novamente, observou-se recorrências de respostas nas perguntas: ouvir música *on-line*, baixar aplicativos, baixar músicas, livros ou filmes, saber mudar as configurações de privacidade nas redes sociais, saber verificar se uma informação encontrada na *Internet* estava correta, nas quais mais de 80% dos jovens responderam que compartilhavam dessas práticas. Portanto, pôde-se inferir que, esse conjunto de *habitus* virtuais e sociabilidades representou as equivalências, entre as escolas.

Em síntese, a análise comparativa dos resultados das discussões dos grupos focais revelou, em geral, que os jovens de escola privada participaram bem mais do grupo (além de quase todos participarem em todas as perguntas, as respostas eram mais elaboradas), do que os jovens de escola pública.

As respostas indicaram, ao mesmo tempo, equivalências e diferenças quanto aos *habitus* virtuais e as sociabilidades desses jovens da escola pública e privada.

As equivalências, em ambas as modalidades de escola, quase sempre, remeteram a gostar de atividades como: assistir videoaulas, assistir *Youtube*, pesquisar e ver notícias, assistir série; ou sobre o que pensavam acerca dos problemas que as redes sociais causavam, como: o vício, ou a “venda” de uma falsa ideia de que se podia ter uma vida perfeita, ou até mesmo os perigos representados pela pressão social ou *bullying*. Embora, os jovens, também, tenham reconhecido que, por meio das redes sociais podia-se: estudar, pesquisar, se informar, se comunicar, se distrair e se divertir. Por fim, em ambas as escolas, os jovens disseram que jogavam, e, uma parte deles, que tinham começado a usar rede social pelo *Facebook*.

Enquanto as diferenças foram marcadas, sobretudo, em algumas respostas dos jovens da escola privada, sobre atividades que gostavam de fazer, que diziam respeito a assistir documentários e pesquisar sobre intercâmbio. Mas, também, na idade em que começaram a usar as redes sociais, os jovens de escola privada iniciaram bem mais cedo que os de escola

pública. Além de que, a primeira rede social que, alguns jovens da escola privada, usaram foi o *Orkut*⁷¹, enquanto os jovens da escola pública disseram que começaram usando o *Facebook*. Da mesma maneira, alguns dos jovens da escola pública falaram que frequentavam *LAN House*, e ninguém da escola privada citou *LAN House*.

Por último, ainda sobre a análise dos grupos focais, foi perguntado aos jovens⁷², em que medida o termo Geração I os representava, os jovens da escola privada responderam:

Interlocutora A: Eu acredito que nós somos essa geração, porque também foi implantado na gente, realmente eles começaram a testar a tecnologia com vontade conosco, porque foi quando a gente tava crescendo...Eu acho que tanto a gente foi criado com a tecnologia, como a gente foi o alvo e o teste pra ver se realmente funcionava.

Interlocutor B: Eu acho assim que por exemplo, se me deixar o dia inteiro em casa sozinho com comida, eu vou gastar pelo menos 5 ou 6 horas só de *Youtube*, então se eu não for uma representação da Geração I, eu não sei o que eu sou.

Interlocutora C: Eu acho que eu concordo muito com ela, por que a gente foi crescendo, e sendo introduzido na nossa infância e tal, o pessoal que tá nascendo agora depois de 2010 tá sendo bem mais imposto pra eles, só que pra gente também foi, o pessoal que já era adulto teve mais dificuldade de começar e aprender, e a gente não, agente já foi meio que pegando muito rápido, e hoje é muito difícil ter alguém que não tenha pelo menos uma rede social ou que não tenha celular.

Interlocutor D: Assim, como teve criança que cresceu jogando pedra, a gente cresceu a base de tecnologia, então é tipo meio que tá na gente já.

Interlocutor E:Eu acho que a gente já nasceu englobado, e quem tá fora do sistema, ele é meio que obrigado, de uma forma ou de outra, a entrar porque há uma opressão social e há uma interação, então tipo quem não já tá englobado, é meio que forçado a entrar, ele tem que se adaptar.

Já os jovens de escola pública disseram:

Interlocutora A: Eu acho que assim, eu falo por mim, eu concordo, porque desde os meus 13 anos de idade eu não passo um minuto sem que eu pelo menos pegue no meu celular, e olhe se recebi alguma notificação, e eu acho que a gente jovem se tornou muito dependente disso aqui (e apontou para o celular), as pessoas passam muito tempo conversando pelo *WhatsApp*, pelo *Instagram*... A gente é dependente de publicar a nossa vida, de publicar o que tá fazendo.

Interlocutor B: Eu também acho que a gente passa a maior parte do nosso dia a dia no celular.

Interlocutor C: Eu acho que não só os jovens, mas a população como um todo adotou o método da *Internet* na sua vida... Então, os jovens são os que, digamos assim, mais usam a *Internet*, porém a população adotou o método da *Internet* para se comunicar.

Interlocutor D: Eu acho que não, porque a minha infância eu não tive contacto com celular, eu fui pegar no celular eu tinha uns 13 pra 14 anos, quando eu comecei a estudar realmente, aí meu pai comprou pra mim, por causa das minhas notas, mas a minha infância eu passei brincando de bola, de bila.

Interlocutor E: É tem um ponto de vista que a Geração I, eu acho, que não acontece a partir dos anos 1990, mas a partir de um tempo, já atualmente, já grande, por conta

⁷¹ *Orkut* foi uma rede social criada, por Orkut Buyukkokten, um engenheiro turco que trabalhava na *Google*, em janeiro de 2004, e que encerrou suas atividades em setembro de 2014.

⁷² Essa pergunta não consta no roteiro do grupo focal, porque surgiu após a participação de uma apresentação da pesquisa em um grupo de trabalho de Seminário.

que a maioria das pessoas aqui do colégio sabem, se a pessoa não tiver recurso financeiro, ela não tem muita probabilidade de mexer na *Internet*, logo no começo, porque por exemplo, eu só comecei a usar com 10 anos, mas nem por isso eu deixei de brincar de bila, de jogar bola, de ficar correndo no meio da rua.

Interlocutora F: Era isso que eu ia falar também, porque essa questão da pessoa ser parte da Geração I depende muito do contexto econômico e social, que ela tá inserida e também das influências, porque por exemplo, quando eu era pequena eu não gostava de brincar de boneca, eu realmente gostava de tecnologia...Eu via na televisão as pessoas com celular e eu queria muito ter.

Essas respostas, em especial, apresentaram uma síntese de como esses jovens se percebiam em relação ao termo Geração I, ou melhor, tanto em relação a um grupo de pessoas que partilha além de um determinado contexto social, econômico e político; quanto em relação a um grupo de pessoas que experienciou, em primeira mão, a *Internet*, e as redes sociais.

Por conseguinte, a análise comparativa, por meio do *Sistema R*, dos *habitus* virtuais e sociabilidades dos jovens das escolas públicas e privadas, demonstrou que as hipóteses: usar a *Internet* para fazer trabalhos escolares e realizar chamada de voz ou vídeo, possuíam equivalências, já que independeram do tipo de escola. Enquanto, a análise das hipóteses: realizar cursos *on-line*, postar na *Internet* fotos ou vídeos e leitura de livros e revistas *on-line* revelou que havia contrastes, entre os tipos de escolas.

Portanto, deduziu-se que, a despeito de haver diferenças entre os *habitus* virtuais e sociabilidades, absorvidos pelos jovens, da escola pública e da escola privada; houve, de modo igual, equivalências nesse grupo de ações e práticas corporificados, por essa geração, ao longo da última década.

Finalmente, pelos resultados da pesquisa, sobre os jovens da Geração I, nas escolas pública e privada, largamente, analisados acima, pôde-se concluir que os *habitus* virtuais, digo, os padrões de entendimento de mundo que esses jovens foram incorporando a seus comportamentos e atitudes, por meio do convívio com a *Internet* e as redes sociais, sobretudo, ao longo da última década, foram corporificados em cada ação e reação, dentro do ambiente virtual. Do mesmo modo, ocorreu com as sociabilidades que foram formadas nas redes sociais, a partir das relações construídas entre os perfis ou contatos. Por conseguinte, de maneira automática e irrefletida, os *habitus* virtuais e as sociabilidades foram se formando nos pensamentos, atitudes, ações e relações, a partir das experiências vivenciadas no cotidiano virtual dos jovens da Geração I.

REFERÊNCIAS

- AGRESTI, A. **Categorical data analysis**. 2. ed. New York: Wiley, 2002.
- AGRESTI, A. **An Introduction to Categorical Data Analysis**. 2. ed. New York: John Wiley Sons, 2007.
- ALMEIDA, Virgílio Augusto Fernandes (coord.). **TIC Kids Online Brasil 2012**: pesquisa sobre o uso da *Internet* por crianças e adolescentes. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2013.
- ALMEIDA, Virgílio Augusto Fernandes (coord.). **TIC Kids Online Brasil 2013**: pesquisa sobre o uso da *Internet* por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2014.
- ALMEIDA, Virgílio Augusto Fernandes (coord.). **TIC Kids Online Brasil 2014**: pesquisa sobre o uso da *Internet* por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2015.
- ALMEIDA, Virgílio Augusto Fernandes (coord.). **TIC Kids Online Brasil 2015**: pesquisa sobre o uso da *Internet* por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2016.
- ALMEIDA, Virgílio Augusto Fernandes (coord.). **TIC Kids Online Brasil 2016**: pesquisa sobre o uso da *Internet* por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2017.
- ALMEIDA, Virgílio Augusto Fernandes (coord.). **TIC Kids Online Brasil 2017**: pesquisa sobre o uso da *Internet* por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2018.
- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (org.). **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 27-53.
- APPS DE REDES sociais são os mais usados em smartphones. **IBOPE Inteligência**, São Paulo, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2Mz3FV7>. Acesso em: 11 maio 2019.
- BABY Boomers: características e diferenças entre as gerações. **SBCOACHING**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3dkCNEr>. Acesso em: 5 mar. 2021.
- BIBLIOTECA. **Colégio Ari de Sá Cavalcante**. Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/31zOmzF>. Acesso em: 10 out. 2019.
- BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. **Elementos de amostragem**. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2004.

BONFERRONI, Carlo. Teoria statistica delle classi e calcolo delle probabilita. **Publicazioni del R Istituto Superiore di Scienze Economiche e Commerciali di Firenze**, Firenze, v. 8, p. 3-62, 1936.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século: Edições, Sociedade Unipessoal, 2003. p. 151-162.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Tradução: Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo**: metodologia de pesquisa na sociologia. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jul. 1990.

BRASIL é 2º em *Ranking* de países que passam mais tempo em redes sociais. **Época Negócios**, Rio de Janeiro, 6 set. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/2lq2e0h>. Acesso em: 26 set. 2019.

BUSSAD, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística básica**. 4. ed. São Paulo: Atual Editora, 1987.

BUSSAD, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística básica**. 7. ed. São Paulo: Atual Editora, 1987.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COM LOCKDOWN, média de isolamento em Fortaleza vai de 50% para 54%. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 20 maio 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3qxnkpr>. Acesso em: 2 ago. 2020.

CRUZ, Ana Laura. Você sabe quais são as redes sociais mais utilizadas no Brasil em 2020? **Maiores e Melhores**, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ftGdaC>. Acesso em: 1 mar. 2021.

DURHAM, Meenakshi. **O efeito Lolita**: a sexualização das adolescentes pela mídia e o que podemos fazer diante disso. Tradução de Luis Fragoso. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana. **Geração digital**: riscos e benefícios das novas tecnologias para as crianças e os adolescentes. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2008.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude**. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 185-204, maio/ago. 2010.

GAUSS, Empresa Júnior de Estatística/Universidade Federal do Ceará. **Amostragem para aplicação de questionários em escolas do Estado do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2020.

HAGUETTE, André; PESSOA, Márcio Kléber Moraes. **Dez escolas, dois padrões de qualidade**: uma pesquisa em dez escolas públicas de Ensino Médio do Estado do Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015.

HALLOWELL, Edward M. **Sem tempo para nada**: vencendo a epidemia da falta de tempo. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2007.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Gianchini. 2. ed. ampliada. Petrópolis: Vozes, 2018.

IBGE. **PNAD Contínua**: acesso à *internet* e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. (Informativo, 2016/2017).

IBGE. Censo 2010 – Tabela Sidra 3175. **IBGE**, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2FSeYxN>. Acesso em: 13 out. 2019.

ÍNDICE DE Desenvolvimento Humano – Fortaleza (2010). **Anuário do Ceará 2019-2020**, Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2P5hLiJ>. Acesso em: 17 set. 19.

LIMA FILHO, Irapuan P. Painelhas na escola: Consumo Cultural e Sociabilidade entre Jovens no Ambiente Educacional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 18., 2017, Brasília, DF. **Anais** [...]. Brasília, DF: SBS, jul. 2017a. Disponível em: <https://bit.ly/2MODFnG>. Acesso em: 12 jan. 2021.

LIMA FILHO, Irapuan P. Jovens na escola: formação de grupos, sociabilidades e culturas juvenis no ensino médio. *In*: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA, 31., 2017, Montevideu. **Anais** [...]. Montevideu: ALAS, dez. 2017b. Disponível em: <https://bit.ly/39Gpo80>. Acesso em: 12 jan. 2021.

LISTA DE bairros e divisões de Fortaleza. *In*: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 27 maio 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2o3UOj8>. Acesso em: 17 set. 2019.

MAIS DA METADE da população mundial usa *Internet*, aponta ONU. **G1**, Rio de Janeiro, 7 dez. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2rvborL>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MARTINHÃO, Maximiliano Salvadori (coord.). **TIC Kids Online Brasil 2015**: pesquisa sobre o uso da *Internet* por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, 2016.

MARTINS, Claylson. Crescimento da *Internet* desacelera no mundo. **Sempre Update**, [s.l.], 19 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/33PEjYG>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MUNIZ, Kílvia. “Síndrome do *Smartphone*”: aumenta casos de doenças físicas pelo uso excessivo de celular. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 3 out. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2qAA6tL>. Acesso em: 10 out. 2019.

NETFLIX exhibe “Black Mirror”, série bizarra sobre o mundo atual. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 9 dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/35SyLyI>. Acesso em: 11 jun. 2019.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PAIS, J. M. A Construção Sociológica da Juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v. 25, p. 139-165, 1990.

PIBID seleciona alunos para Iniciação à Docência. **Pró-Reitoria de Graduação – UFC**, Fortaleza, 21 mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2N1ufFf>. Acesso em: 17 set. 2019.

PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. **Agência IBGE notícias**, Rio de Janeiro, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3do9wsm>. Acesso em: 1 mar. 2021.

R CORE TEAM. **The R Project for Statistical Computing**, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 28 ago. 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

REDES SOCIAIS e mídias tradicionais são as fontes de informação com mais influência na escolha do presidente em 2018. **IBOPE Inteligência**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/nyXd7b>. Acesso em: 28 ago. 2017.

ROCHA, Gessyca; IHARA, Rafael. Índices de aprendizagem revelam desigualdade; veja “Ranking” por redes, localização e perfil de alunos. **G1**, Rio de Janeiro, 31 ago. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2MDm0So>. Acesso em 13 maio 2019.

SETTON, M. G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 20, p. 60-152, mai.-ago. 2002.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a Internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TOP Messenger Apps by Country. **Hootsuite**, Vancouver, jan. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/33NcXCA>. Acesso em: 29 maio 2019.

TRÊS EM cada quatro brasileiros já utilizam a Internet, aponta pesquisa TIC Domicílios 2019. **Cetic.br**, São Paulo, 26 maio 2020. Acesso em: <https://bit.ly/3rGhrX3>. Acesso em: 25 fev. 2021.

TWENGE, Jean M. **iGen: porque as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a idade adulta**. Tradução de Thaís Costa. São Paulo: nVersos, 2018.

UNESCO. Cetic.br. Nic.br. Cgi.br. **TIC Domicílios 2018**: principais resultados. São Paulo: Cetic, 28 ago. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3rD512a>. Acesso em: 25 fev. 2021.

USUÁRIOS ativos na *Internet* somaram 59% da população mundial em abril. **E-commerce Brasil**, [s.l.], 5 maio 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3nYc8As>. Acesso em: 31 ago. 2020.

YUGE, Claudio. Quase metade do planeta está nas redes sociais: 3,5 bilhões de usuários. **Tecmundo**, [s.l.], 17 jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/32yueQ1>. Acesso em: 25 set. 2019.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES DAS ESCOLAS PARTICIPANTES DA PESQUISA



Universidade Federal do Ceará

Pós-graduação: Mestrado em Sociologia

Caros alunos,

Este questionário tem por objetivo principal estudar as formas de usos da *Internet* e redes sociais, por jovens na faixa etária entre 15 e 18 anos. Para isso, gostaria que respondessem as questões abaixo.

Desde já agradeço a colaboração de todos.

Questionário: Geração I – Internet

1. Qual o nome da sua Escola: _____

2. Em que Bairro mora: _____

3. Cidade:



Fortaleza



Outra:

4. Em que Ano do Ensino Médio você está:



1º Ano



3º Ano



2º Ano

5. Você se identifica com qual Gênero:



Feminino



Outro:



Masculino

6. Qual sua Idade:



14



15



16



17



18



Outra:

7. Como você se identifica:



Branco



Negro



Pardo



Oriental (chinês,
coreano, japonês etc.)



Indígena



Outra:



Não sabe/Não
respondeu

8. Sua mãe usa *Internet*:



Sim



Não

9. Grau de instrução da Mãe:



Não alfabetizado(a)



Apenas alfabetizado(a)



Ensino fundamental

incompleto



Ensino fundamental

completo



Ensino médio incompleto



Ensino médio completo



Ensino superior

incompleto



Ensino superior completo



Pós-Graduação

10. Qual a profissão da sua mãe: _____

11. Seu Pai usa *Internet*:












Sim












Não

12. Grau de instrução do Pai:

	Não alfabetizado(a)		Ensino médio incompleto
	Apenas alfabetizado(a)		Ensino médio completo
	Ensino fundamental incompleto		Ensino superior incompleto
	Ensino fundamental completo		Ensino superior completo
			Pós-Graduação

13. Qual a profissão do seu pai: _____

14. Qual é a renda mensal da sua família: (Soma da renda de todos os que trabalham na família)

-  Até 1 salário-mínimo (até R\$ 998,00)
-  De 1 a 2 salários-mínimos (de R\$ 998,01 até R\$ 1.996,00)
-  De mais de 2 até 5 salários-mínimos (de R\$ 1.996,01 até R\$ 4.990,00)
-  De mais de 5 até 10 salários-mínimos (de R\$ 4.990,01 até R\$ 9.980,00)
-  De mais de 10 até 15 salários-mínimos (R\$ 9.980,01 a R\$ 14.970,00)
-  De mais de 15 até 20 salários-mínimos (R\$ 14.970,01 a R\$ 19.960,00)
-  Mais de 20 salários-mínimos (mais de R\$ 19.960,00)
-  Sem renda
-  Não sabe ou não respondeu

15. Quantas pessoas vivem na sua casa?

- | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  2 |  6 |
|  3 |  7 |
|  4 |  8 |
|  5 |  Acima de 8 |

16. A casa que você mora é:

- | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  Própria |  Outros: _____ |
|  Alugada | |

17. Você vive:



Com os pais



Com os avós



Apenas com minha mãe



Com os tios



Apenas com meu pai



Outros: _____

18. Na sua casa tem:

Quantidade

	Não tem	1	2	3	4 ou +
Televisor					
DVD					
Aparelhos de Som (Exceto de carro)					
Telefone Fixo					
Telefone Celular					
Aparelho de jogo ou vídeo game					
TV por assinatura					
Antena Parabólica					
Computador de Mesa					
Computador Portátil ou <i>Notebook</i>					
<i>Tablet</i>					
Carro					

19. Com que idade você começou a usar a *Internet*?

20. Como você acessa a *Internet*: (Pode marcar + 1 item)

Computador/notebook



Celular



Televisão (Smart Tv)

*Tablet*

Videogame



Outro: _____

21. Qual desses meios você mais utiliza para acessar a *Internet*: (Marcar somente 1)



Computador/notebook



Celular



Televisão (Smart Tv)



Tablet



Videogame



Outro: _____

22. Qual a sua frequência de uso da *Internet*:



Mais de uma vez por dia



Pelo menos uma vez por mês



Pelo menos uma vez por dia



Menos de uma vez por mês



Pelo menos uma vez por semana



Não sabe ou não respondeu

23. Quantas horas em média por dia você acessa a *Internet*:



Até 2h



De 6h a 8h



De 2h a 4h



Acima de 8h



De 4h a 6h



Não sabe ou não respondeu

24. Caso use rede social: Indique quais? (Pode marcar + 1 item)



Facebook



Twitter



Instagram



Tinder



Youtube



Outra:



WhatsApp

25. Qual dessas redes sociais você mais gosta de usar? (Marcar somente 1)



Facebook



Twitter



Instagram



Tinder



Youtube



Outra:



WhatsApp

26. Quanto tempo você dedica as redes sociais:



Até 2h/dia



De 6h a 8h/dia



De 2h a 4h/dia



Acima de 8h/dia



De 4h a 6h/dia



Não sabe ou não respondeu

27. Qual aplicativo de troca de mensagens você mais usa? (Marcar somente 1)



Facebook Messenger



Telegram



WhatsApp



Skype



Instagram



Outro:

28. Como você se mantém informado: (Pode marcar + 1 item)



Redes Sociais



Rádio



Telejornal



Outro:



Site de notícias

29. Quais assuntos você acompanha na *Internet*: (Pode marcar + 1 item)



Situação política do país



Situação política no mundo



Crime, violência e direitos humanos



Economia



Novidades tecnológicas



Meio Ambiente, sustentabilidade



Saúde, medicina e bem-estar



Outros: _____



Celebridades e entretenimento

30. Por quais causas – na *Internet* - você se engajaria: (Pode marcar + 1 item)



Igualdade racial



Feminismo



Causa animal



Política



Meio ambiente



Outras: _____



LGBT



	Sim	Não
Você pesquisa na <i>Internet</i> para fazer trabalhos da escola		
Você pesquisa na <i>Internet</i> por curiosidade ou vontade própria		
Você participa de debates nas redes sociais		
Você lê ou assisti a notícias <i>on-line</i>		
Você usa mapas <i>on-line</i>		
Você lê livros ou revistas <i>on-line</i>		
Você faz cursos <i>on-line</i>		
Você conversa por chamada de voz		
Você conversa por chamada de vídeo		
Você posta na <i>Internet</i> foto ou vídeo em que aparece		
Você compartilha na <i>Internet</i> texto, imagem, arquivo, música ou vídeo		
Você posta na <i>Internet</i> um texto, imagem ou vídeo que você mesmo fez		
Você posta ou compartilha na <i>Internet</i> o lugar onde estava		
Você posta Stories (<i>Instagram, Facebook, WhatsApp</i>)		
Você assisti a vídeos, programas, filmes ou séries <i>on-line</i>		
Você ouve música <i>on-line</i>		
você joga <i>on-line</i> , não conectado com outros jogadores		
Você joga <i>on-line</i> , conectado com outros jogadores		
Você baixa aplicativos		
Você baixa músicas, livros ou filmes		
Você faz compras <i>on-line</i>		
Você sabe mudar as configurações de privacidade nas suas redes sociais		
Você sabe desativar a função de geolocalização da <i>Internet</i>		
Você sabe verificar se uma informação encontrada na <i>Internet</i> está correta		
Você sabe escolher que palavras usar para encontrar algo na <i>Internet</i>		

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA AOS GRUPOS FOCAIS FORMADOS POR ESTUDANTES DAS ESCOLAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL – GERAÇÃO I

As discussões do grupo focal tiveram como principal tema o uso da *Internet* e das redes sociais pelos jovens, abordando questões acerca das formas de usos, dos *habitus* virtuais e das sociabilidades gestadas na rede. Foi feito, para casa escola, um grupo focal composto de no mínimo 6 jovens, sendo um casal de jovens de cada série. Além disso, as questões foram apresentadas informalmente, e os participantes responderam espontaneamente.

1. O que você mais gosta de fazer na *Internet*?
2. Conte como foi quando você começou a utilizar as redes sociais?
3. O que você acha das redes sociais? (como você usa, por quanto tempo, tipo de rede social, comunidades que frequenta, quantidade de amigos/contatos, e como se relaciona com eles)
4. Quem são seus amigos/contatos nas redes sociais? (como são essas pessoas com quem você se comunica pelas redes sociais)
5. Que aplicativos você mais usa na *Internet*? Por quê?
6. Seus pais usam *Internet*/Redes Sociais? De que forma?
7. Que tipo de assunto você posta frequentemente nas redes sociais?
8. Você costuma encontrar seus amigos “virtuais” fora da rede? Onde? (Fale sobre esses encontros)
9. Para você, quais as vantagens e desvantagens em usar as redes sociais?
10. Como você convenceria alguém das vantagens no uso das redes sociais?
11. Você acha que há algum perigo no uso da *Internet* e redes sociais?
12. O que você não gosta nas Redes sociais/*Internet*?

ANEXO A – TABELAS DOS TAMANHOS AMOSTRAIS DE CADA ESCOLA/SÉRIE

Estas tabelas foram construídas, pela GAUSS (Empresa Júnior de Estatística – UFC), com base na população amostral total de cada escola. Assim, as tabelas abaixo correspondem aos quantitativos amostrais de cada série e escola selecionados a partir de uma confiança de 90% com erro padrão de 10%.

Para o Colégio São Luiz, com sede na Washington Soares, a amostra adotada para a primeira série do Ensino Médio, considerando $N_h = 170$ (número total de alunos da 1ª série – turnos: manhã e tarde), foi de 38, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	84	84	85	85	85
5%	57	61	65	70	76
8%	37	42	48	55	65
10%	28	33	38	46	57
12%	22	26	31	38	50

Fonte: GAUSS (2020).

Para o Colégio São Luiz, com sede na Washington Soares, a amostra adotada para a segunda série do Ensino Médio, considerando $N_h = 162$, (número total de alunos da 2ª série – turnos: manhã e tarde), foi de 38, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 2 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	80	81	81	81	81
5%	55	59	63	68	73
8%	36	41	47	53	62
10%	28	32	38	45	55
12%	22	26	30	37	48

Fonte: GAUSS (2020).

Para o Colégio São Luiz, com sede na Washington Soares, a amostra adotada para a terceira série do Ensino Médio, considerando $N_h = 199$ (número total de alunos da 3ª série – turnos: manhã e tarde), foi de 41, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 3 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	98	98	99	99	100
5%	63	68	73	80	87
8%	40	45	52	61	73
10%	30	35	41	50	63
12%	23	27	33	41	54

Fonte: GAUSS (2020).

Para todas as amostras anteriores foi usada a metodologia com fator de correção. Para uma confiança de 90% com erro padrão de 10%, tínhamos o total da amostra no colégio São Luiz, com sede na Washington Soares, de $n=218$, de um total de $N=531$ alunos do ensino médio.

Para o Colégio São Luiz, com sede na Aldeota, a amostra adotada para a primeira série do Ensino Médio, considerando $N_h = 211$ (número total de alunos da 1ª série – turnos: manhã e tarde), foi de 42, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 4 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	104	104	105	105	106
5%	65	71	77	84	92
8%	41	46	53	63	76
10%	30	35	42	51	65
12%	23	27	33	42	56

Fonte: GAUSS (2020).

Para o Colégio São Luiz, com sede na Aldeota, a amostra adotada para a segunda série do Ensino Médio, considerando $N_h = 190$ (número total de alunos da 2ª série – turnos: manhã e tarde), foi de 40, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 5 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	94	94	94	95	95
5%	61	66	71	77	84
8%	39	44	51	59	70
10%	29	34	40	48	61
12%	23	27	32	40	53

Fonte: GAUSS (2020).

Para o Colégio São Luiz, com sede na Aldeota, a amostra adotada para a terceira série do Ensino Médio, considerando $N_h = 174$ (número total de alunos da 3ª série – turnos: manhã e tarde), foi de 39, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 6 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	86	86	87	87	87
5%	58	62	67	72	78
8%	38	43	48	56	66
10%	29	33	39	46	58
12%	22	26	31	38	50

Fonte: GAUSS (2020).

Para todas as amostras anteriores foi usada a metodologia com fator de correção. Para uma confiança de 90% com erro padrão de 10%, tínhamos o total da amostra na colégio São Luiz, com sede na Aldeota, de $n=233$, de um total de $N=575$ alunos do ensino médio.

Para a Escola EEFM Dragão do Mar, o tamanho amostral adotado na primeira série do Ensino Médio, considerando $N_h = 484$ (número total de alunos da 1ª série – turnos: manhã e tarde), foi de 53, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 7 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	229	232	234	237	239
5%	98	112	128	149	178
8%	51	61	74	93	126
10%	36	43	53	69	99
12%	26	32	40	53	79

Fonte: GAUSS (2020).

Para a Escola EEFM Dragão do Mar, o tamanho amostral adotado na segunda série do Ensino Médio, considerando $N_h = 505$ (número total de alunos da 2ª série – turnos: manhã e tarde), foi de 54, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 8 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	239	242	244	247	249
5%	100	114	131	153	184
8%	52	62	75	95	129
10%	36	44	54	70	101
12%	26	32	40	53	80

Fonte: GAUSS (2020).

Para a Escola EEFM Dragão do Mar, o tamanho amostral adotado na terceira série do Ensino Médio, considerando $N_h = 481$ (número total de alunos da 3ª série – turnos: manhã e tarde), foi de 53, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 9 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	228	231	233	235	238
5%	98	112	128	149	177
8%	51	61	74	93	125
10%	36	43	53	69	99
12%	26	32	40	53	79

Fonte: GAUSS (2020).

Para todas as amostras anteriores foi usada a metodologia com fator de correção. Para uma confiança de 90% com erro padrão de 10%, tínhamos o total da amostra na escola EEFM Dragão do Mar de $n = 451$, de um total de $N = 1.470$ alunos do ensino médio.

Para a escola José de Alencar, considerando $N_h = 132$ para a área de administração independente do ano letivo, a amostra adotada foi de 34, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 10 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	66	66	66	66	66
5%	48	51	54	57	61
8%	33	37	41	47	53
10%	26	30	34	40	48
12%	21	24	28	34	43

Fonte: GAUSS (2020).

Para a escola José de Alencar, considerando $N_h = 127$ para a área de eletrônica independente do ano letivo, a amostra adotada foi de 33, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 11 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	63	63	64	64	64
5%	47	49	52	55	59
8%	33	36	40	45	52
10%	26	29	33	39	47
12%	20	24	28	33	42

Fonte: GAUSS (2020).

Para a escola José de Alencar, considerando $N_h = 123$ para a área de informática independente do ano letivo, a amostra adotada foi de 33, como mostra a figura abaixo:

Tabela 12 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	61	62	62	62	62
5%	45	48	51	54	57
8%	32	36	40	44	50
10%	25	29	33	38	46
12%	20	23	27	33	41

Fonte: GAUSS (2020).

Para a escola José de Alencar, considerando $N_h = 124$ para a área de mecânica independente do ano letivo, a amostra adotada foi de 33, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 13 – Tabela de tamanhos amostrais

	80%	85%	90%	95%	99%
1%	62	62	62	62	63
5%	46	48	51	54	57
8%	32	36	40	45	51
10%	25	29	33	38	46
12%	20	23	27	33	41

Fonte: GAUSS (2020).

O total da amostra na escola para o nível de confiança de 90%, e erro padrão de 10% foi de $n = 220$, de um total de $N = 506$ alunos do ensino médio. A separação por área independeu da série, sendo feita para se usar o tamanho populacional que fosse relativamente grande, para não se ter uma amostra muito próxima do próprio quantitativo da população, o que aconteceu separando por turma. Uma alternativa seria dividir a amostra por 3, para ter amostras teoricamente por ano letivo, posteriormente, na turma fazer uma seleção proporcional ao número de homens e mulheres, visto que se tinha essa informação, por exemplo, de determinada turma de amostra estimada de tamanho 17 de 43 alunos, sendo desses 30 homens e 13 mulheres, calcularia-se a proporção de homens e mulheres em relação ao total da turma, e em seguida aplicaria a proporção encontrada, em relação a amostra desejada.

ANEXO B – RESUMO TEÓRICO DAS FERRAMENTAS ESTATÍSTICAS E MÉTODOS UTILIZADOS

1 Tabela de Contingência

As tabelas de contingência são usadas para registrar observações independentes de duas ou mais variáveis aleatórias, normalmente qualitativas.

Suponha duas variáveis de uma população, A e B, em que se pretende relacioná-la com outras duas variáveis C e D. Retirando-se uma amostra aleatória dessa população, uma tabela de contingência conteria as frequências em cada classe. A tabela seria da seguinte forma:

Tabela 1 – Exemplo de tabela de contingência

Variáveis	Variáveis	
	C	D
A	5	3
B	3	49
Total	8	52

Essa tabela de contingência possibilita, então, realizar testes para saber se há ou não independência entre variáveis.

2 Teste de Hipóteses

Definição: Um teste de hipóteses estatístico é um procedimento utilizado para testar duas hipóteses disjuntas, em relação a um parâmetro de interesse. Utiliza-se a nomenclatura H_0 e H_1 para representar as hipóteses, as quais são chamadas de "hipótese nula" e "hipótese alternativa", respectivamente.

Quando se testa uma hipótese, pode-se encontrar dois tipos de erros:

Erro Tipo I: Consiste em rejeitar a hipótese nula, dado que ela é verdadeira. Geralmente, representa-se por α a probabilidade de cometer esse tipo de erro.

Erro Tipo II: Consiste em não rejeitar H_0 , dado que ela é falsa. Normalmente, representa-se com a letra grega β a probabilidade de cometer esse erro.

Ambos os erros devem ser evitados, porém, por questões matemáticas, geralmente, só se pode controlar, facilmente, o Erro Tipo I, por isso, deve-se estabelecer as hipóteses de forma que o Erro Tipo I, seja o erro mais prejudicial ao processo estudado.

Nível de significância: O valor de α , referente ao Erro Tipo I, é chamado de nível de significância, esse valor deve ser pré-estabelecido pelo pesquisador.

Estatística de teste: É a estatística amostral na qual basea-se os valores para decidir pela rejeição ou não de H_0 . Essa estatística é associada ao estimador do parâmetro que se deseja testar. Por exemplo, ao testar algo sobre o real valor da média populacional μ (parâmetro), quando conhece-se o valor do desvio padrão populacional (σ) utiliza-se a estatística de teste abaixo:

$$Z = \frac{\bar{X} - \mu}{\sigma/\sqrt{n}}$$

Onde:

\bar{X} é a média amostral, sendo ela o estimador natural da média populacional; n é o tamanho da nossa amostra.

Região de Rejeição: É a região formada pelo conjunto de valores que levam H_0 a ser rejeitada. O valor que delimita essa região é denominado valor crítico. Caso o valor calculado da estatística de teste caia nessa região, rejeita-se a hipótese nula.

Nível descritivo ou valor-p: É o menor valor para o qual rejeita-se a hipótese nula. Quando esse valor cai na região crítica, rejeita-se H_0 . Para saber se se rejeita ou não H_0 baseado no valor-p, deve-se compará-lo com o nível de significância do teste e rejeitar H_0 , se aquele for menor do que este, rejeita-se H_0 .

3 Teste de Independência

Como em todo teste de hipóteses, deve-se estabelecer primeiro as hipóteses a serem testadas. Num teste de independência as hipóteses são:

H_0 : As variáveis de classificação são independentes;

H_1 : As variáveis de classificação não são independentes.

Existem vários testes de independência, em que cada um desses testes são adequados para uma determinada situação.

4 Teste Qui-Quadrado

O teste χ^2 (Qui- Quadrado) é um dos testes usados para avaliar se há independência

entre variáveis qualitativas, para isso, devemos dispor nossos dados em uma tabela de contingência, no caso em que se pretende testar a hipótese de independência entre, exatamente, duas variáveis, utiliza-se uma tabela de dupla entrada.

Para realizar o teste, é testada a hipótese como segue:

H_0 : As variáveis são independentes;

H_1 : As variáveis não são independentes.

Para isso, é utilizada a estatística de teste abaixo:

$$\chi_v^2 = \frac{\sum_{i=1}^k \sum_{j=1}^l (O_{ij} - E_{ij})^2}{E_{ij}}$$

Onde:

k é o número de linhas da tabela ;

l é o número de colunas;

$E_{ij} = np_{ij}$ é a frequência esperada da célula ij ; p_{ij} é a probabilidade de ocorrer uma observação na célula ij . Se as variáveis são independentes, espera-se que $p_{ij} = p_i * p_j$, onde p_i é a probabilidade marginal correspondente a linha i , e p_j é a probabilidade marginal correspondente a coluna j ;

$v = (k - 1)(l - 1)$ é o grau de liberdade. Assim como, nos demais testes de hipóteses, rejeita-se H_0 , caso a probabilidade encontrada seja menor do que o nível de significância estipulado.

5 Teste Exato de Fisher

É um teste de significância estatística utilizado na tabela de contingência. Esse teste permite comparar grupos de duas amostras independentes, o objetivo é testar se a variável da linha e a variável da coluna são independentes. É utilizado quando se tem um tamanho amostral pequeno. Pertence a uma classe de testes exatos, pois o desvio de uma hipótese nula pode ser calculada exatamente, invés de depender de uma aproximação. Fornece o valor p preciso, e como visto não existe técnica de aproximação. É exato para todos os tamanhos de amostras. Para realizar o teste exato de Fisher no software R Core Team (2020) é utilizado a função `fisher.test`, que faz parte do pacote `stats`.

6 Teste de Proporção

Tem-se que testar hipóteses, e construir intervalos de confiança para a proporção de uma população. Supondo que, uma amostra aleatória de tamanho n tenha sido retirada de uma grande população, e que X são as observações, nessa amostra, que pertencem a uma classe de interesse. Então, $P = X/n$ é um estimador da proporção p da população, que pertence a essa classe, n e p são parâmetros da Distribuição Binomial, em que n é o tamanho amostral, e p a proporção.

Para o teste bilateral:

$$\begin{aligned} H_0: p &= p_0 \\ H_1: p &\neq p_0 \end{aligned}$$

A estatística de teste é:

$$Z_0 = \frac{X - np_0}{\sqrt{nX/n(1 - X/n)}}$$

Rejeita-se a hipótese nula se:

$$Z_0 < -Z_{1-\alpha/2} \text{ ou } Z_0 > Z_{1-\alpha/2}$$

Para o teste unilateral a direita:

$$\begin{aligned} H_0: p &= p_0 \\ H_1: p &> p_0 \end{aligned}$$

A estatística de teste é:

$$Z_0 = \frac{X - np_0}{\sqrt{nX/n(1 - X/n)}}$$

Rejeita-se a hipótese nula se:

$$Z_0 > Z_{1-\alpha}$$

7 Teste de Post Hoc

Análise Post Hoc é feita após a conclusão do estudo, usando o tamanho do estudo e de efeito obtidos para determinar a potência da amostra estudada, podemos dizer que são conjuntos de teste para determinar as diferenças presentes. Os testes são para comparações pareadas, projetadas afim de comparar todas as diferentes combinações dos grupos de tratamento. Observando as taxas erro, temos:

- a) Erro tipo 1: É a probabilidade de rejeitar a hipótese nula (H_0), quando ela é

verdadeira.

b) Erro tipo 2: É a probabilidade de não rejeitar a hipótese nula (H_0), quando ela é falsa.

Probabilidade de acontecer pelo menos um erro do Tipo I em um conjunto de relações estatísticas, assumindo erroneamente que pelo menos uma das diferenças analisadas é significativamente diferente da hipótese nula.

$$\alpha_{FW} = 1 - (1 - \alpha)^c$$

Onde C é o número de comparações, então dessa forma temos que:

$$c = \frac{k * (k - 1)}{2}$$